

REVISTA DA SEMANA

Nº

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

7 12 - 46



Bom gosto



... é tudo isto : o ambiente requintado, a delícia do paladar e — principalmente — o encanto do espírito, com a leitura agradável e proveitosa, que se terá adquirindo o

EU SEI TUDO

ALMANAQUE

para 1947, à venda este mês em todo o Brasil. Pedidos a
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Rua Maranguape - 15



A SEMANA POR SENSACIONAL, por muitos motivos. Socialmente como política mente. Os grandes grafismos e até mesmo os simples homens da rua comentaram com interesse o sensacional caso do velho comendador Martinelli, que deixou uma herança de quinhentos milhões de cruzeiros e uma família que está brigando encarniçadamente pela poltrona herança... Antes de sofrer o insulto cerebral que o matou, o velho magnata iniciara uma ação de desquite. Explodiu o escândalo, a esposa quis interditar-lhe, estando o marido ainda para desencarnar seis dias depois, já tinha ido à justiça assegurar seu direito de prioridade ao registro do óbito... Agora, a família lutar para fazer prevalecer um testamento contra outro, porque havia dois, interessando cada um a um determinado grupo... Na política, discursos sensacionais foram proferidos na Câmara e no Senado contra a projetada lei de segurança, contra a qual foram lançados também manifestos variados, inclusive da Sociedade dos Amigos da América, da União Metropolitana de Estudantes, da Resistência Democrática, etc. O ex-ditador também fez discursos, dizendo-se socialista, o que, aliás, enganou a bem pouca gente... Entrou em liquidação o ex-Cassino Atlântico, que deu muito dinheiro a ganhar aos seus donos, na época do jogo brasileiro, — seria esse o socialismo como o entendia o Sr. Getúlio Vargas? Por falar em jogo, anda por aí muito pífepape clandestino e há ex-empregados de Cassinos em Copacabana ganhando presentemente mais do que ganhavam nos bon tempos da batota brasileira, — e isso só à custa do barato que cobram aos inveterados jogadores formados por aqueles verdadeiros "cidades-universitárias" da jogatina... São foi à tona que o navio "Mormacdown", que nos trouxe alguns tratores, geladeiras e alguns sacos de trigo, trouxe-nos também de quebra, eis toneladas meia de baralhos... Começaram a surgir na cidade os cartazes e as faixas dos candidatos ao cargo de vereador municipal. Teremos cinquenta vereadores, aproximadamente, e os partidos que organizaram suas chapas foram a Esquerda Democrática, a União Democrática Nacional, o Partido Trabalhista Brasileiro, o Partido Republicano (não confundir com o R.P. que é a última máscara do integralismo), o Partido Comunista, etc. Há cerca de pelo menos, quatrocentos candidatos, para um número tão reduzido de lugares. E entre esses candidatos há jornalistas como peixes: Hermano Requião, Rubem Braga, Emílio Araripe, Clovis Ramalho, Carlos Lacerda, Osório Borba, Victor do Espírito Santo, Joel Silveira, Aparício Torelli, Pedro Motta Lima, Benedito Mergulhão, Dias da Cruz, Guilherme Figueiredo, — gente de todos os matices e de quase todos os credos políticos. Se eles todos forem eleitos, poderão ser ao mesmo tempo o Conselho Municipal e o Conselho da A.B.I. O Sr. Gonçalo da Fonseca, que não é candidato, mas podia ter sido, defende a causa dos pintores contra o Sr. Osvaldo Teixeira no "Contra-mão", de "Diretrizes", nos seguintes termos: "Vamos ter Salão este ano. Profundamente lamentável. Osvaldo Teixeira queria transformar-se numa espécie de ditador artístico do Brasil, mas os pintores e escultores não estiveram pelo ajuste e bateram o pé. O ministro Souza Campos deu uma forte ao Osvaldo. Estão as coisas num impasse. Nem o Osvaldo recua, nem os artistas cedem. Agora eles que chega de ditadura. E eu acho, também. Por que diale o Osvaldo não se demite voluntariamente de diretor do Museu, já que toda a classe o repudia?" Por falar em belas-artistas, fique registrado que o Hotel Serrador está sendo atacado pelo escultor Story Gama, que deixou ali, em exibição, uma estátua da baba da Madeleine Bonaparte, em barro. A estatua foi quebrada e o escultor quer cem milhões de indenização, mas o hotel, em vez disso, parece querer cobrar aluguel do espaço ocupado pela estátua que, com toda esta crise de habitações, estava morando ali de graça. Cesar Lacerda, aprendiz de jornalista, revelou numa correspondência que Mussu do Pandeiro vai estreitar em "Copacabana", o próximo filme de Carmen Miranda. O lado de Anny Russell e Grotcio Marx. Mais uma brasileira no cinema estrangeiro. Aíla Barros, a apresentadora pequena de "Jardim do Pecado" e "No Trampolim da Vida", da Cinematográfica Imperial Ltda. Firma de sorte, sa, que faz dois filmes e manda a "estrela" para os Estados por sete anos... ou será azar? Notável, o sucesso da exposição de arte italiana inaugurada no Ministério da Educação. Também digna de registro a mostra de arte do artista italiano Gaetano de Gennaro, no Copacabana Palace Hotel. O retratista de talha, Gaetano de Gennaro é um mestre do pastel. Está alcançando uma ampla e significativa repercussão o lançamento do nome de Gilberto Freyre como candidato do Brasil ao Prêmio Nobel de Literatura. Por falar em prêmios, Manuel Bandeira, o grande poeta modernista, e Villa-Lobos, o nosso maior talento musical, vão receber os primeiros prêmios do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. Adado à Unesco, de valor de cinquenta mil cruzeiros cada um. E Breno Accioly, jovem escritor, tirou o primeiro da Fundação Graça Aranha, com seu livro "João Urso". Prêmio melhor, ainda, foi o que Dulcina de Moraes, a grande figura feminina do nosso teatro, levou em Buenos Aires, o de ser consagrada como uma atriz de exceção, pela crítica argentina, pela sua admirável criação de "Chuva", em espanhol, no Teatro Astral, na capital portenha. Um bravo a Dulcina! E que o mundo marche, trazendo-lhe a cada dia novos e maiores triunfos...



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante



OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — O contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — O contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço avulsas, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer

OFICINA DE ORDEM
AVANÇADA EM
DICAS COM ATENDIMENTO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 28

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

8. Att.

AVENUE
MONTAIGNE





REABILITAR-SE-Á NO MUNDO O CINEMA FRANCÊS?

Aspectos técnicos e econômicos da produção dos estúdios gauleses em 1946 —
Perspectivas que se abrem à indústria cinematográfica na França.

Por RENÉ JEANNE — Especial para REVISTA DA SEMANA

"Que o cinema francês tenha sobrevivido ao colapso que sofreu, é algo de milagroso..." — tal a opinião de quantos assistem à projeção de um filme realizado na França, após a Libertação.

Ainda está longe de reencontrar seu equilíbrio o cinema francês, embora tenha melhorado sensivelmente seus recursos materiais, no decorrer de 1946. A decoração, confecção de costumes, acondicionamento dos filmes, emprego da eletricidade nos cenários exteriores — antes impossível — já não oferece dificuldade. A realização do filme "Les Portes de la Nuit" (As portas da Noite) de Marcel Carné prova o considerável progresso já feito no caminho para a normalidade.

O quadro dos artistas já melhorou consideravelmente. Muitos dos atores que, em 1945, estavam afastados, por

medidas de depuração, já voltaram a trabalhar. Além disso, novos talentos se revelaram, como André Clément, que desempenhou papéis notáveis em "La fille du Diable" (A Filha do Diabo), Yves Montand e vários outros...

Apesar disso, o cinema francês não realizou, neste outono, nenhum grande filme. Chamamos "grande filme" a uma obra de tal originalidade, de tão profundo valor que marque época na história do cinema. Talvez "Les Portes de la Nuit" seja um grande filme. Mas quando será exibido? Marcel Carné não se preocupa com o calendário.

Até o momento não foi produzido nenhum filme que possa ser comparado a "Enfants du Paradis" (Crianças das Galerias) — verdadeiro grande filme sob todos os aspectos. Nenhum, nem mesmo "Cyrano de Bergerac" que, pelo próprio título — universalmente célebre — e pelo



Ao alto da página: Edwige Fenech, uma das grandes atrizes do cinema francês contemporâneo. Ela acaba de terminar a filmagem de "Il suffit d'une fois" (Basta uma vez). Na página à esquerda: Louis Jouvet, que regressou à França, depois de vários anos de exílio, reapareceu no cinema em "O Inesperado" (Le Revenant). A direita: Jean Gabin, uma das figuras mais famosas do cinema francês, voltou à pátria e filmou, há pouco, "Martin Roumagnac", com Marlene Dietrich.

assunto, todos esperavam fosse marcar época. Assim não o quis, porém, a fatalidade que tem nas mãos os fios da vida cinematográfica.

★

Explica-se esta crise. E' que, embora, as condições materiais tenham melhorado, continuam más as condições econômicas. O preço de custo de um filme é tão elevado que sem o auxílio da exportação não pode ser compensado. Mas a exportação sofre tantas restrições de ordem administrativa fiscal e aduaneira, que se torna difícil. Ainda assim, foi criada em Buenos Aires uma agência cinematográfica francesa que se encarregará da difusão do filme francês em toda a América Latina de língua espanhola, com legendas em espanhol. A Polónia e a Tchecoslováquia, onde o cinema é nacionalizado, importaram certo número de filmes franceses escolhidos por seus representantes oficiais. Quanto ao Canadá, foram assegurados os direitos de exploração de certo número de filmes franceses à importante organização que visa instituir a colaboração franco-canadense.

Se continuar a exportação de filmes franceses para o exterior e especialmente, para os Estados Unidos, os estúdios parisienses e os da Côte Azur — está sendo construída em bases inteiramente novas, uma cidade do cinema em Mougins, não longe de Cannes — poderão en-

frentar a produção de filmes materialmente mais importantes do que os dos últimos meses.

★

Talvez, porém, não seja lamentável esta crise provisória de grandes filmes, pois ela apresenta lados bons: não podendo realizar "grandes filmes", os produtores franceses se aplicam a fazer filmes médios de boa qualidade e mesmo de qualidade superior, tanto intelectualmente, como técnico e materialmente. A crítica que sofreu "Les Dames du Bois de Boulogne", "La Belle et la Bête" e a "Symphonie Pastorale" e as polémicas que suscitaram, não prova a falta de interesse neles mas, pelo contrário, prova que são dignos de despertar a atenção, de provocar discussões, isto é, que apresentam qualidades de "grandes filmes".

Observa-se que a produção francesa atual foi influenciada por três grandes correntes que a levaram a domínios onde devido a causas diversas, ela ainda não se tinha aventurado.

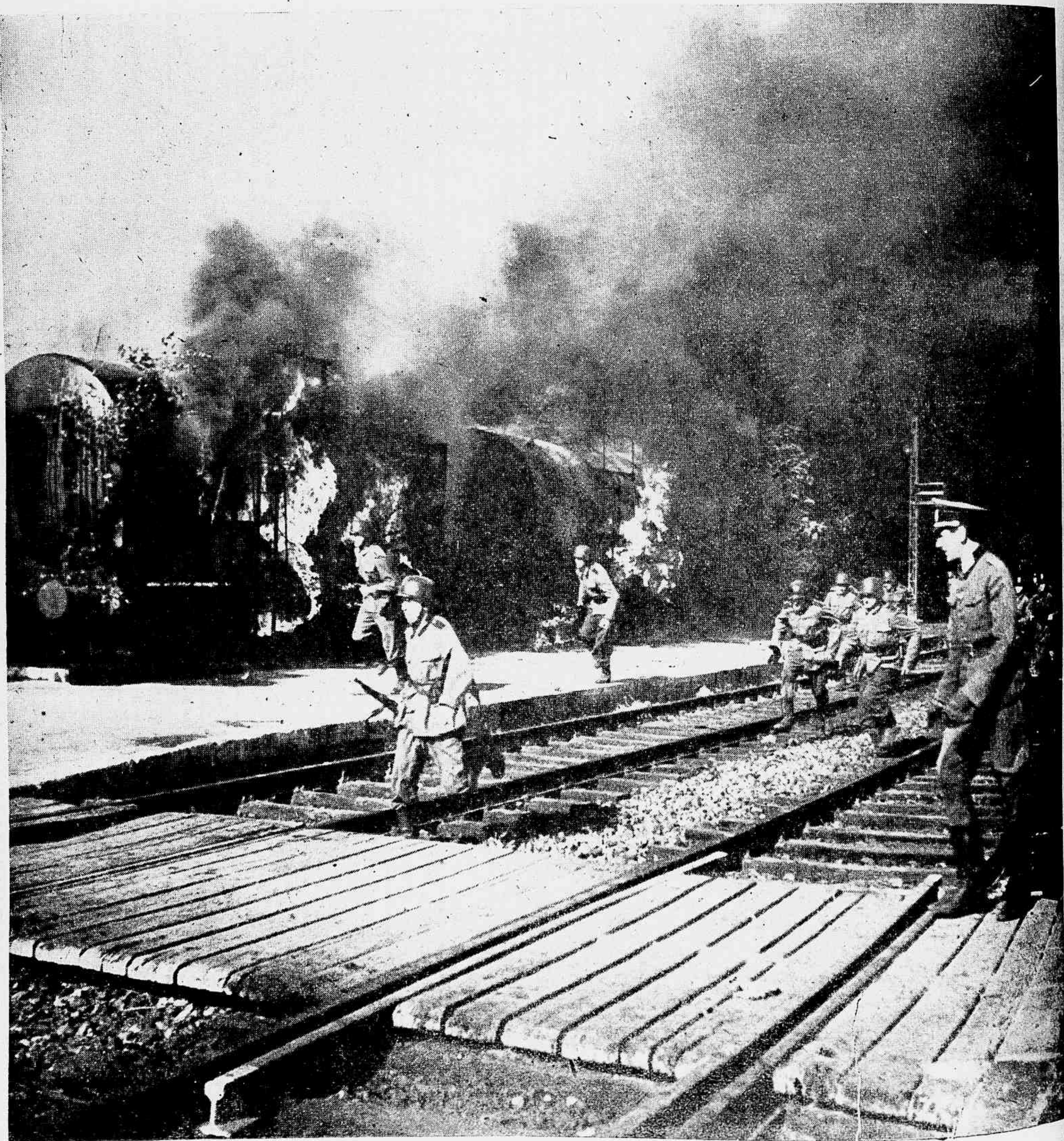
A primeira dessas correntes é a da guerra, da ocupação alemã da clandestinidade, da resistência. Não há necessidade, da resistência. Não há necessidade de dizer porque ficou inexplorado porque foi abandonado, qualquer desejo de se aproveitar, então, esse assunto e explorá-lo. Ao contrário do que se poderia supor, os filmes ba-

seados nesses temas, longe de se assemelharem, são muito diferentes e satisfazem a todos os gostos, desde "Jerichó" até "Fils de France", sem esquecer "Un Ami vient de ce soir" e "Les Démones de l'Aube". Mas, incontestavelmente, "La Bataille du Rail", de René Clément, supera todos eles. Condensa, por assim dizer, todo o vigor dos documentários.

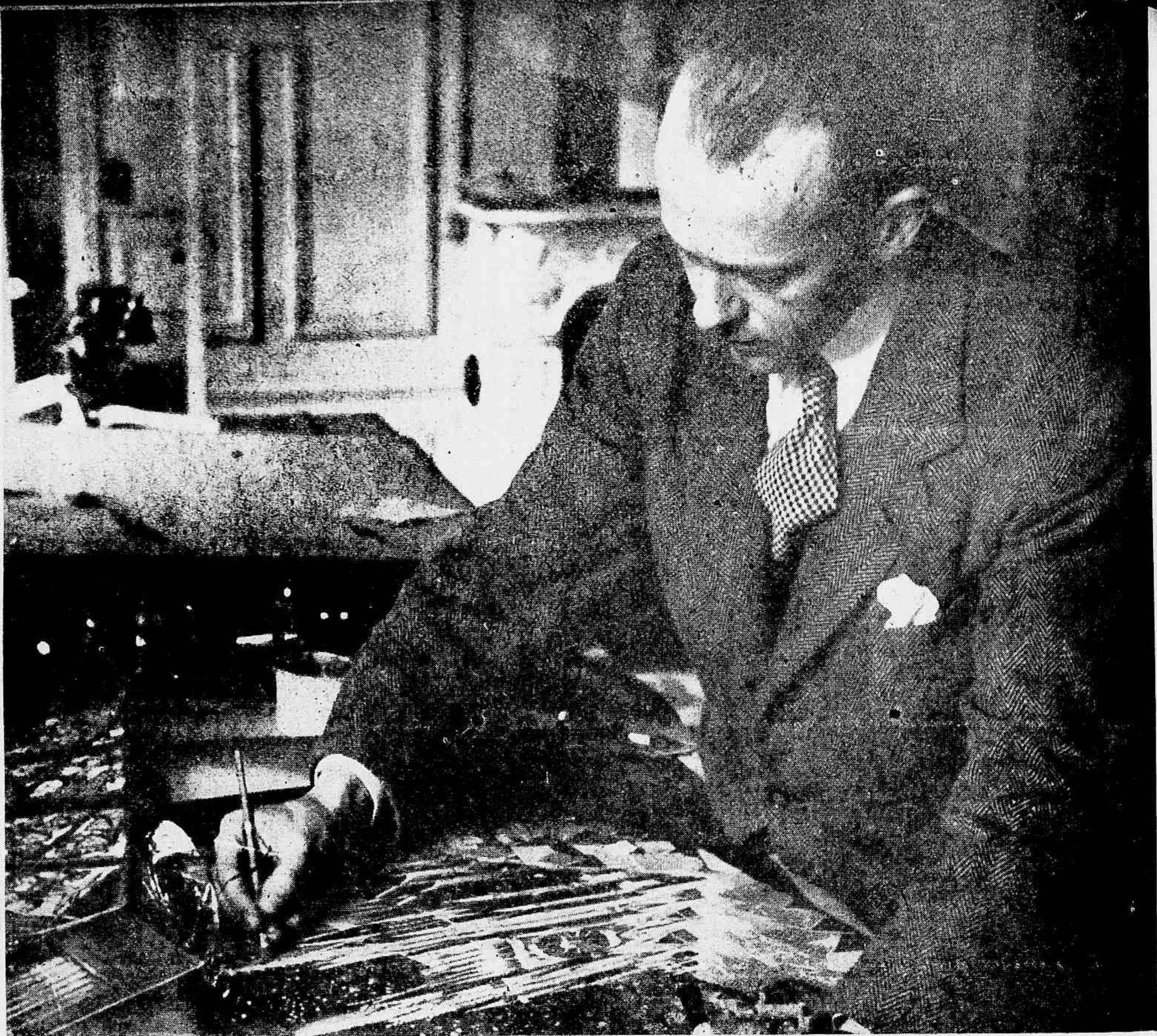
A segunda corrente é de inspiração campestre, que produziu filmes diferentes, em expressão, tais como "Sortilèges", de Christien Jacque; "La Femme du Pendu", de Gilbert Dupé e Jean Breville; "Rabotier" de Jack Darro, extraído do romance de Maurice Genevoix; e "La Fille aux yeux gris" de Jean Faurez. Pode-se ainda citar "Nais" que Marcel Pagnol extraiu, livremente, do romance de Emile Zola intitulado "Nais Micoulins". Talvez esta corrente tenha sido influenciada pelo sucesso conseguido, até nos Estados Unidos por "Goupi Mains Rouges".

Entim, a terceira corrente, a que arrastou o cinema francês para fora dos caminhos já muito explorados do realismo e o arrastou para o domínio da fantasia, do maravilhoso e para o outro lado da vida. A que se deveria tal tendência? Necessidade de evasão? Preocupação pelo que pode dar à vida sua verdadeira significação, preocupação muito natural em quem viveu, durante anos junto à morte, e para quem vive presentemente sob a ameaça da bomba atômica? Ou — mais simplesmente, — desejo, voluntário ou involuntário, de trazer o cinema para os caminhos que, desde 1900, lhe haviam sido abertos.

Em baixo: Cena do impressionante filme francês "Jerichó" no qual o diretor Henri Caïef conta a história de cinquenta prisioneiros dos alemães em Amiens, miraculosamente libertados. Na página à direita: Michele Morgan, que apareceu em muitos filmes americanos, acaba de ser premiada, no Festival de Cannes, como a melhor intérprete de 1946, pelo seu trabalho em "Sinfonia Pastoral", filme extraído do romance de André Gide.







Este é Jean D'Orsay, o maior técnico dos desenhos animados, a quem dão o título de Walt Disney francês.

tos por Georges Méliès? Seja qual for a explicação, "Sylvie et le Fantôme" de Claude Autant-Lara; "La Tentation de Barbizon" de Jean Steill; "Les Gueux au Paradis" de Le Hénaff; "Le Pays sans étoiles" de Pierre Véry e Georges Lacombe, provam que o cinema francês se mantém fiel à sua antiga e melhor tradição.

Foi ainda a duas de suas mais antigas tradições que ele voltou — a comédia sentimental e alegre — com, entre outros filmes, "Au Petit Bonheur" de Marcel Herblin; "La Cage aux Rossignols" de Noël-Noël; "Le Capitain" de Robert Vernay; e "Patrie" de Daquin e o grande drama de costumes, senão histórico, gênero que ele revelou aos cineastas americanos ao lhes enviar, em 1912, "La Reine Elisabeth", de que Sarah Bernhardt era a estrela. Este filme foi o primeiro elo da longa cadeia não mais interrompida, da colaboração cinematográfica franco-americana.

★

"O cinema não conhece fronteiras". E' esta uma ver-

dade tão sabida tão frequente e sentenciosamente afirmada que sentimos certo acanhamento em citá-la. E, apesar de todos os esforços para reforçar as fronteiras existentes ou para criar outras, ela permanece de pé. Nos domínios cinematográficos já se começa mesmo a pensar que importa tirar todas as consequências dessa verdade primária. O lugar cedido ao cinema, nos acórdos Byrnes-Blum, prova o que dissemos. Não é aqui lugar apropriado para falar desses acórdos sobre os quais já se disseram tantas coisas inúteis. Ao mesmo tempo, porém, que deixam perceber que a importância do cinema foi enfim compreendida nas esferas governamentais mais elevadas, demonstram os acórdos que o cinema não pode prescindir da colaboração internacional: os filmes produzidos em Hollywood têm necessidade dos "écrans" franceses, como os filmes franceses dos "écrans" americanos. Esta colaboração nunca foi recusada pela França à América. Assim, logo após a primeira guerra mundial, os cinemas franceses acolheram simpaticamente as produções americanas. Os estúdios parisienses contrataram, astros como Fanny Ward, Pearl White, Gloria Swanson, sem esperar que Hollywood fizesse o mesmo com Huguette Duflos, Françoise Rosay, Maurice Chevalier e Charles Boyer...

Embora a presença de artistas franceses em filmes americanos não tenha produzido nenhuma obra prima da arte cinematográfica, não quer isso dizer que o sistema nada valha pois ele aprovou noutros lugares: "Thérèse Raquin" que é uma das obras primas menos discutidas do cinema mudo em seu apogeu se deve à colaboração franco-germânica. Mas sem renunciar a essa colaboração, será provavelmente num plano totalmente diferente que a França e a América poderão colaborar cinematograficamente da maneira mais eficaz.

Durante muito tempo, o público americano ignorou, quase completamente, a produção cinematográfica francesa. Levou a guerra, a Hollywood homens como René Clair, Julien Duvivier, Jean Renoir, Léonide Moguy, que realizaram filmes iguais aos melhores da produção puramente nacional e revelaram, assim, o mérito dos técnicos france-

ses. Ao mesmo tempo, filmes como "La femme du Boulanger", "Goupi-Mains Rouges" que, em algumas cidades, permaneceram no cartaz durante vários meses, tornou-lhe conhecidas paisagens e fisionomias ignoradas, até então. Satisfez assim o público americano essa necessidade de novidade a que o cinema corresponde tão generosamente.

Os filmes que, em virtude do acórdio Pathé-RKO, vão ser realizados na França sobre assuntos franceses e projetados nos cinemas americanos, exatamente como os da produção nacional da grande firma americana, vão fornecer aos povos dos Estados Unidos novos reflexos da vida francesa e aspectos inéditos. Abrirão esses filmes, mais amplamente, os cinemas dos quarenta e oito estados da União à produção francesa? Só o futuro o dirá. Mas é o que se espera, pois esse contato, livre e direto do cinema francês com o imenso público americano, será, certamente, a melhor e mais aproveitável forma de colaboração entre as duas mais importantes forças cinematográficas do mundo atual. (Copyright do S.F.I.).



A esquerda: Georges Marchal, que faz um dos papéis principais de "Les démons de l'aube", é também um grande realizador teatral. A direita: O famoso ator Raimu morreu há pouco e seu desaparecimento constituiu uma grande perda para o cinema francês. Aqui o vemos com Lucy Valmor, em uma cena de "O homem do chapéu côco", extraído do romance "O eterno marido", de Dostolevsky. Raimu levou o cinema francês ao mundo inteiro, através de filmes como "A mulher do Padeiro" e "Um carnet de baile".





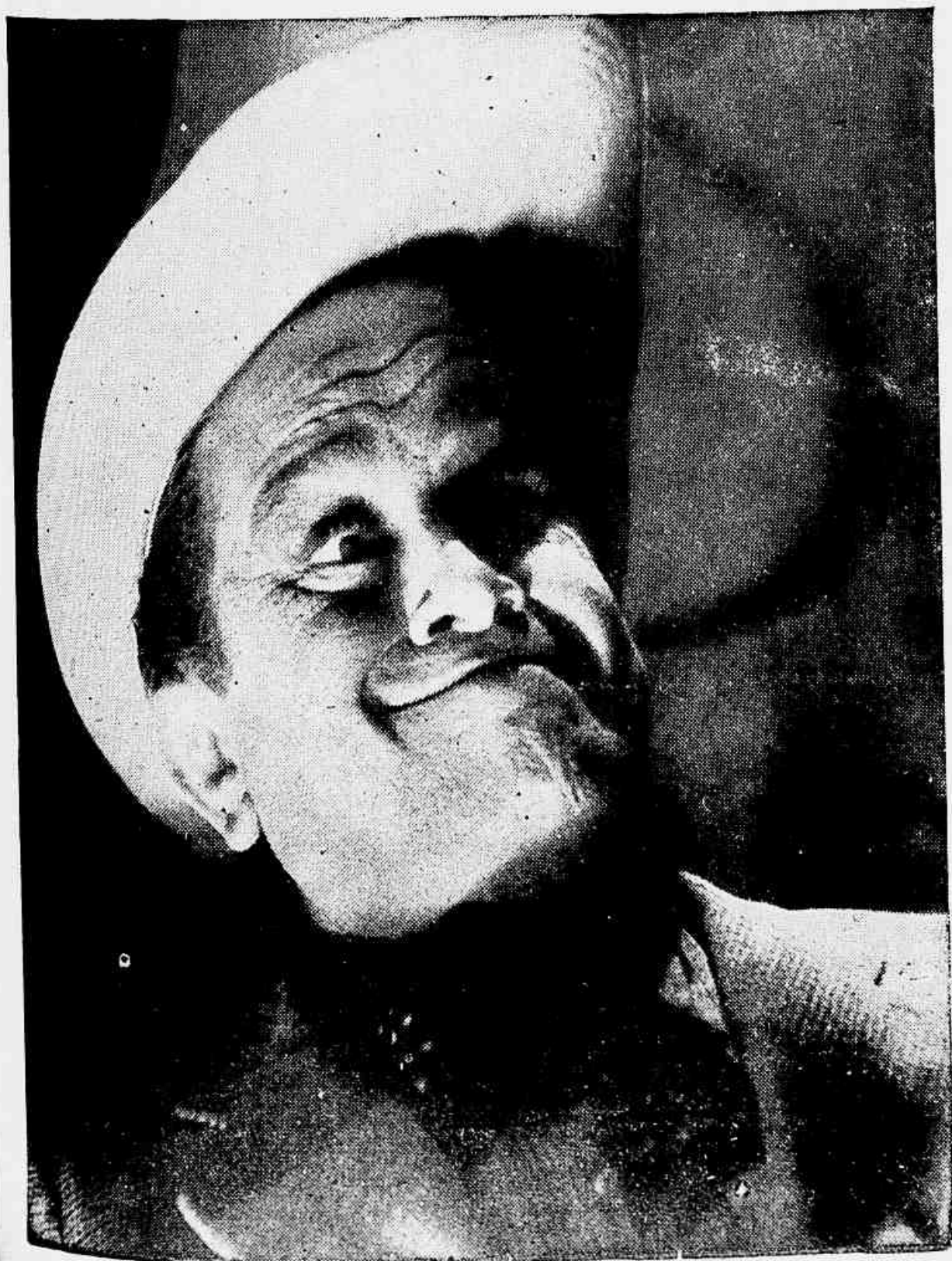
NOVO EXITO DO CINEMA BRASILEIRO

A cinematografia nacional está de parabéns. Os nossos estúdios já conseguem manter uma continuidade de produção a despeito de todas as dificuldades técnicas e cada filme brasileiro avança sempre um pouco mais dentro da sua arte. Prova essa afirmativa a nova película da Cinematografia Imperial Ltda. — que há pouco tempo nos revelou Clélia Barros em "Jardim do Pecado" — e que agora em 9 de dezembro nos apresenta outro celuloide digno de louvores sob todos os pontos de vista. Chama-se esta nova produção, produzida por Alexandre Wulffes, "NO TRAMPOLIM DA VIDA" e tem como intérpre-

tes centrais Jararaca e Ratinho, coadjuvados de perto pela encantadora Clélia Barros e as cantoras de nosso teatro ligeiro América Cabral e Adélia Iorio, Alexandre Carlo que faz o casal amoroso com Clélia Barros, o novato-revelação João Martins e a bailarina Luz del Fuego, em números excitantes com cobras vivas. O "super-cast" conta ainda com a colaboração de muitos outros nomes conhecidos do público carioca, como Mara Rubia (a "Miss Campeonato"), Violeta Ferraz, Pedro Dias, Grijó Sobrinho, Apolo Correa e outros ases do nosso teatro e rádio. A direção do filme esteve a cargo de Francisco Eichorn, tendo a

seu lado Edgar Eichorn (fotografias e efeitos de luz), Paul Stille (câmera) Helmut Pavel (som) ficando a parte musical a cargo do maestro Alberto Lazolli e orquestra da rádio Mayrink Veiga. O argumento é de autoria do próprio Jararaca, com a colaboração de A. Alencastre. A crítica que já assistiu a película, em sessão especial, foi unânime em considerá-la um filme divertidíssimo, com situações bem arquitetadas e com um seguimento sem quebras de direção. O público vai acreditar ainda mais na indústria cinematográfica indígena depois de assistir "NO TRAMPOLIM DA VIDA".

Em cima, aparecem Luz del Fuego e Clélia Barros e, em baixo, Ratinho e Jararaca.



O CÔNEGO OU A METAFISICA DO ESTILO

— “VEM do Líbano, esposa minha, vem do Líbano, vem... As mandragoras deram o seu cheiro. Temos às nossas portas toda a casta de pombo...”

— “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que se encontres o meu amado, lhe façais saber que estou enferma de amor...”

Era assim, com essa melodia do velho drama de Judá, que procuravam um ao outro na cabeça do cônego Mathias um substantivo e um adjetivo... Não me interrompas, leitor precipitado; sei que não acreditas em nada do que vou dizer. Di-lo-ei, contudo, a despeito da tua pouca fé, por que o dia da conversão pública há de chegar.

Nesse dia — cuido que por volta de 2222 — o paradoxo despirá as asas para vestir a jupon de uma verdade comum. Então esta página merecerá mais que favor, apoteose. As academias e institutos farão dela um pequenino livro, para uso dos séculos papel de bronze, corte-durado, letras de opala embutida, e capa de prata fosca. Os governos decretarão que ela seja ensinada nos gínásios e liceus. As filosofias queimarão todas as doutrinas anteriores, ainda as mais definitivas e abraçarão esta psicologia nova, única verdadeira, e tudo estará acabado. Até lá passarei por tonto, como se vai ver.

Mathias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico. Tem quarenta anos de idade, e vive entre livros e livros, para os lados da Gambôa. Vieram encomendar-lhe o sermão para certa festa próxima; ele que se regalava então com uma grande obra espiritual, chegada no último parquete, recusou o encargo; mas instaram tanto, que aceitou.

— Vossa Reverendíssima faz isto brincando, disse o principal dos festeiros.

Mathias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas. Os festeiros despediram-se com grandes gestos de veneração, e foram anunciar a festa nos jornais, com a declaração de que pregava ao Evangelho o cônego Mathias, “um dos ornamentos do clero brasileiro”. Este “ornamento do clero” tirou ao cônego a vontade de almoçar, quando ele o leu agora de manhã; e só por estar ajustado, é que se meteu a escrever o sermão.

Começou de má vontade, mas no fim de alguns minutos já trabalhava com amor. A inspiração, com os olhos no céu, e a meditação, com os olhos no chão, ficam a um e outro lado do espaldar da cadeira, dizendo ao ouvido do cônego mil cousas místicas e graves. Mathias vai escrevendo, ora devagar, ora depressa. As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. Algumas trazem poucas emendas ou nenhuma. De repente, indo escrever um adjetivo, suspende-se: escreve outro e riscar; mais outro, que não tem melhor fortuna. Aqui é o centro do idílio. Subamos à cabeça do cônego.

Upa! Cá estamos. Custou-te, não, leitor amigo? E' para que não acredites nas pessoas que vão ao Corcovado, e dizem que ali a impressão da altura é tal, que o homem fica sendo coisa nenhuma. Opinião pânica e falsa como Judas e outros diamantes. Não creias tu nisso, leitor amado. Nem Corcovados, nem Himalaias, valem muita coisa ao pé da tua cabeça, que os mede. Cá estamos. Olha bem que é a cabeça do cônego. Temos à escolha um ou outro dos hemisférios cerebrais; mas vamos por este, que é onde nascem os substantivos. Os adjetivos nascem no da esquerda. Descoberta minha, que ainda assim, não é a principal, mas a base dela, como se vai ver. Sim, meu senhor, os adjetivos nascem de um lado, e os substantivos de outro, e toda a sorte de vocabulos está assim dividida por motivo da diferença sexual...

— Sexual?

Sim, minha senhora, sexual. As palavras têm sexo. Estou acabando a minha grande memória psico-léxico-lógica, em que exponho e demonstro esta descoberta. Palavra tem sexo.

— Mas, então, amam-se umas às outras?

Amam-se umas às outras. E casam-se. O casamento delas é o que chamamos estilo. Senhora minha, confesse que não entendeu nada.

— Confesso que não.

Pois entre aqui também na cabeça do cônego. Estão justamente a suspirar deste lado. Sabe quem é que suspira? é o substantivo de há pouco, o tal que o cônego escreveu no papel, quando suspendeu a pena. Chama por certo adjetivo, que lhe não aparece: “Vem do Líbano, vem...” E fala assim, pois está em cabeça de padre; se fosse de qualquer pessoa do século, a linguagem seria a de Romeu: “Julietta é o sol... ergue-te, linto sol”. Mas em cérebro eclesiástico, a linguagem é a das Escrituras. Ao cabo, que importam fórmulas? Namorados de Verona ou de Judá falam todos o mesmo idioma, como acontece com o taler ou o dolar, o florim ou a libra que é tudo o mesmo dinheiro.

Portanto, vamos lá por essas circunvoluções do cérebro eclesiástico, atrás do substantivo que procura o adjetivo. Silvio chama por Silvia. Escuta: ao longe parece que suspira também alguma pessoa; é Silvia que chama por Silvio.

Ouvem-se agora e procuram-se. Caminho difícil e intrincado que é este de um cérebro tão cheio de cousas velhas e novas! Ha aqui um borborinho de idéias, que mal deixa ouvir os chamados de ambos; não percamos de vista o ardente Silvio, que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta; aqui, para não cair, agarra-se a umas raízes latinas, ali abordoa-se a um psalmo, acolá monta num pentâmetro, e vai sempre andando, levado de uma força íntima, a que não pode resistir.

De quando em quando, aparece-lhe alguma dama — adjetivo também — e oferece-lhe as suas graças antigas ou novas; mas, por Deus, não é a mesma, não é a única, a destinada “ab eterno” para este consórcio. E Silvio vai andando, à procura da única. Passai, olhos de toda cor, formas de toda casta, cabelos cortados à cabeça do Sol ou da Noite; morrei sem éco, meigas cantilenas suspiradas no eterno violino; Silvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede um certo amor nomeado e predestinado.

Agora, não te assustes, leitor, não é nada; é o cônego que se levanta, vai à janela, e encosta-se a espalhecer do esforço. Lá olha, lá esquece o sermão e o resto. O papagaio em cima do poleiro, ao pé da janela, repete-lhe as palavras do costume e, no terceiro, o pavão enfuna-se todo ao sol da manhã; o próprio sol, reconhecendo o cônego, manda-lhe um dos seus fiéis raios, a cumprimentá-lo. “Cônego ilustre, aqui venho trazer os recados do sol, meu senhor e pai”. Toda a natureza parece assim bater palmas ao regresso daquele galé do espírito. Ele próprio alegra-se, entorna os olhos por esse ar puro, deixa-se ir fartarem-se de verdura e fresquidão, ao som de um passarinho e de um piano; depois fala ao papagaio, chama o jardineiro, assoa-se, estrega as mãos, encosta-se. Não lhe lembra mais nem Silvio nem Silvia.

Mas Silvio e Silvia é que se lembram de si. Enquanto o cônego cuida em cousas estranhas, eles prosseguem em busca um do outro, sem que ele saiba nem suspeite nada. Agora, porém, o caminho é escuro. Passamos da consciência para a inconsciência, onde se faz a elaboração

confusa das idéias, onde as reminiscências dormem ou cochilam. Aqui pulula a vida sem forma, os germes e os detritos, os rudimentos e os sedimentos; é o devão imenso do espírito. Aqui caíram eles, à procura um do outro, chamando e suspirando. Dê-me a leitora a mão, agarre-se o leitor a mim e escoreguemos também.

Vasto mundo incógnito, Silvio e Silvia rompem por entre embriões e ruínas. Grupos de idéias, deduzindo-se à maneira de silogismos, perdem-se no túmulo de reminiscências da infância e do seminário. Outras idéias, grávidas de idéias, arrastam-se pesadamente, amparadas por outras idéias virgens. Cousas e homens amalgamam-se; Platão trás os óculos de um escrívão da câmara eclesiástica; mandarins de todas as classes distribuem moedas etruscas e chilenas, livros ingleses e rosas pálidas; tão pálidas, que não parecem as mesmas que a mãe do cônego plantou quando ele era criança. Memórias pias e familiares cruzam-se e confundem-se. Cá estão as vozes remotas da primeira missa; cá estão as cantigas da roça que ele ouvia cantar às pretas em casa; farrapos de sensações esvaidas; aqui um medo, ali um gosto, acolá um fastio de cousas que vieram cada uma por sua vez, e que ora jazem na grande unidade impalpável e obscura.

— Vem do Líbano, esposa minha...

— Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém...

Ouvem-se cada vez mais perto. Eis aí chegam eles às profundas camadas de teologia, de filosofia, de liturgia, de geografia e de história, lições antigas, noções modernas, tudo é mistura, dogma e sinaxe. Aqui passou a mão panteista de Spinoza, às escondidas: ali ficou a unção do Doutor Angélico; mas nada disso é Silvio nem Silvia. E eles vão rasgando, levados de uma força íntima, afinada de secreta através de todos os obstáculos e por cima de todos os abismos. Também os desgostos não de vir. Pensares sombrios, que não ficaram no coração do cônego, cá estão, à laia de manchas morais, e ao pé deles o reflexo amarelo ou roxo, ou o que quer que seja da dár alheia e universal. Tudo isso vão eles cortando, com a rapidez do amor e do desejo.

Cambaleias, leitor? Não é o mundo que desaba; é o cônego que se sentou agora mesmo. Espalheceu à vontade, tornou à mesa do trabalho, e relê o que escreveu, para continuar; pega da pena, molha-a, desce-a ao papel, a ver que adjetivo há de anexar ao substantivo.

Justamente agora é que os dois cubigosos estão mais perto um do outro. As vozes crescem, o entusiasmo cresce, todo o “Cântico” passa pelos lábios deles, tocados de febre. Frases alegres, anedotas de sacristia, caricatura, facecias, disparates, aspectos esturdios, nada os retém, menos ainda os faz sorrir. Vão, vão, o espaço estreita-se. Ficai aí, perfis meio-apagados de paspalhões que fizeram rir ao cônego, e que ele inteiramente esqueceu; ficai, rugas extintas, velhas charadas, regras de voltarete, e vós também, células de idéias novas debuxos de concepções pó que tens de ser pirâmide, ficai, abalroai, esperai, desesperai, que eles não têm nada aconvosco.

Procuram-se e acham-se. Enfim, Silvio achou Silvia. Viram-se, caíram nos braços um do outro, ofegantes de canceira mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços, e regressam palpiando da inconsciência para a consciência. “Quem é esta que sobe do deserto, firmada sobre o seu amado?” pergunta Silvio, como no “Cântico”; e ela, com a mesma lábia erudita, responde-lhe que “é o selo do seu coração”, e que “o amor é tão valente como a própria morte”.

Nisto o cônego estremeceu. O rosto ilumina-se-lhe. A pena, cheia de comoção e respeito, completa o substantivo com o adjetivo. Silvia caminhará agora ao pé de Silvio, no sermão que o cônego vai pregar um dia desses, e irão juntinhos ao prêlo, se ele coligir os seus escritos, o que não se sabe.

ANTOLOGIA BRASILEIRA DO CONTO

MACHADO DE ASSIS sempre foi e continua a ser a figura exponencial da literatura brasileira no mais ingrato e difícil de todos os gêneros: o conto. São tantos os seus bons contos que se torna difícil uma escolha. “A cartomante”, “Uns braços” “Trio em lá menor”, “Missa do gaúcho”, “Noite de Almirante”, “Almas Agradecidas”, “A Igreja do Diabo”, “Entre Santos”, — qualquer um deles é uma pequena obra prima. Mas, de tanto serem publicados, pareceu-nos mais interessante optar por um outro, “O cônego ou a metafísica do estilo”, que encerra o volume das “Várias histórias”.

Conto de MACHADO DE ASSIS

Ilustração de ABELARDO ZALUAR





Nossas gravuras oferecem aos leitores, alguns flagrantes batidos pela reportagem da REVISTA DA SEMANA, por ocasião de ser inaugurado o elegante e moderníssimo ponto de reunião que se denomina muito apropriadamente "Night and Day", situado no primeiro andar do Hotel Serrador. Em cima, dois aspectos desse acontecimento social, vendo-se na esquerda, a Princesa D. Teresa Maria de Orleans e Bragança, e à direita Príncipe D. João de Orleans e Bragança. O Rio ganhou, nessa memorável noite, uma "boite" que rivalisa com as melhores de Nova York, Paris e Buenos Aires.



A INAUGURAÇÃO DO "NIGHT AND DAY"

NÃO foi um acontecimento vulgar o que se registrou na cidade com a abertura do elegante restaurante situado no primeiro andar do Hotel Serrador mas alguma coisa de invulgar e extraordinário. Já por si mesmo o luxuoso hotel da Praga Getúlio Vargas constitui um brinde régio dado pelos herdeiros do sempre saudoso Francisco Serrador à capital da República, mas alguma coisa ali faltava. De longos meses vinha se falando na inauguração da "boite" que os cuidados e desvelos dos continuadores da obra daquele grande cinematografista viam desenvolvendo, e agora, na derradeira semana de novembro, o esperado acontecimento social foi finalmente consumado. Aqui estão, nestas páginas, vários e sugestivos flagrantes batidos pela nossa reportagem fotográfica na noite inesquecível em que o "Night And Day" foi entregue ao público de "élite" do Rio. Nessa noite, uma elegantíssima festa de cunho social e de caridade foi levada a efeito, sob o patrocínio da Princesa de Orleans e Bragança, que a ela compareceu, honrando com a sua presença, aquele luxuoso ambiente.

Agora, porém, o "Night And Day" já entrou para os hábitos da população carioca. Situado no coração da cidade, em plena Cinelândia, a um passo de todas as casas de diversões ele recebe a visita diária do público, à tarde e à noite. Porque é necessário frisar, o "Night And Day", tal como o seu nome indica não funciona apenas à tarde. Desde o dia imediato ao de sua abertura, os almoços desse elegante recinto passaram a ser procurados com visível interesse, e agora duas semanas transcorridas, não há o menor exagero em se afirmar que todo o Rio elegante, de bom gosto, encaminha seus passos para aquele confortável local. E' grande o plano de realizações agora in-

Os pares dançam alegremente. Uma boa orquestra oferece o repertório mais variado e moderno. Tudo é convidativo, amável e sugestivo no elegante restaurante situado bem no coração da cidade, em plena Cinelândia. A sociedade que sabe divertir-se, pode agora fazê-lo num ambiente apropriado e condigno.



Outros dois momentos marcantes da inauguração de "Night and Day". A esquerda, a mesa do sr. José Serrador, e ao lado, um detalhe do tablado da orquestra, tendo ao fundo o monumental espelho com decorações em relevo, podendo vê-se também ao alto, o bonito lustre que empresta ao recinto, um toque maior de imponência e bom gosto. No tablado, as orquestras de vários gêneros renovam-se à tarde e à noite, proporcionando aos frequentadores, um ambiente de requintado bem estar, e permitindo as danças incessantes no intervalo das refeições.

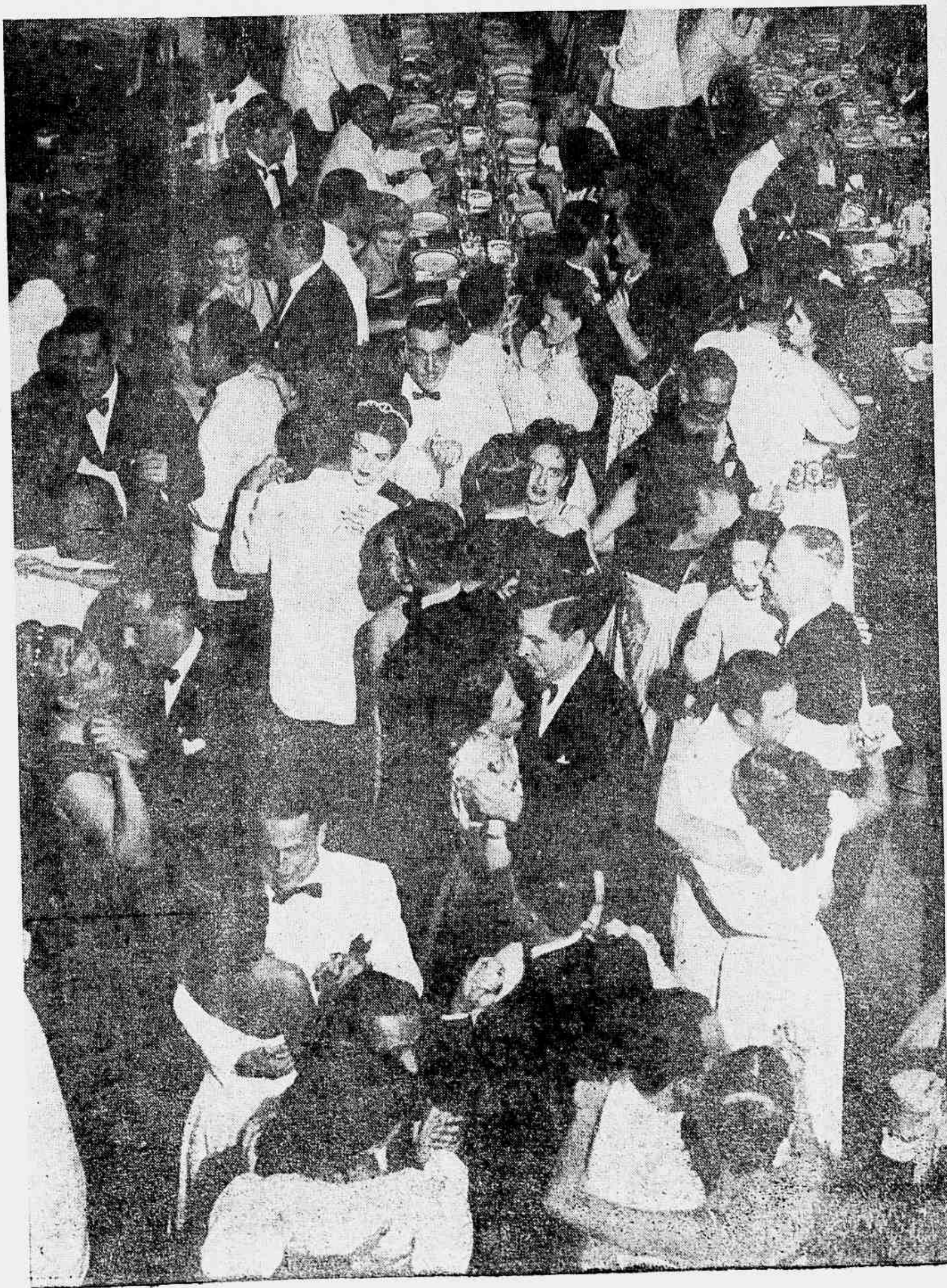
ciado pelos proprietários do restaurante do Hotel Serrador, o qual tanto está servindo aos hóspedes do referido hotel, como às pessoas de fora. E quando avizinham as comemorações do Natal e Ano bom, mais e melhor está justificada a existência de um centro de reunião elegante dessa natureza.

Os que residem permanentemente no Rio, ou os que aqui se encontram em trânsito, os cariocas legítimos ou os "touristas", têm agora onde marcar encontros para melhor festejar suas datas íntimas. O esmero da cozinha do "Night And Day", presidida por uma "equipe" de técnicos vale por uma garantia a maior para o êxito desse arrojado empreendimento, sem precedentes no gênero. Acresce a circunstância do "ambiente" artístico posto em prova, com a audição de selecionados conjuntos musicais, com o desfile de artistas cantores e componentes de orquestras famosas, com a elaboração de programas artísticos refinadamente escolhidos.

Se o Hotel Serrador foi um grande passo à frente no capítulo das instalações hoteleiras do Rio, outrotanto se pode dizer em relação ao "Night And Day", porque um significa a continuidade do outro. Os continuadores da obra maravilhosa de Francisco Serrador, prezando-se de saber honrar o nome que lhes foi legado, também fazem jús à estima e ao reconhecimento da população. Por muito tempo nós todos lamentávamos a ausência de instalações dessa natureza, e sentiam-nos diminuídos quando inevitáveis confrontos eram feitos do que possuíamos no gênero, com o que pessoas viajadas mencionavam ter conhecido em outros países. Esse, um senão que agora aos poucos está sendo removido, e que em grande parte desapareceu agora em novembro, com a inauguração do "Night And Day". Não se trata de um empreendimento destinado a uma única e determinada classe social, porque ali confraternizam todas as pessoas de bom gosto, de requintado senso artístico, habituadas à frequência de "climas" assim também selecionados.

Os almoços do "Night And Day", seus jantares e ceias de todos os dias, o apuro do serviço dispensado aos "habitues", o esmero artístico na elaboração dos programas que vários conjuntos musicais proporcionam aos co-

Apresentemente, este é um tiagante batido em qualquer famosa "boite" norte-americana ou européia. Puro engano! Na realidade, o fotógrafo teve apenas o trabalho de encaminhar-se à Cinelândia, subir ao primeiro andar do Hotel Serrador e fazer funcionar a sua máquina. A cena é legitimamente carioca e magnífica!



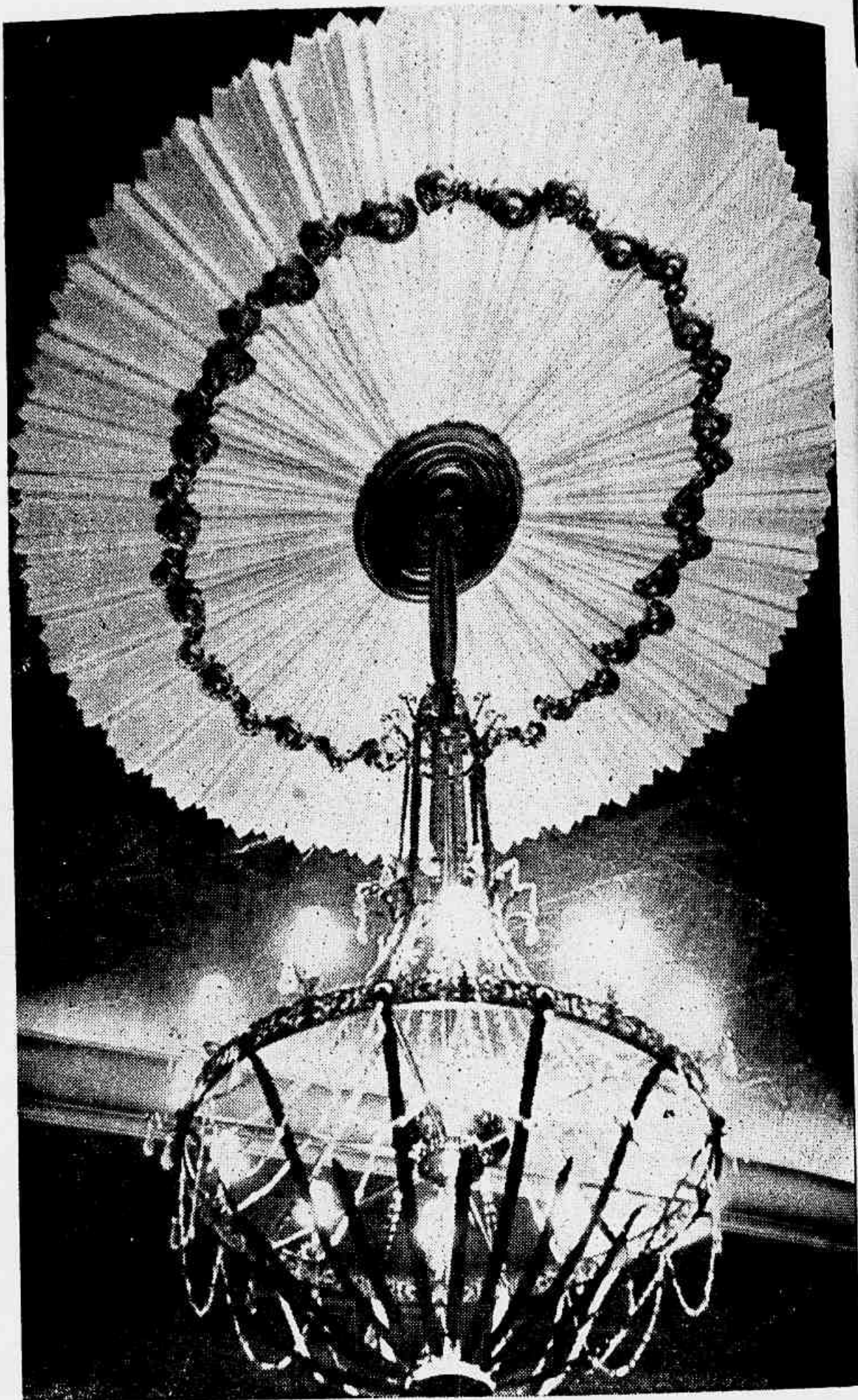


A Princesa de Orleans e Bragança, ao entrar no "Night and Day", na noite da inauguração, recebe os cumprimentos do Sr. Francisco Serrador Junior, dando início ao jantar de gala que teve, então, fins de caridade. E por isso mesmo a festa transcorreu mais jubilosa, imponente e comunicativa.

mensais, tudo é motivo de orgulho para o Rio de nossos dias. A partir de agora, já se pode almoçar bem, em ambiente elegante, sem suportar sequer o incômodo de uma temperatura elevada, porque ali existe um sistema de refrigeração aperfeiçoadíssimo. A entrega de "Night And

Day" à cidade, foi o mais régio presente que lhe poderia ser oferecido neste movimentado fim de ano. E agora, noite e dia, justificando o título do restaurante do Hotel Serrador, homens de negócio e viajantes, damas de projeção social e artistas, intelectuais e quantos assim o desejarem, pode-

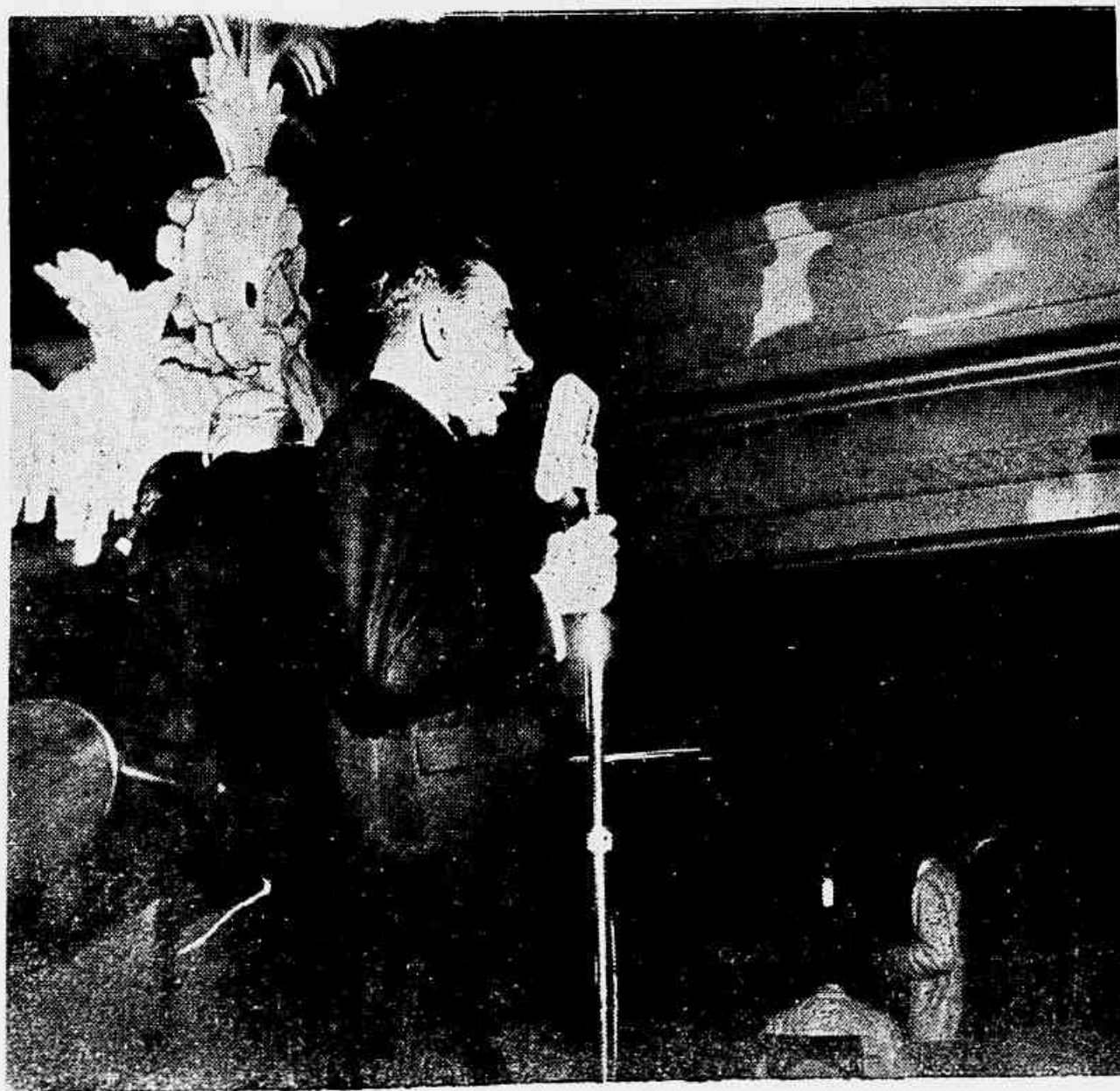
O consagrado ator Procópio Ferreira abrilhantou com a sua presença a solenidade da noite inaugural. Aqui estamos vendo o intérprete patricio dirigindo algumas palavras ao seletos auditorio, para receber, no final, calorosos aplausos. Artistas de igual quilate estão frequentando todas as noites o "Night and Day"



Os menores detalhes foram caprichosamente cuidados no elegante recinto do novo restaurante elegante da cidade. Aqui está o aparatoso lustre, colocado ao centro da "boite", enriquecendo com um efeito maravilhoso, o conjunto da sala. Trata-se de uma rica peça, constituindo um índice do bom gosto local.

rão usufruir os prazeres da excelente cozinha e dos demais serviços privilegiados que lhe está oferecendo "Night And Day" — o restaurante que fazia falta à capital da República e que está em condições de rivalizar com os mais famosos de qualquer grande metrópole universal.

Gente moça, que sabe divertir-se, acostumada a participar das reuniões seletas desse gênero, fazem agora do "Night and Day", um ponto obrigatório de "rendez-vous". Mas não só à noite, porque também durante o dia, justificando o título da "boite" do Hotel Serrador, essas reuniões elegantes repetem-se.





A esquerda: Maria Della Costa e Sandro Polloni, como Iñez de Castro e D. Pedro, em "A Rainha Morta". A direita: Sandro Polloni e Maria Della Costa, em uma cena de "A Rainha Morta", peça de Henri de Montherlant.

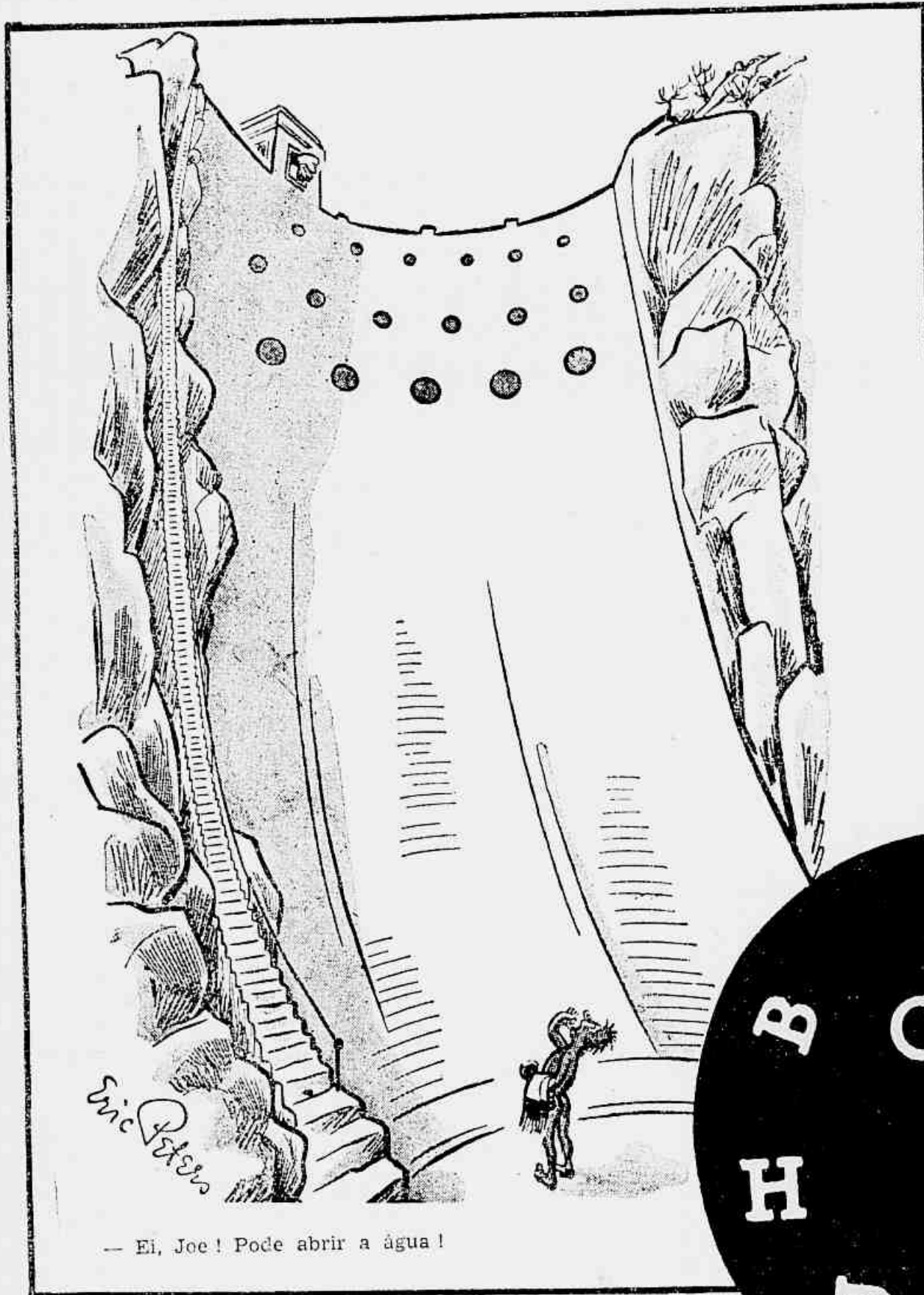
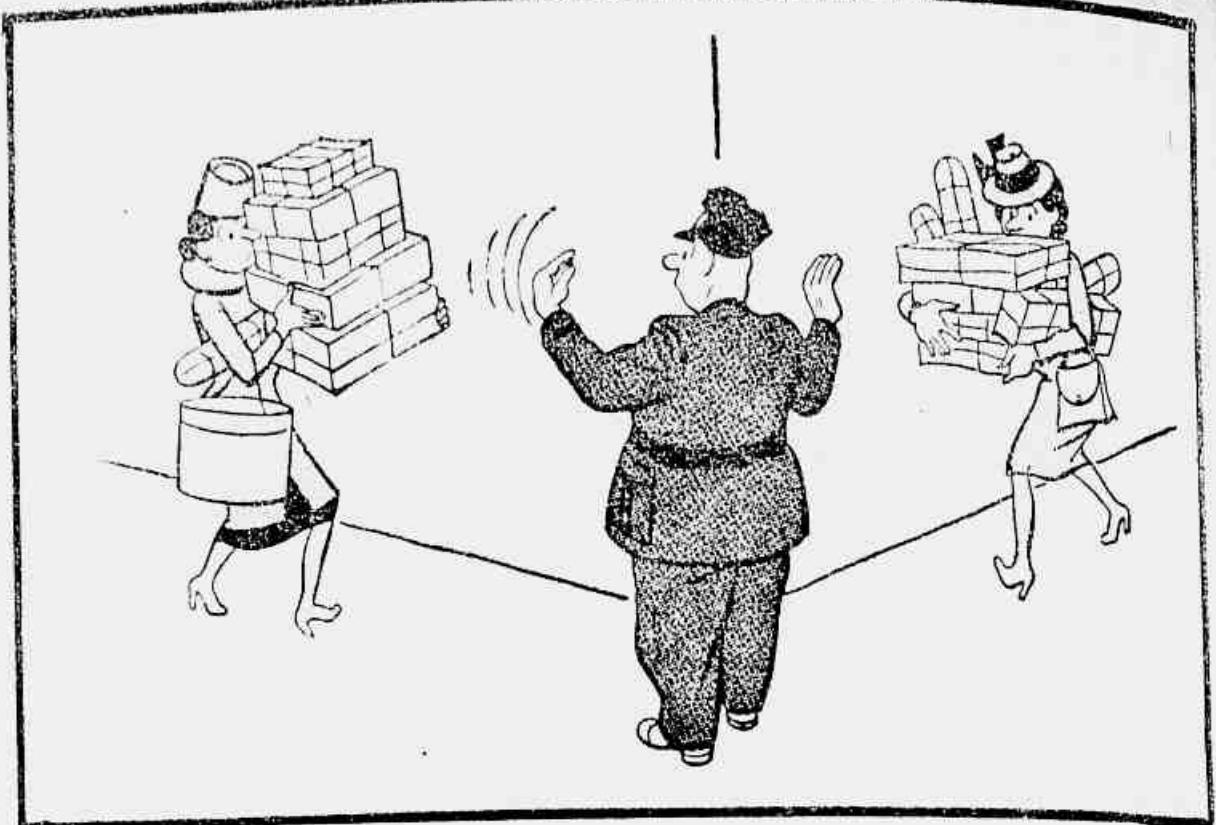
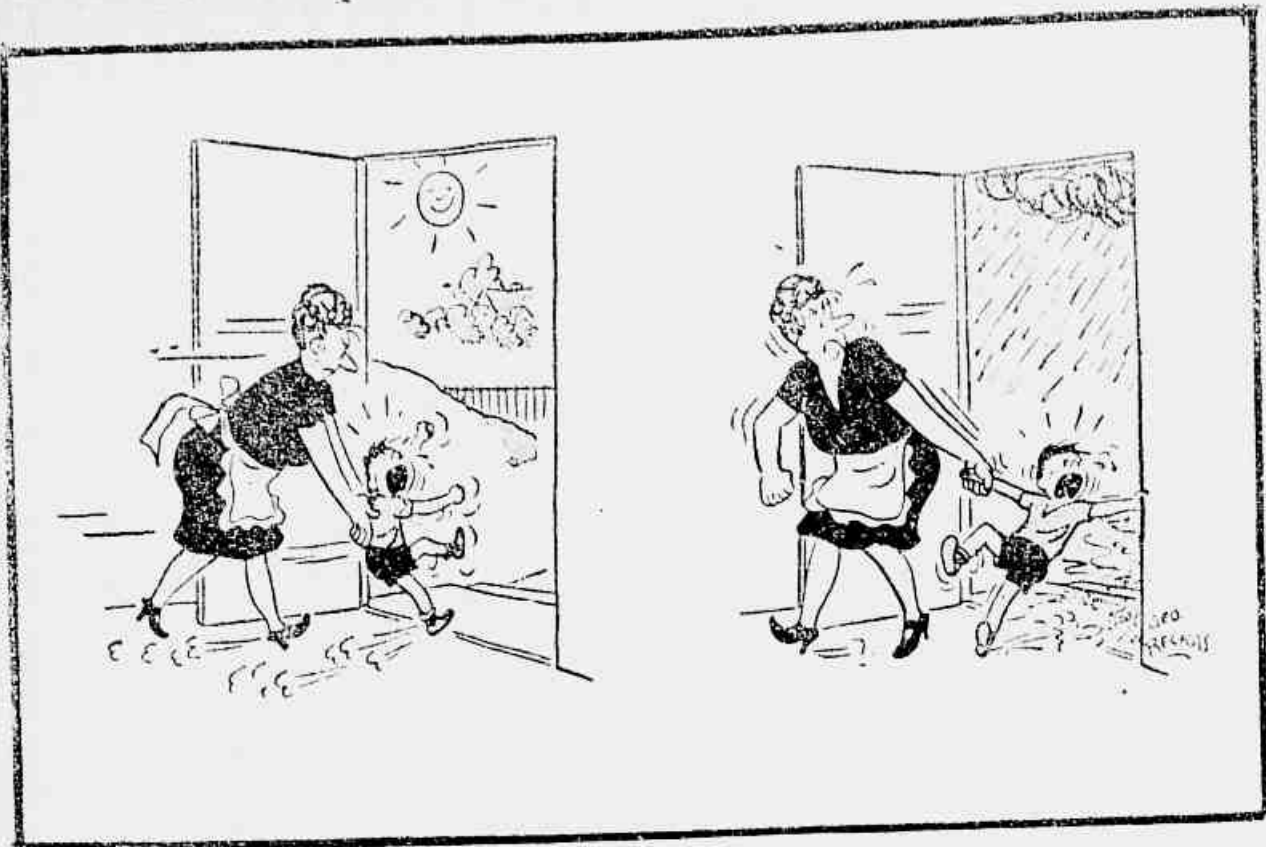
UMA NOVA REALIZAÇÃO DOS "COMEDIANTES"

A ESTREIA DE MARIA DELLA COSTA

O CONJUNTO de "Os Comediantes", depois de "Desejo", a sensacional peça de Eugene O'Neill, apresentou no Ginástico uma nova realização: a peça francesa de Henri de Montherlant intitulada "A Rainha Morta", uma interpretação poética e muito pessoal dos trágicos amores de Iñez de Castro, com o príncipe português que passou à história sob o nome de D. Pedro, o Crú. A peça de Henri de Montherlant, obra mais de galas poéticas e de brilho literário do que de verdade histórica ou de estruturação teatral, representou para "Os Comediantes" uma experiência nova, um caminho diferente daquele que havia trilhado até aqui. Os cenários e figurinos de Santa Rosa representaram mais uma demonstração do talento desse artista e a nota de maior interesse para o público, em "A Rainha Morta", foi a estreia de Maria Della Costa, pela primeira vez, num papel central de grande responsabilidade. Preparada por Ziembinski vestida a capricho, ensaiada com rigor, Maria Della Costa aventurou-se a arcar com aquela tarefa hercúlea. A crítica de um modo geral foi severa com o espetáculo, acentuando, sobretudo, a sua extensão e o ritmo lento da representação conduzida por Z. Ziembinski à moda eslava, arrastadamente, embora em face de uma plateia de espírito latino, dinâmica e impaciente. Mas, nas noites seguintes esses inconvenientes começaram a desaparecer, em razão da mudança mais rápida dos cenários, do dinamismo mais acentuado da representação e dos cortes que tiveram de ser feitos no texto. Aceitará o público "A Rainha Morta" como aceitou "Desejo"? É o que vamos ver. Evidentemente, não se pode estabelecer um paralelo entre um Eugene O'Neill que marca uma época no teatro moderno, e um simples dilettante de talento, como Henri de Montherlant. Mas por outro lado, os problemas de "A Rainha Morta" nos parecem mais próximos, mais nossos, porque pertencem à história de Portugal a que está vinculada a nossa história e porque os amores trágicos de Iñez de Castro nos chegaram através dos versos de Camões e, ainda há pouco do filme de Leitão de Barros, numa outra visão bem mais aproximada da verdadeira tragédia. Nestes próximos dias decidirá-se o destino dessa nova realização de "Os Comediantes", que de qualquer sorte, vitoriosos ou não nessa nova iniciativa, se afirmam como uma das forças renovadoras e como uma das organizações mais ousadas do nosso teatro.



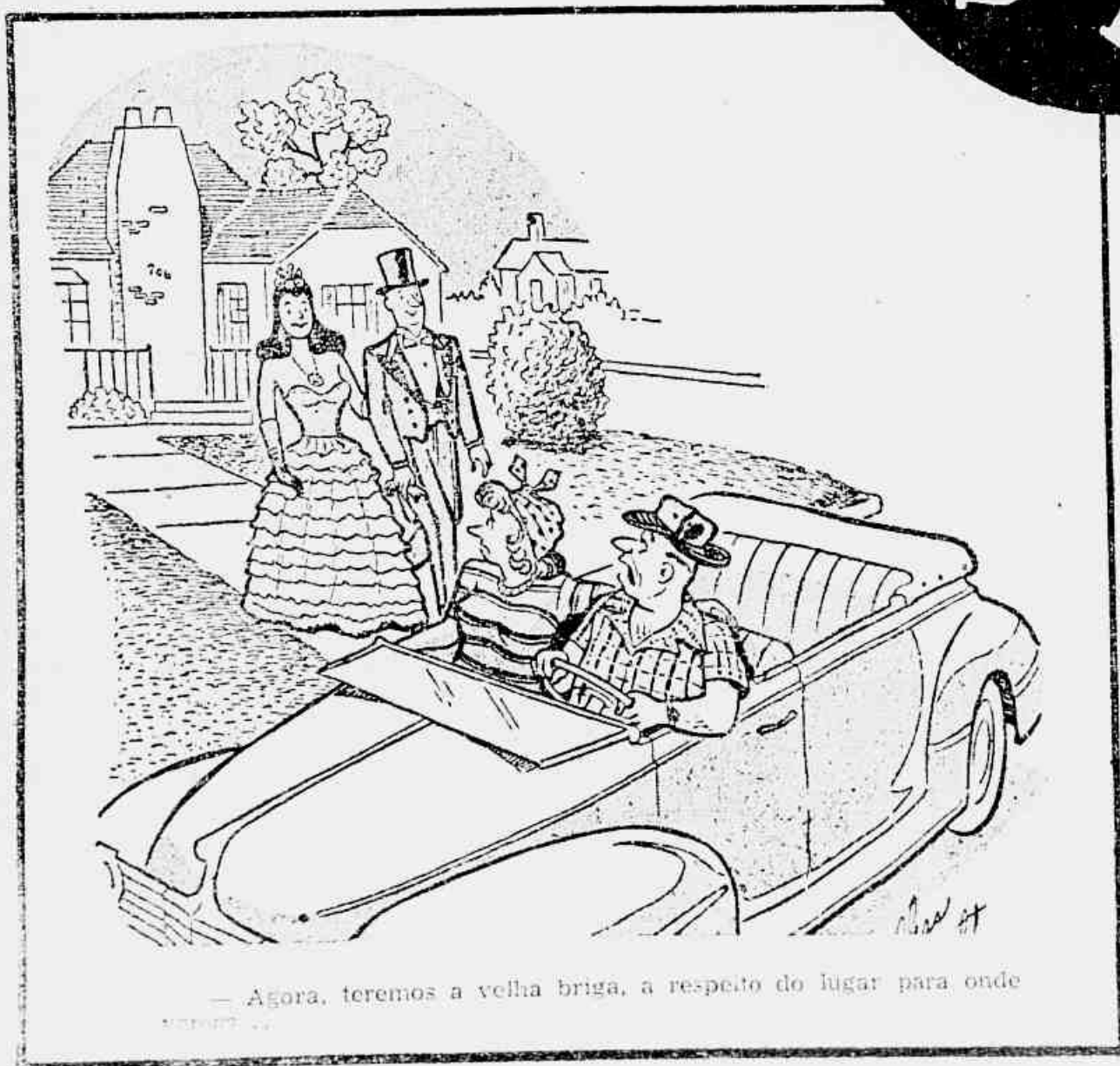
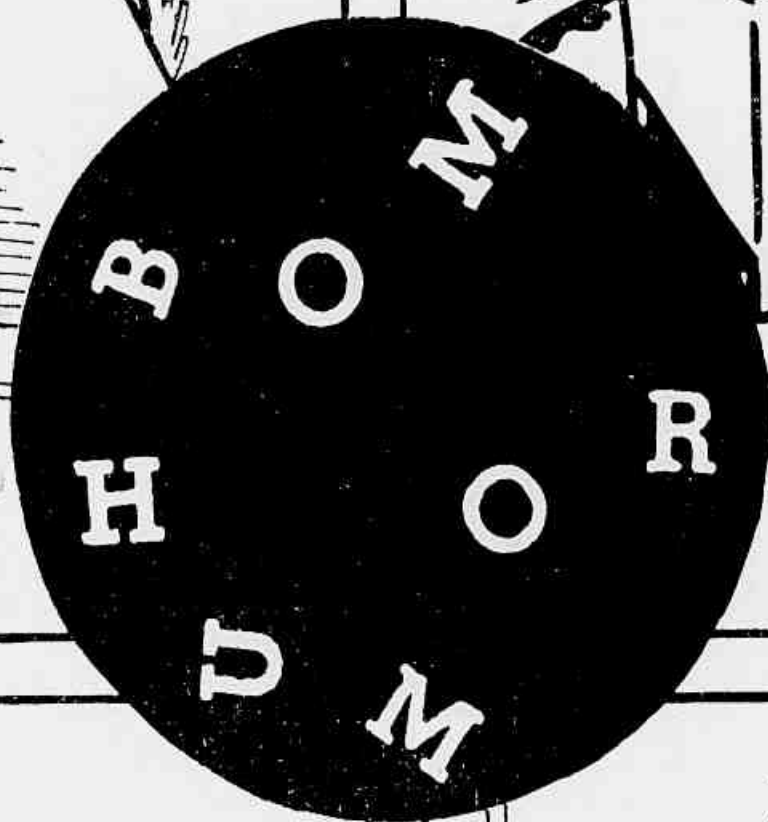
A esquerda: Cena idílica da peça de Henri de Montherlant, que "Os Comediantes" apresentaram com uma extensão inconveniente na noite de estreia, mas já foi enquadrada no horário normal. Depois dessa nova realização, "Os Comediantes" irão a São Paulo. A direita: Maria Della Costa, como Iñez de Castro.



— Ei, Joe! Pode abrir a água!



— Depois da invenção da bomba atômica, exigim dez avalistas, cada um deles vivendo num diferent país...



— Agora, teremos a velha briga, a respeito do lugar para onde



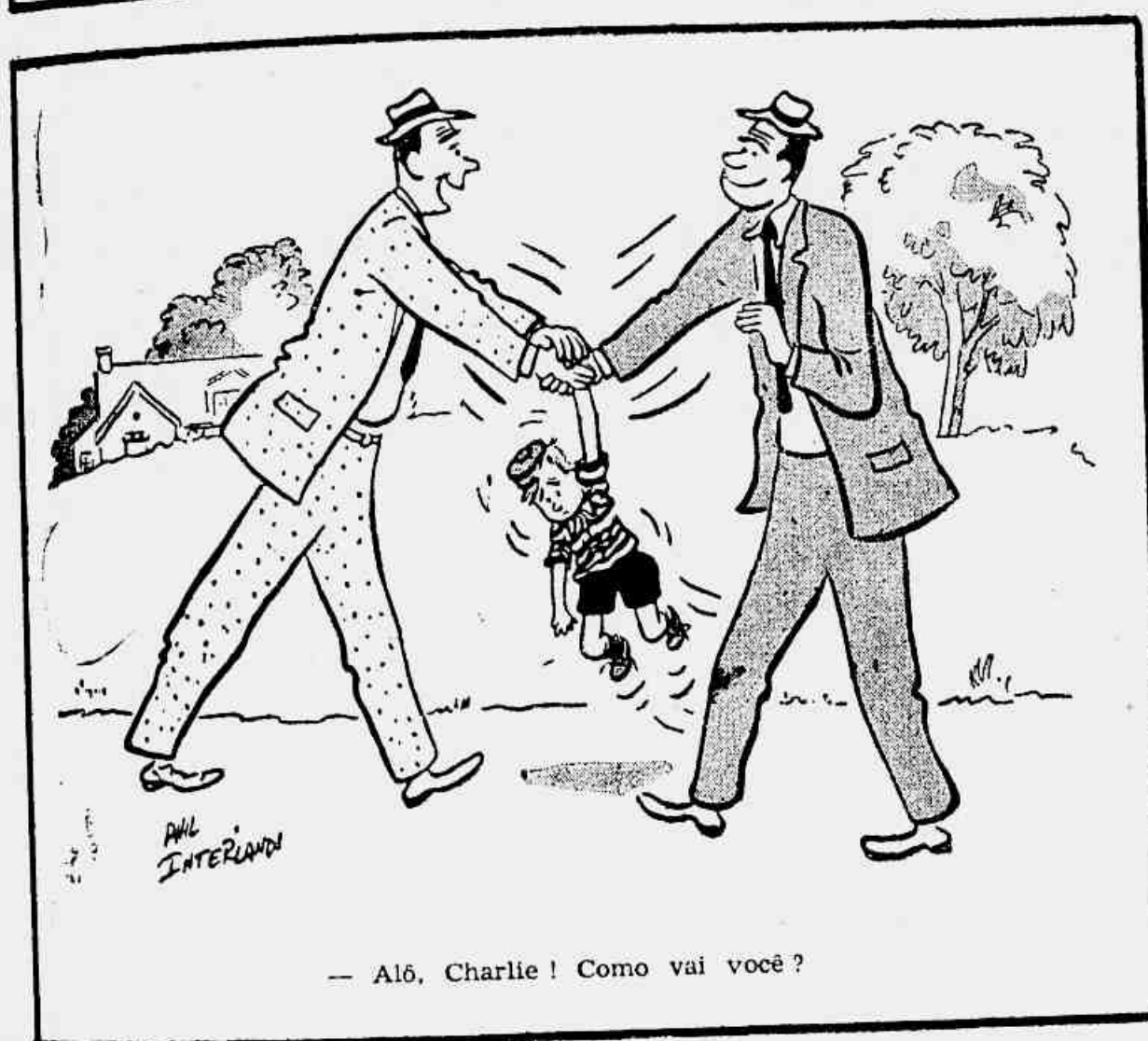
— É o filho do Al Capone... A mãe dele mandou pedir uma sicara de açúcar emprestada...



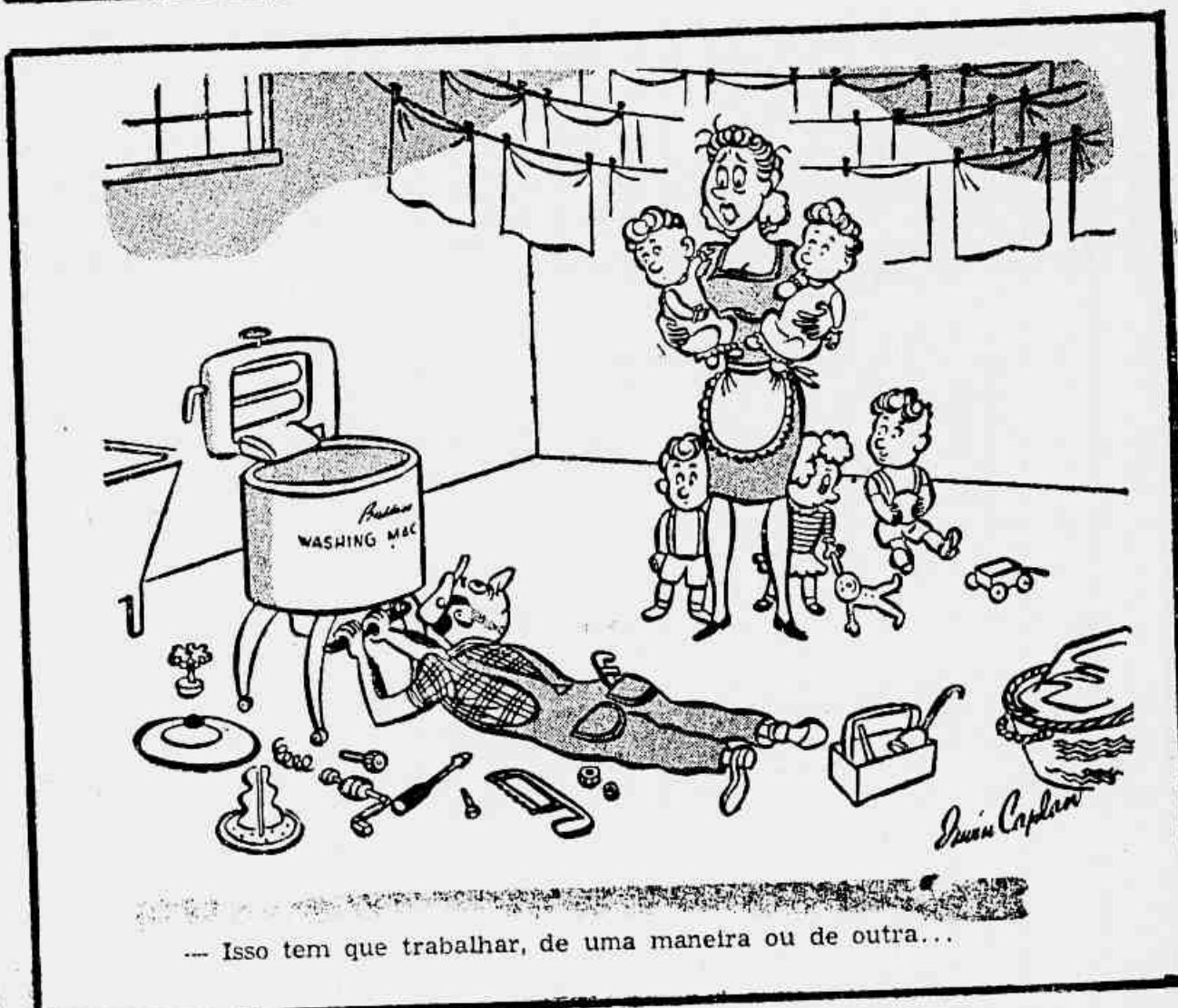
— Vamos! Andem depressa com o pedido da mesa nº 19!



— Oh, senhor Juca... Eu não o estava esperando... Nem sequer havia me vestido ainda...



— Alô, Charlie! Como vai você?



— Isso tem que trabalhar, de uma maneira ou de outra...



— Oh, senhor Marinelli! Mas que linda carteira!



— Por que eu não uso apenas galochas como os outros maridos?

UM AMIGO DA TIJUCA

ESCRAGNOLLE DORIA

REINANTE em França Luis XV, de casa da rua Saint Victor em Paris, a 10 de Fevereiro de 1755, saiu um baptizado. Dirigia-se à próxima igreja de Saint Nicolas du Chardonnet. Algumas pessoas levavam a batistério uma criança nascida havia poucas horas, logo a tornar cristã. Era o primogénito de Pedro Henrique Taunay e de Maria Lefebvre, o recém-nascido devendo receber lustralmente o nome e sobrenome de Nicoláo Antonio.

Transcorreu trinta e quatro anos, o vindo ao mundo em 1755 é hoje em 1789. Que data e quando marcada a fogo em história universal! Iniciase a Revolução Francesa com ares fraternais depois carniceira, sádica na crueldade do Terror de tantas vítimas inocentes.

Quando perguntaram a Sieyès o que ele fizera durante o Terror, apenas respondeu: Vivi.

Foi o que fez Nicoláo Antonio Taunay na época terrorista, refugiado com mulher, filhos e irmãos em Montmorency, próximo de Paris, enquanto a Revolução criava uma República que condenando Lavaisier à guilhotina declarava "não precisar de sábios".

Se destes não carecia havia de querer saber de artistas, um deles Nicoláo Antonio já pintor de nome.

A moda de Sieyès, procurou existir Nicoláo Antonio até ser, posta abaixo a República Una e Indivisível, esta sucedida em breve espaço de tempo pelo Diretório com as suas mervilleuses irajando a grega antiga pelo Consulado de rótulo romano, pelo Primeiro Império cesariano, pela Restauração reentronizando os Bourbons e as flores de lis.

Com muitos artistas da palheta, do cinzel e da arquitetura, Nicoláo Antonio viu-se chamado a magnificar Napoleão e suas vitórias, de grande primeira luz no sol de Austerlitz, a campanha da Itália tendo dado a Bonaparte aurora de glória militar. Tudo para fim na escapula da ilha d'Elba na efemeride dos Cem Dias, na cativoire onde o antigo árbitro da Europa nem seria dono de seus passos virados.

Napoleão, simples general Bonaparte em Santa Helena Luis XVIII no trono de seus antepassados na França sangrada por guerras, ressentida a fundo por invasão estrangeira, teve Nicoláo Antonio en-sanchas de sair do velho mundo europeu trocando-o por novo mundo americano.

Em 1816 o transmigrado Príncipe Regente de Portugal D. João, se propunha a criar no Rio de Janeiro uma Escola de Desenho organizadora do ensino regular daquela arte no Brasil, rapidamente descolonizada.

Aquele foi chamado de Paris um grupo de artistas de arte maior, pintura, escultura, arquitetura gravura acompanhados por cem patriotas exercendo atividades de menor relevo.

Com o grupo, formando Missão Artística Francesa, chegou Nicoláo Antonio ao Rio de Janeiro a 16 de março de 1816.

Os recém-vindos de qualquer espécie tinham de dizer logo a intenção de Polícia de onde e ao que vinham Nicoláo Antonio prontamente satisfazendo a exigência.

Por isso um amanuense da Intendência lançou em livro de registro o seguinte termo:

"Nicoláo Antonio Taunay, de País, 61 anos, Nobre, Casado, vindo de Ave de Graça a estabelecer-se de Professor d'Academia de Desenho, tem sua mulher e cinco filhos, dois de maior idade, três de menor".

No termo Ave de Graça ficou em vez de Havre de Grâce. A despeito do erro ortográfico há que ser agradecido ao amanuense de 1816. Indicou-nos a primeira habitação de Nicoláo Antonio no Rio de Janeiro, prédio na rua Pereira da Glória no Catete, ora rua Pedro Américo.

Mais tarde o artista construiu casa na Cascatinha da Tijuca furando-se assim às temperaturas à boca de forno dos verões cariocas, às vezes abrandadas por trovoadas ribombantes ou chuvas em catatata.

Enquanto esperava a entervado organização da Escola de Desenho, Nicoláo Antonio pintava, fragmentando em telas o quadro imenso do Rio de Janeiro. Observava a cidade de vários pontos, em várias horas surpreendendo gradações de luz diversas. Montanhas da Tijuca morro de Santo Antonio, outeiro da Glória, tudo mirantes para o pintor, grandemente paisagista no Rio de Janeiro.

Nele Nicoláo Antonio e os seus tinham de adaptar-se à vida do país à sua sociedade, aos seus hábitos, à sua indumentária, à sua alimentação, à cozinha brasileira diferente da francesa.

Cada povo tem o seu paladar. Aos habitantes da Cascatinha foi necessário algum tempo para esquecer postas de perdizes ou de cotovias, "charlottes" e "bavaroises", "marrons" e cerejas, atazando-se ao feijão com farinha à sobremesa de nossas frutas.

Entremetendo ocupação, Nicoláo Antonio mandava plantar, jardinar, cercando a casa da Cascatinha de floridos canteiros dividindo jardim em pequenos caminhos cujo traçado por muito tempo se conservou.

Em dias caros, Nicoláo Antonio pintava com frequência. À noite reunia mais os da casa da Cascatinha, não raro para

leitura individual ou em voz alta. Entre-tinha-se com bons autores, lendo tanto Walter Scott como Racine. Nicoláo Antonio tendo desta ilustrada coleção de "Les Plaidours".

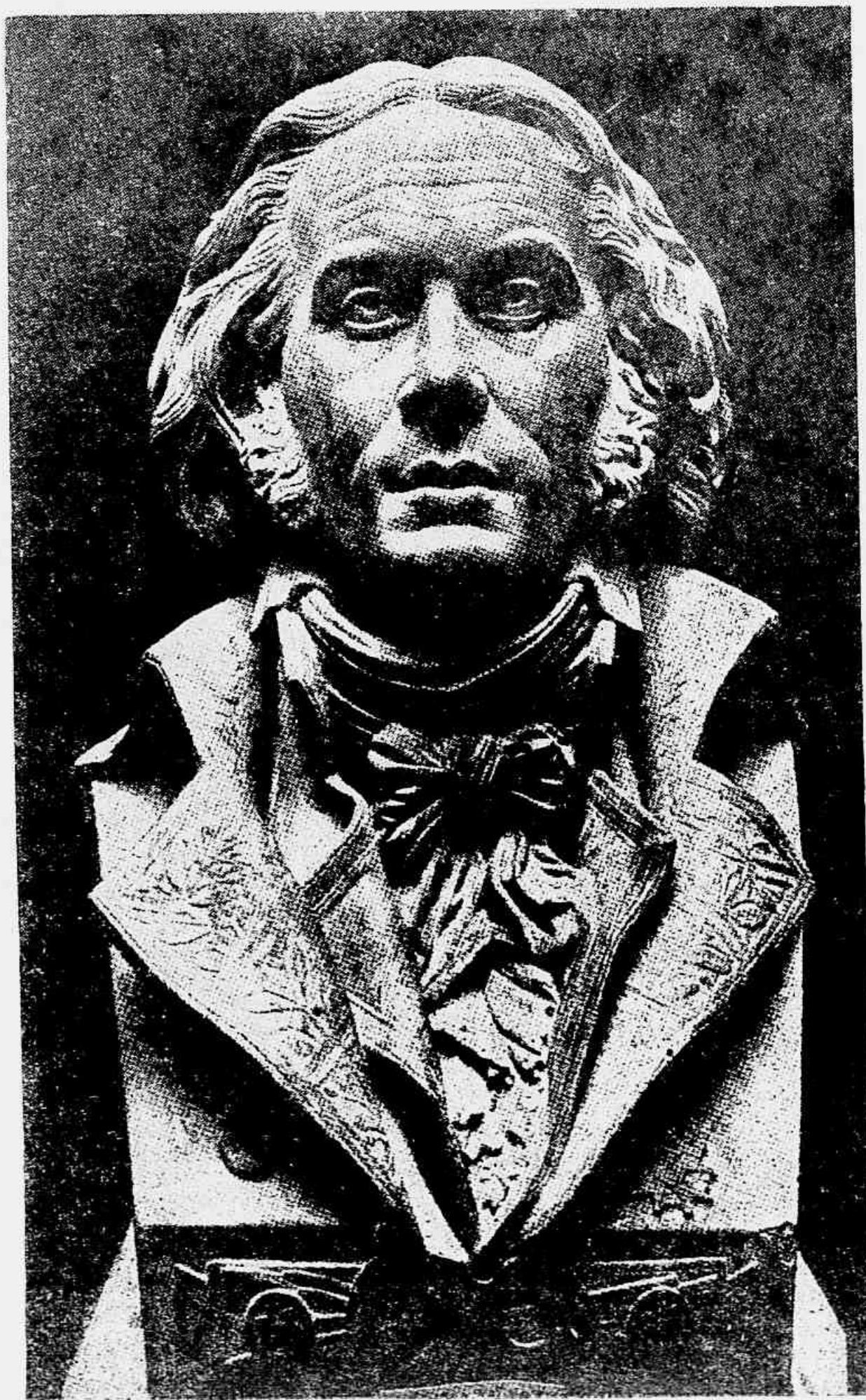
Do Brasil mantinha o artista correspondência assidua com os colegas do Instituto de França, enviando trabalhos para exame e apreciação de confrades. Alguns eram diletos, tal Isabey foi do agrado da imperatriz Josefina quanto retocador das aquarelas da imperatriz Maria Luísa quando o divórcio de Napoleão restituiu Josefina ao retorno da Malmaison.

Em carta datada do Rio de Janeiro em 1819, incumbia Nicoláo Antonio o seu amigo Castellar da venda de vinte quadros, sem dúvida a mór parte reproduzindo as vistas e casas do Rio de Janeiro.

Na longa carta, de quatro paisagens, de 30 de agosto de 1819 Nicoláo Antonio declarava a Castellar qual a aplicação do produto das vendas de seus quadros. Seria em proveito da sua "cafetaria" na Cascatinha. A plantação de café ou "cafetaria" ocupava também o tempo e os cuidados de outros transmigrados de estirpe morando em sítios da Tijuca.

Bem depois de Nicoláo Taunay, descendentes dele, por curiosidade bariendo mata na Cascatinha, em circunvizinhan-

Nicoláo Antonio Taunay — (Paris 1755-1830) — Busto de Taunay, obra de Roubaud, Museu de Versalhes.



ça de casa encontraram vestígios de agricultura em encosta de morro, a cavaleiro da habitação Taunay.

Era esta grata a Nicoláo Antonio. Por um caminho aberto entre a mata ia sentar-se numa pedra grande em forma de sofá. Quedava-se o artista entre alegrada por pássaros em gorgelo ou plo. Vindas da queda da Cascatinha águas desciam para o largo da Boa Vista, águas aqui corredias, ali contornando pedras, em murmúrio ou sem mais forte, pontos menos densos da mataria varados por alguns raios de sol vivo.

A pedra lembrando móvel, onde se sentava Nicoláo Antonio para pensar ou sentar-se mais vizinho da natureza, ficou em família conhecida por Pedra do Avô.

Em 1821 o Rio de Janeiro, logo no princípio do ano, foi abalado por notícia de novo significação.

D. João VI ia retirar-se do Brasil, remigrando bem contra vontade. Para a cidade carioca a nova da retirada do rei tinha tanta importância quanto a sua chegada em 1808. Sentiam todos a vinda de acontecimentos magnos preparando o país para se desvincular de Portugal.

Em 1821 também Nicoláo Antonio e sua mulher, Josefina Rondel, partiam para a França, deixando descendência no Rio de Janeiro.

O artista foi encontrar a França governada ainda por Luis XVIII, o hábil político que na hora da morte diria ter podido entre partidos políticos, de modo a poder "morrer na sua cama".

De volta a Paris Nicoláo Antonio tinha entretanto o coração preso no Brasil. Ali haviam ficado filhos que, num vai e vem de saudades, tanto se lembravam do pai adorado.

Em 1824 chegou a Nicoláo Antonio a participação do falecimento de seu único irmão, Augusto, professor de escultura na Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Rigorosos lutos de família vigoravam na época, e se alguns casos de simples pragmática em muitos outros a indumentária negra se ajuntavam fundos pezares de coração. Nicoláo Antonio servia de segundo pai ao irmão, orão em pouca idade, depois seu companheiro de arte e de vida. O luto de Nicoláo Antonio pelo irmão foi dos de alma não lhe faltando pranto.

Os tranços, as saudades magoam sobremaneira os velhos, as saudades nos moços se vão depressa no aturdir dos dias, no esperar muita coisa da existência.

Abatido setuagenariamente pela perda do irmão, quatro anos depois desta, nova perda atingiria Nicoláo Antonio, desta vez a morte de filho esperangoso. Artista como o pai, Adriano Taunay morria moço, moço, já de renome. Afeto, fiando-se por demais em forças e prática de nadador, Adriano afogava-se em rio de Mato Grosso, o Guaporé.

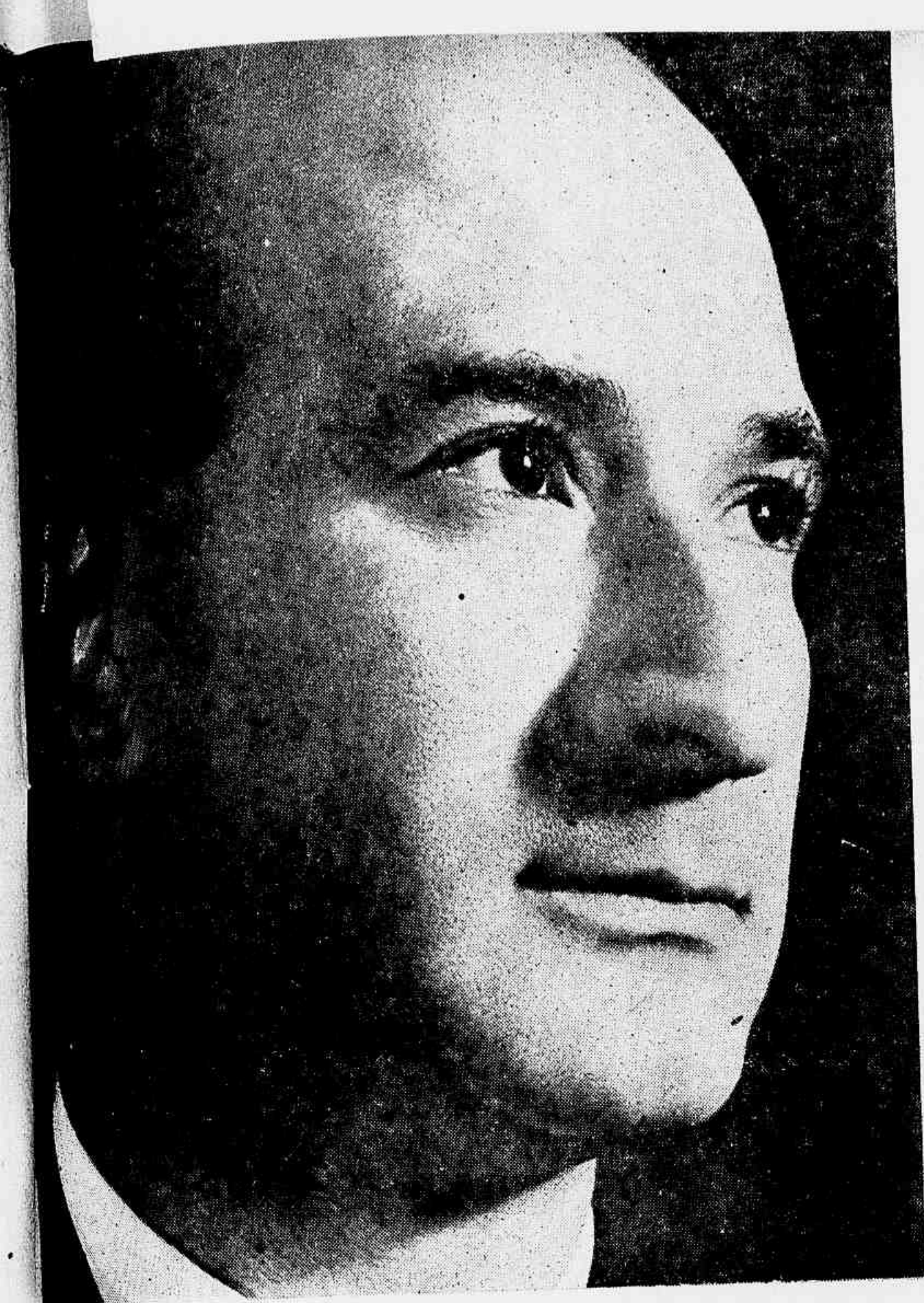
Ao saber o fim do filho, Nicoláo Antonio chorou todas as suas lágrimas. Foi indo mais rápido para o túmulo, que lhe chegou no sábado 10 de março de 1830. Em março quatorze anos antes chegou Nicoláo Antonio ao Rio de Janeiro.

Resolvida a voltar para ali, a juntar-se a filhos a viúva Taunay autorizou em 1831 a venda dos quadros do marido existentes em Paris.

Catálogo de venda sob nº 53, mencionou então "Natureza Brasileira" tela de 58x78. Representava o Rio de Janeiro, o fundo de sua baía sobrepujado pelos Orgãos. No primeiro plano viam-se alguns indígenas um pé de café, uma bananeira, um cachos uma palmeirinha cheia de cocos. No quadro, pleno esplendor de paisagem tropical.

Nota de catálogo: "O governo mandou tirar cópias do quadro para a manufatura de Sévres".

Onde andará aporcelanada a Natureza Brasileira?



William Steinberg — amável e competente.



Eugene Ormandy. Queixou-se de tudo e de todos.

OS CONVIDADOS DO MAESTRO SIQUEIRA

Como se deu a Orquestra Sinfônica com os regentes estrangeiros que aqui estiveram este ano — Ormandy e o sentimento patriótico — MacMillan, reprovado — Steinberg e Munch, os mais cotados

ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

"PODEM falar na autoridade dos maestros no seu conhecimento das partituras, mas o controle de uma orquestra", explica Oscar Levant, "é frequentemente o resultado de causas econômicas". O pianista e crítico musical americano é injusto, até certo ponto, em atribuir àquele que se acha de posse de plenos poderes de contratar e despedir com maior segurança. A experiência que, temos, aqui na verdade, indicaria uma conclusão oposta: que são, o mais das vezes, regentes que aqui passam, com contratos especiais, para uma série limitada de concertos, os que maior rendimento tiram dos nossos conjuntos maltratados.

A Orquestra Sinfônica Brasileira recebeu, este ano, mais de um convidado especial. O maestro Siqueira, em sua viagem aos Estados Unidos, tratara de formar uma lista de nomes suficientemente impressionante. E surgiu, então, Mac Millan, Steinberg, Eugene Ormandy e Charles Munch.

O resultado da associação dos regentes com os membros da orquestra, sob o seu aspecto artístico, já ficou apurado. Seria interessante indagar, entretanto, como decorreram essas mesmas relações, na inimizade dos ensaios.

Em primeiro lugar, é praxe internacional, mal chega o regente novo, submetê-lo a uma prova. Toca-se mal de propósito. Para ver o que ele diz. E se ele não diz nada...

MACMILLAN LEVOU A PIOR

De todos o mais sacrificado foi, sem dúvida, MacMillan. O canadense deixou que os músicos comessem todos os erros sem se queixar. Se reclamava, era justamente, quando tudo ia bem. Depois de alguns momentos de ensaio, estava formulado o veredicto.

Essas informações vem lançar um pouco de luz sobre os julgamentos da crítica. Um cronista chegou a ver, no condado de uma sinfonia, versão MacMillan, uma graça e uma leveza de paquiderme...

MacMillan, além de tudo, era nervoso, exaltava-se. Contou um dos violinistas da orquestra sinfônica que ele transpirava abundantemente, no alto inútil de concertar a interpretação desleixada, sem saber por onde começar. As folhas lhe escapavam com a mesma facilidade do que

o "gatinho" — Onde está o "gatinho"? perguntava alguém ao tocar uma frase errada...

— O camandongo comeu, retrucava outro. E a risada geral espoucava.

MacMillan se enfurecia. Chegaram, inclusive, a torturar o pobre homem ensinando-lhe português errado, indicando-lhe os piores insultos como sendo fórmulas de polidez. Assim, os empregados do Hotel Glória reclamavam, quando em vez de dizer:

— Faça isso, por favor.

Ele dizia:

— Faça isso, imbecil.

Era troca da rapaziada da Orquestra que lhe dera essa estranha correspondência: Please, em inglês, traduz-se: imbecil. Uma palavrinha tão curtinha que causou ao maestro tão longos dissabores...

ORMANDY E O PATRIOTISMO

"Eugene Ormandy, o maior farol do panorama musical universal", disse um músico.

Ormandy chegou, não cumprimentou ninguém, tomou a batuta e começou com descomposturas. É um método perigoso. Só vence pela intimidação aquele que tem o mais alto grau de competência. Assim, Erich Kleiber, logo no primeiro ensaio, perguntava a um violinista da Orquestra do Teatro Municipal se o que estava ouvindo era som de um instrumento musical ou ruídos produzidos pelo couro de um sapato que estivesse sendo engraxado. Kleiber sabia, porém, dosar desaforos com elogios e, além de tudo, é um grande regente.

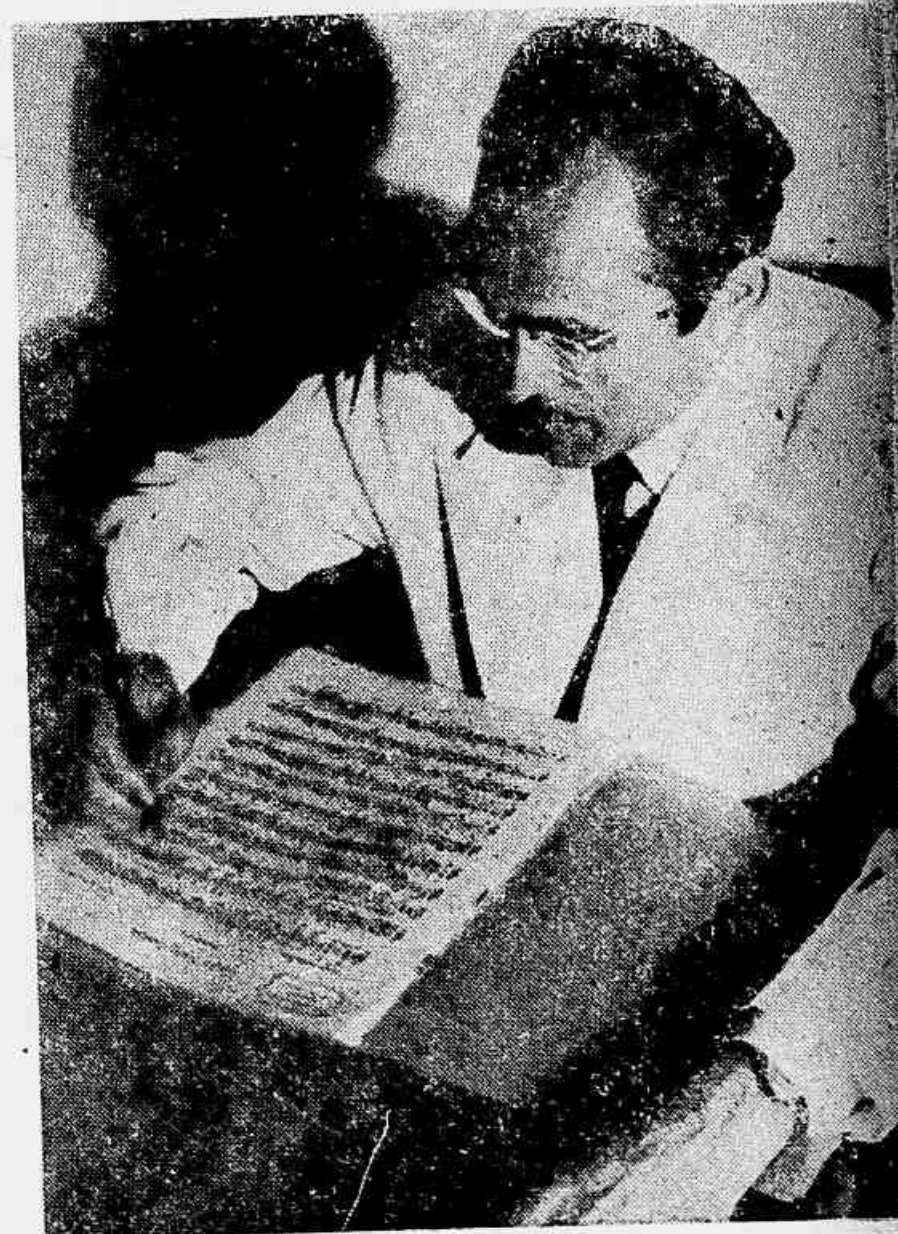
Ormandy, em que pese a opinião de muita gente, não goza de idêntico prestígio entre os músicos da OSE. Pelo contrário. Onde a observação declarando que ele é o maior "forol"... Muita fama e pouca simpatia.

Nós, brasileiros, já nos vamos habituando a testemunhar as surpresas dos estrangeiros que aqui nos chegam. Passam pela Avenida Rio Branco e perguntam onde andam os terrores Chavantes. Visitam Casablanca, no centro mais elegante de Copacabana, e arregalam os olhos indagando se há perigo de cobras e outros bichos venenosos. A política de boa vizinhança, entretanto, e as relações mais estreitas que se foram estabelecendo já contribuíram para dissipar, em parte, essa impressão.

Assim, Eugene Ormandy não chegou ao Brasil com preceitos contra nós. Porém, ao que parece, não andava muito bom do ligado. Assim é que, todas as manhãs, antes de começar a ensaiar, queixava-se do hotel, da comida, dos transportes, da incompetência dos auxiliares, dos

(Continua na pág. 56)

O maestro José Siqueira, que fez as honras da casa.



História DO FANTASMA INEXPERIENTE

LEMBRO-ME perfeitamente das circunstâncias em que Clayton nos contou a sua última história. Durante quase todo o tempo que esteve falando, conservou-se assentado diante da espaçosa chaminé, em uma poltrona de carvalho, e perto dele achava-se instalado Sanderson, fumando um desses cachimbos de barro que têm o seu nome. Além deles, achavam-se também ali Evans e Wish, esse ator maravilhoso en-

tre os demais, que é também um homem modesto.

Nesse sábado, tínhamos todos vindo de manhã para o Mermaid Club. Só Clayton, chegado na véspera, tinha lá passado a noite, o que aliás lhe forneceu o exórdio da sua narração.

Durante todo o dia, tínhamos estado a jogar a péla, até não se verem mais as bolas. Agora, após o jantar, achávamo-nos nesse estado de suave benevolência,

em que de bom grado toleramos que se nos conte uma história. Quando Clayton principiou a narrar a sua, nós supuzemos que ele estava mentindo. E é bem possível que estivesse mentindo... mas o leitor em pouco estará aparelhado para julgar isso tão bem como eu. A falar a verdade, ele principiou em tom de anedota banal, e todos nós julgamos que aquilo não era mais que um artifício da "parte".

— Vamos lá, — disse ele, depois de ter considerado por muito tempo os feixes de fagulhas que irrompiam do fogo havia pouco atizado por Sanderson, — todos sabem que eu estava aqui só, a noite passada.

— Só... sem contar com os criados, — retificou Wish.

— Que dormem na outra ala do edifício, — observou ainda Clayton. — Ora pois...

Puxou algumas fumaças do seu cigarro, como que hesitando um pouco em nos fazer as suas confidências.

Depois, com a maior tranquilidade do mundo, acrescentou:

— Eu capturei um fantasma.

— Um fantasma! Impossível! — exclamou Sanderson. — Onde está ele?

E Evans, que tem por Clayton uma admiração imensa e que depois da permanência de um mês na América, sempre conservou uma pronúncia nazal, exclamou por seu turno:

— Um fantasma? Quem o capturou, foste tu, Clayton? Que coisa assombrosa! Conta-nos isso depressa.

Clayton declarou que o ia fazer imediatamente, antes, porém, pediu-lhe que fosse fechar a porta. Ao mesmo tempo, olhava para mim como querendo pedir que o desculpassem.

Certo, ninguém anda a escurar pelas portas, mas penso que é inútil alarmar a criadagem com histórias de almas do outro mundo. Há aqui muitos recantos escuros, cartazes e guarções de paredes, para se arriscar essa brincadeira. E a minha alma do outro mundo não era o perfeito fantasma, julgo até que ele não voltará mais... nunca mais.

Mas então... não o conservou preso?

— Não tive coragem para o fazer, — respondeu Clayton.

Sanderson confessou a sua surpresa. Nós nos puzemos a rir, e Clayton manifestou-se pesaroso.

— Compreendo-os, — murmurou ele entre dentes, com um simulacro de riso. — Mas o que é fato é que se trata realmente de um fantasma, do que estou tão convencido como da presença de todos nós aqui, neste momento. Asseguro-lhes que não é pilheria e sei perfeitamente o que estou dizendo.

Sanderson, com os pequeninos olhos vermelhos fixos em Clayton, aspirou uma longa umaça do seu cachimbo, depois expeliu-a em um jato muito fino, de um modo bem mais eloquente do que muitas palavras. Clayton desdenhou esse comentário.

— Foi a coisa mais extraordinária que me tem acontecido. Todos os que aqui se acham, sabem que nunca acreditei em almas do outro mundo, nem em coisa alguma desse gênero, nunca, antes... Eis senão quando apanho uma em um canto, e tive que me haver sózinho.

Ele meditou mais profundamente ainda; depois, pegando em um cigarro, principiou a cortá-lo com um pequenino instrumento muito curioso e de que muito gostava.

— E falou com ele? — perguntou Wish.

— Durante cerca de uma hora.

— Conversação divertida? — perguntou colocando-me do lado dos incrédulos.

— O pobre diabo estava muito penalizado, — disse Clayton, atento à ponta do cigarro e deixando escapar uma leve inibição de censura.

— Ele soluçava? — perguntou alguém.

Clayton soltou um suspiro sincero evocando as suas recordações.

— Meu Deus! Sim, — disse ele. — Pobre rapaz! Sim, ele soluçava.

— Bateste então em cima dele? — inquiriu Evans com a sua mais genuína pronúncia americana.

— Nunca eu tinha imaginado que triste espécie de indivíduo fosse uma alma do outro mundo, — disse Clayton, simulando não ter ouvido.

Mais uma vez nos deixamos na expectativa, enquanto procurava fósforos nos bolsos e acendia o cigarro.

— Aproveitei a ocasião, — articulou ele finalmente.

Nenhum de nós manifestou impaciência. Ele prosseguiu:

— O caráter mantém-se o mesmo, ainda depois de se achar desencorporado. E' este um fato que costumamos esquecer frequentemente. As pessoas que têm intuições sólidas, vontade firme, produzem almas do outro mundo com intenções tenazes e decididas. A maioria das almas do outro mundo que "vêm a este" verdadeiramente, devem ter a idéia fixa nisso, como uns monomaniacos; cumpre que sejam tão obstinadas como as mulas, e aquela pobre criatura não era assim.

Súbito, ele ergueu a cabeça com um gesto bastante estranho, e o seu olhar percorreu toda a sala.

— Eu digo isto com a melhor das intenções, — continuou ele, — mas, no caso presente, é a absoluta verdade. A primeira vista d'olhos, julguei que ele fosse fraco.

Com um gesto feito com o cigarro, ele sublinhou a frase.

— Cai em cima dele no corredor. Voltava-me as costas e fui eu que o vi primeiro. Compreendi logo que aquilo era uma alma do outro mundo. Como fosse transparente e esbranquiçado, eu via através do seu busto o brilho dos vidros da janela. Além do físico, a atitude também me provou a sua fraqueza. Tinha o ar de quem não sabe absolutamente o que quer fazer. Passava uma das mãos pela parede e a outra tremia-lhe diante da boca. Posto isto...

— Que espécie de físico tinha ele? — perguntou Sanderson.

— Magro. Conhecem essa espécie de pescoço que indica dois longos entalhes nas costas, aqui e aqui... E uma cabeça pequena, mesquinha, cabelos enroscados, e orelhas sofrivelmente disformes, espáduas mal conformadas, mais estreitas que os quadris, colarinho virado, uma blusa curta, calças com joelheiras e um pouco desfiladas nos calcanhares. Eis o efeito que ele me produziu. Subia eu muito devagar a escada e não levava luz, compreendendo... as velas estão em cima da mesa no alto da escada, e só há aquela lâmpada...

Eu estava de chinelas e avisado-o a subir. Ao vê-lo detive-me bruscamente... para tomar uma decisão. Não sentia medo algum. Creio que na maioria dos casos desse gênero ninguém fica tão atemorizado ou excitado como imaginaria ficar. Eu estava surpreso e interessado. "Meu Deus!" dizia de mim para mim. Até que afinal, ali está uma alma do outro mundo! E eu que nestes últimos vinte e cinco anos nunca acreditei em almas do outro mundo!"

— Hum! — disse Wish.

— Apenas tinha eu chegado ao alto, quando ele notou na minha presença. Voltou rapidamente a cabeça para o meu lado e vi um semblante infantil de manrebo, um nariz fino e curto, pequeno bigode retorcido e queixo comprido. Ficamos assim um instante a olhar um para o outro, estando ele de costas e voltado para trás. Então, pareceu lembrar-se das suas altas funções. Voltou-se de todo, impetuosamente, projetou a cabeça para diante, levantou os braços, estendeu as mãos abertas, absolutamente à maneira das almas do outro mundo, e deixou cair o maxilar e proferiu um som débil e exqu岸ito: "Bu-hu!..." Não, não era absolutamente coisa que aterrorizasse. Eu tinha jantado copiosamente e bebido de um trago uma garrafa de champagne, e, como estava só, tinha absorvido talvez dois ou três, talvez mesmo quatro ou cinco "whiskies". Por



Conto de H. G. WELLS
Ilustração de ARMANDO MOURA

(Continua na pág. 51)

SMA INEXPERIENTE

— Vamos lá, — disse ele, depois de ter considerado por muito tempo os feixes de fagulhas que irrompiam do fogo havia pouco aceso por Sanderson, — todos sabem que eu estava aqui só, a noite passada.

— Só... sem contar com os criados, — retificou Wish.

— Que dormem na outra ala do edifício, — observou ainda Clayton. — Ora pois...

Puxou algumas fumaças do seu cigarro, como que hesitando um pouco em nos fazer as suas confidências.

Depois, com a maior tranquilidade do mundo, acrescentou:

— Eu capturei um fantasma.

— Um fantasma! Impossível! — exclamou Sanderson. — Onde está ele?

E Evans, que tem por Clayton uma admiração imensa e que depois da permanência de um mês na América, sempre conservou uma pronúncia nasal, exclamou por seu turno:

— Um fantasma? Quem o capturou, foste tu, Clayton? Que cousa assombrosa! Conta-nos isso depressa.

Clayton declarou que o ia fazer imediatamente, antes, porém, pediu-lhe que fosse fechar a porta. Ao mesmo tempo, olhava para mim como querendo pedir que o desculpassem.

Certo, ninguém anda a escutar pelas portas, mas penso que é inútil alarmar a criadagem com histórias de almas do outro mundo. Há aqui muitos recantos escuros, cartazes e guarções de paredes, para se arriscar essa brincadeira. E a minha alma do outro mundo não era o perfeito fantasma, julgo até que ele não voltará mais... nunca mais.

Mas então... não o conservou preso?

— perguntou Sanderson.

— Não tive coragem para o fazer, — respondeu Clayton.

Sanderson confessou a sua surpresa. Nós nos puzemos a rir, e Clayton manifestou-se pesaroso.

— Compreendo-os, — murmurou ele entre dentes, com um simulacro de riso.

Mas o que é fato é que se trata realmente de um fantasma, do que estou tão convencido como da presença de todos nós aqui, neste momento. Asseguro-lhes que não é pilheria e sei perfeitamente o que estou dizendo.

Sanderson, com os pequenos olhos vermelhos fixos em Clayton, aspirou uma longa fumaça do seu cachimbo, depois expeliu-a em um jato muito fino, de um modo bem mais eloquente do que muitas palavras. Clayton desdenhou esse comentário.

Foi a cousa mais extraordinária que me tem acontecido. Todos os que aqui se acham, sabem que nunca acreditei em almas do outro mundo, nem em cousa alguma desse gênero, nunca, antes... Eis senão quando apanho uma em um canto, e tive que me haver sozinho.

Ele meditou mais profundamente ainda; depois, pegando em um cigarro, principiou a cortá-lo com um pequenino instrumento muito curioso e de que muito gostava.

— E falou com ele? — perguntou Wish.

— Durante cerca de uma hora.

— Conversação divertida? — perguntei colocando-me do lado dos incrédulos.

O pobre diabo estava muito penalizado, — disse Clayton, atento à ponta do cigarro e deixando escapar uma leve intlexão de censura.

— Ele soluçava? — perguntou alguém.

Clayton soltou um suspiro sincero evocando as suas recordações.

— Meu Deus! Sim, — disse ele. — Pobre rapaz! Sim, ele soluçava.

Bateste então em cima dele? — inquiriu Evans com a sua mais genuína pronúncia americana.

Nunca eu tinha imaginado que triste espécie de indivíduo fosse uma alma do outro mundo, — disse Clayton, simulando não ter ouvido.

Mais uma vez nos deixou na expectativa, enquanto procurava fósforos nos bolsos e acendia o cigarro.

— Aproveitei a ocasião, — articulou ele finalmente.

Nenhum de nós manifestou impaciência. Ele prosseguiu:

— O caráter mantém-se o mesmo, ainda depois de se achar desencorporado. É este um fato que costumamos esquecer frequentemente. As pessoas que têm intenções sólidas, vontade firme, produzem almas do outro mundo com intenções ternas e decididas. A maioria das almas do outro mundo que "vêm a este" verdadeiramente, devem ter a idéia fixa nisso, como uns monomaniacos; cumpre que sejam tão obstinadas como as mulas, e aquela pobre criatura não era assim.

Súbito, ele ergueu a cabeça com um gesto bastante estranho, e o seu olhar percorreu toda a sala.

— Eu digo isto com a melhor das intenções, — continuou ele, — mas, no caso presente, é a absoluta verdade. À primeira vista d'olhos, julguei que ele fosse fraco.

Com um gesto feito com o cigarro, ele sublinhou a frase.

— Cai em cima dele no corredor. Voltava-me as costas e fui eu que o vi primeiro. Compreendi logo que aquilo era uma alma do outro mundo. Como fosse transparente e esbranquiçado, eu via através do seu busto o brilho dos vidros da janela. Além do físico, a atitude também me provou a sua fraqueza. Tinha o ar de quem não sabe absolutamente o que quer fazer. Passava uma das mãos pela parede e a outra tremia-lhe diante da boca. Posto isto...

— Que espécie de físico tinha ele? — perguntou Sanderson.

— Magro. Conheci essa espécie de peçoço que indica dois longos entalhes nas costas, aqui e aqui... E uma cabeça pequena, mesquinha, cabelos enroscados, e olhos sofrivelmente disformes, espáduas mal conformadas, mais estreitas que os quadris, colarinho virado, uma blusa curta, calças com joelheiras e um pouco desfiladas nos calcanhares. Eis o efeito que ele me produziu. Subia eu muito devagar a escada e não levava luz, compreendendo... as velas estão em cima da mesa no alto da escada, e só há aquela lâmpada... Eu estava de chinelas e avistei-o a subir. Ao vê-lo detive-me bruscamente... para tomar uma decisão. Não sentia medo algum. Creio que na maioria dos casos desse gênero ninguém fica tão atemorizado ou excitado como imaginaria ficar. Eu estava surpreso e interessado. "Meu Deus! dizia de mim para mim. Até que afinal, ali está uma alma do outro mundo! E eu que nestes últimos vinte e cinco anos nunca acreditei em almas do outro mundo!"

— Hum! — disse Wish.

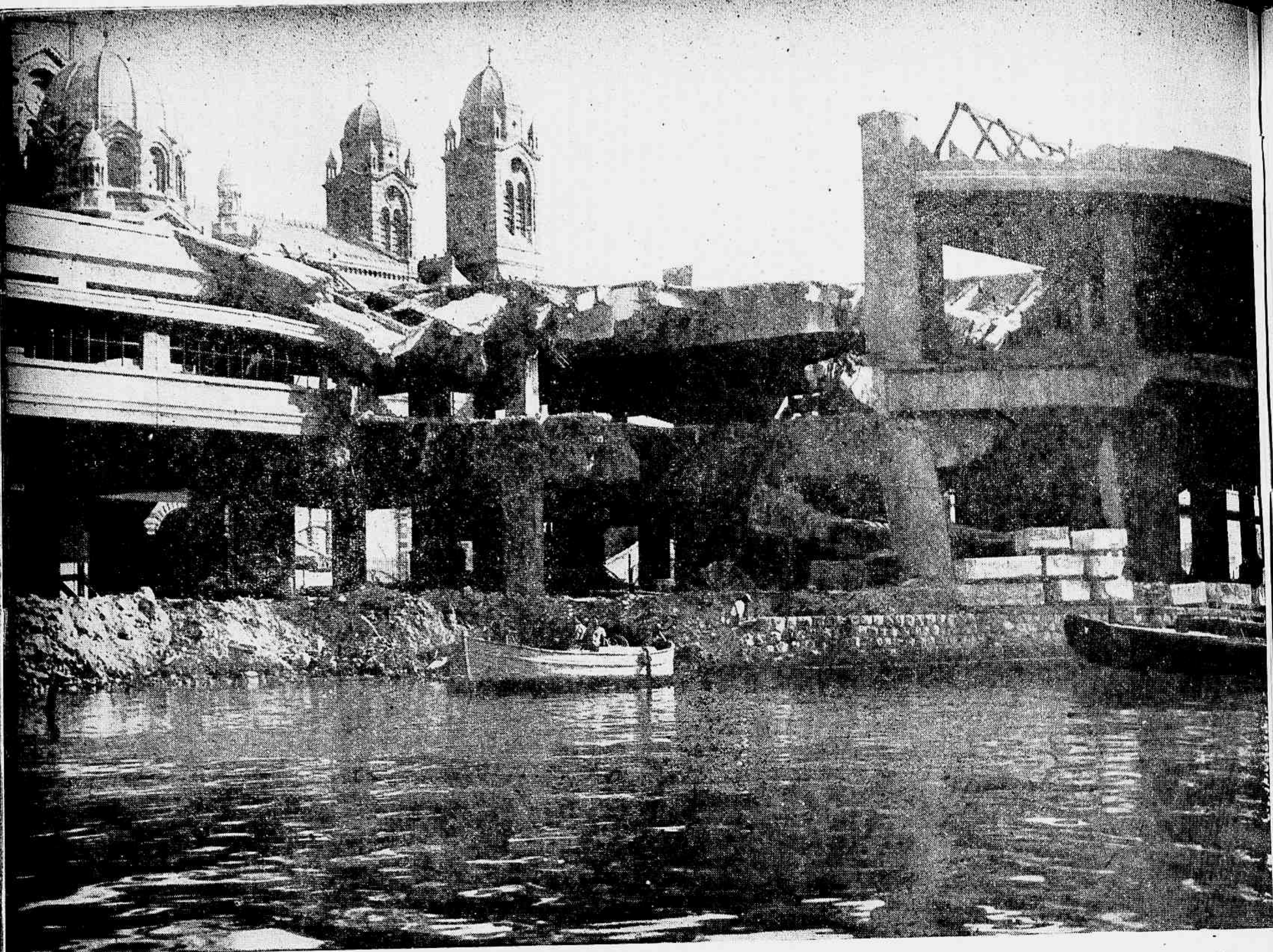
— Apenas tinha eu chegado ao alto, quando ele notou na minha presença. Voltou rapidamente a cabeça para o meu lado e vi um semblante infantil de manrebo, um nariz fino e curto, pequeno bigode retorcido e queixo comprido. Ficamos assim um instante a olhar um para o outro, estando ele de costas e voltado para trás. Então, pareceu lembrar-se das suas altas funções. Voltou-se de todo, impertigou-se, projetou a cabeça para diante, levantou os braços, estendeu as mãos abertas, absolutamente à maneira das almas do outro mundo, e caminhou para mim. Ao mesmo tempo, deixava cair o maxilar e proferia um som débil e exquisto: "Bu-hu!..." Não era absolutamente cousa que aterrorizasse. Eu tinha jantado copiosamente e bebido de um trago uma garrafa de champagne, e, como estava só, tinha absorvido talvez dois ou três, talvez mesmo quatro ou cinco "whiskies". Por



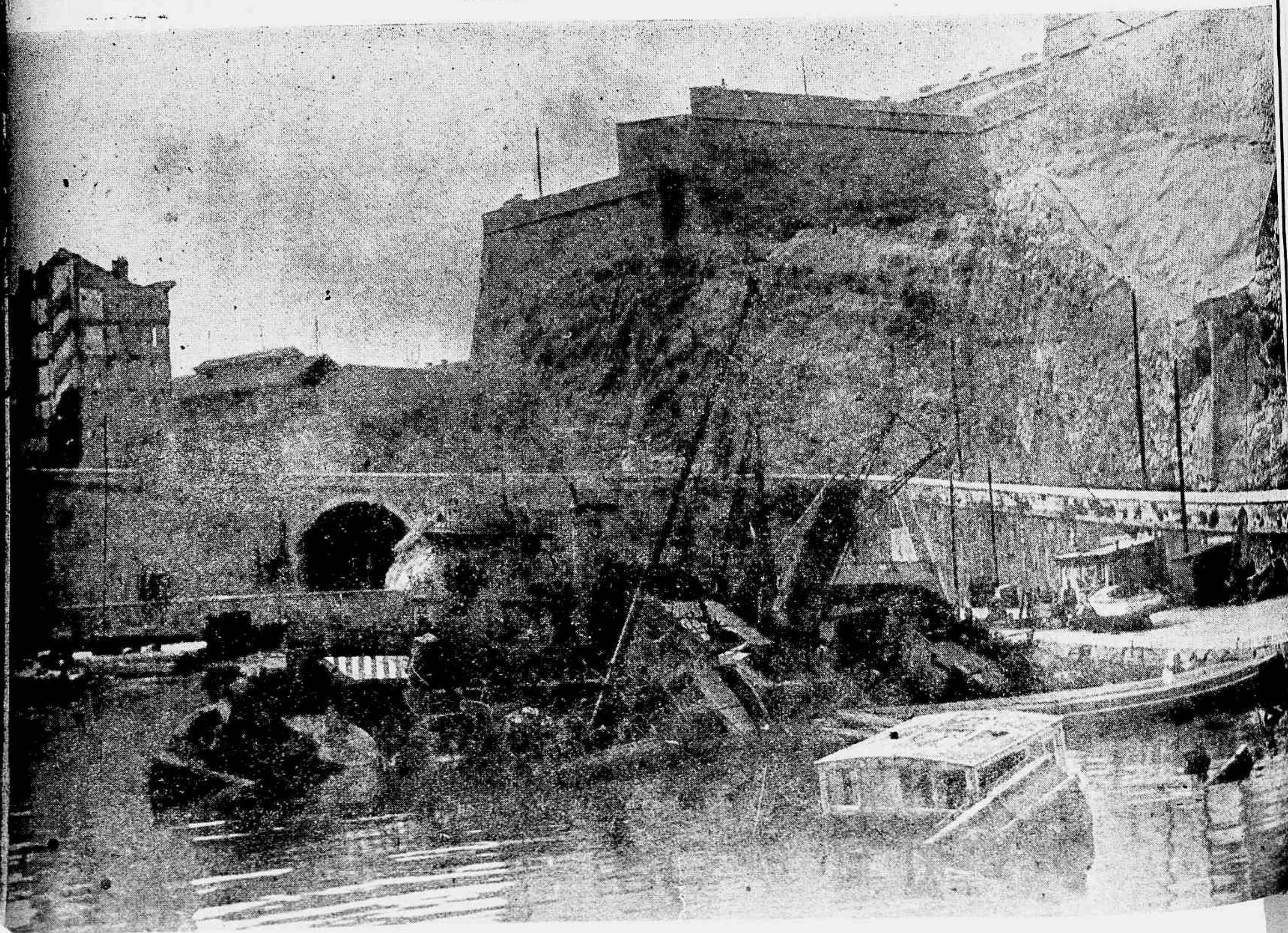
to de H. G. WELLS
ção de ARMANDO MOURA

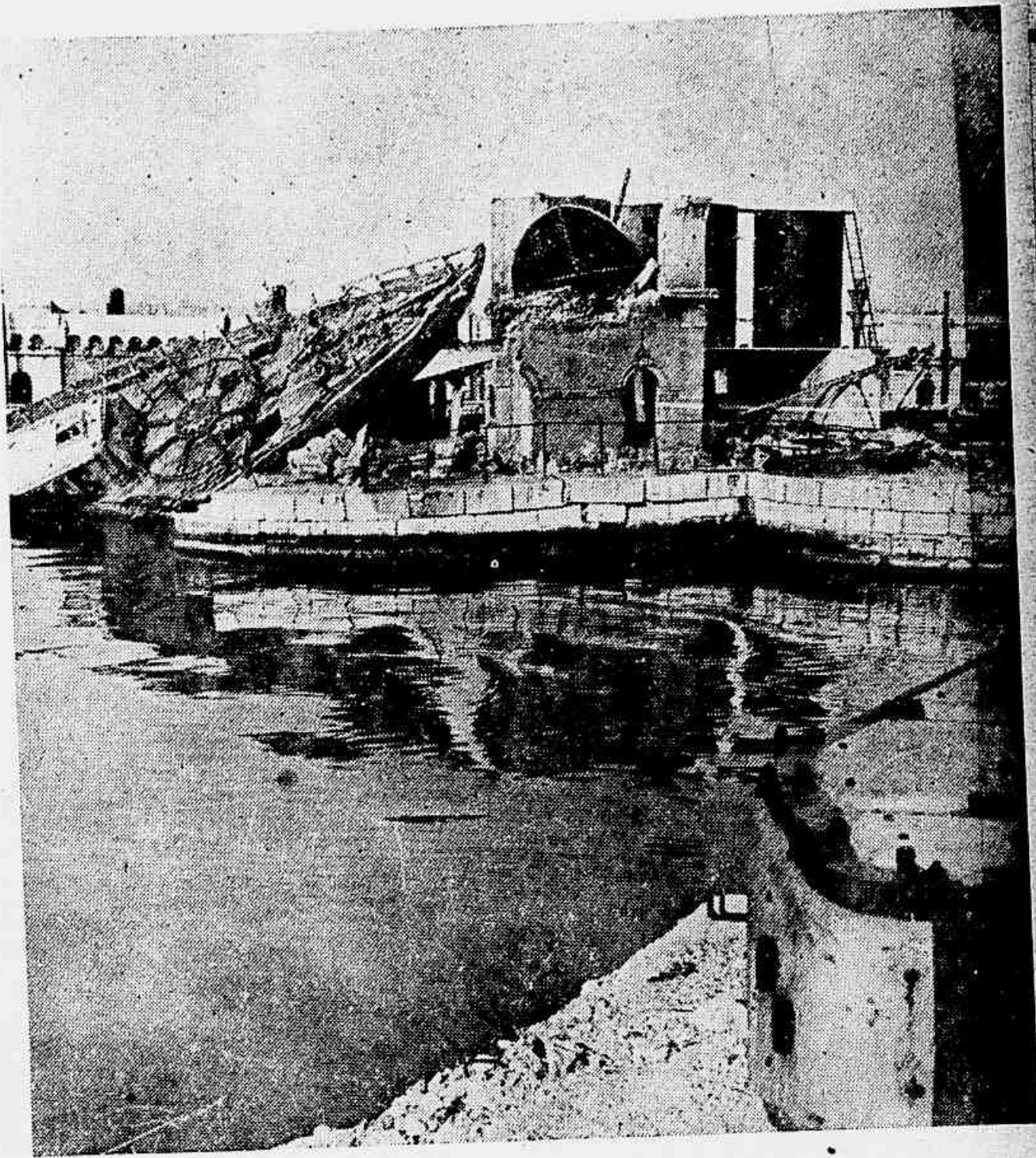
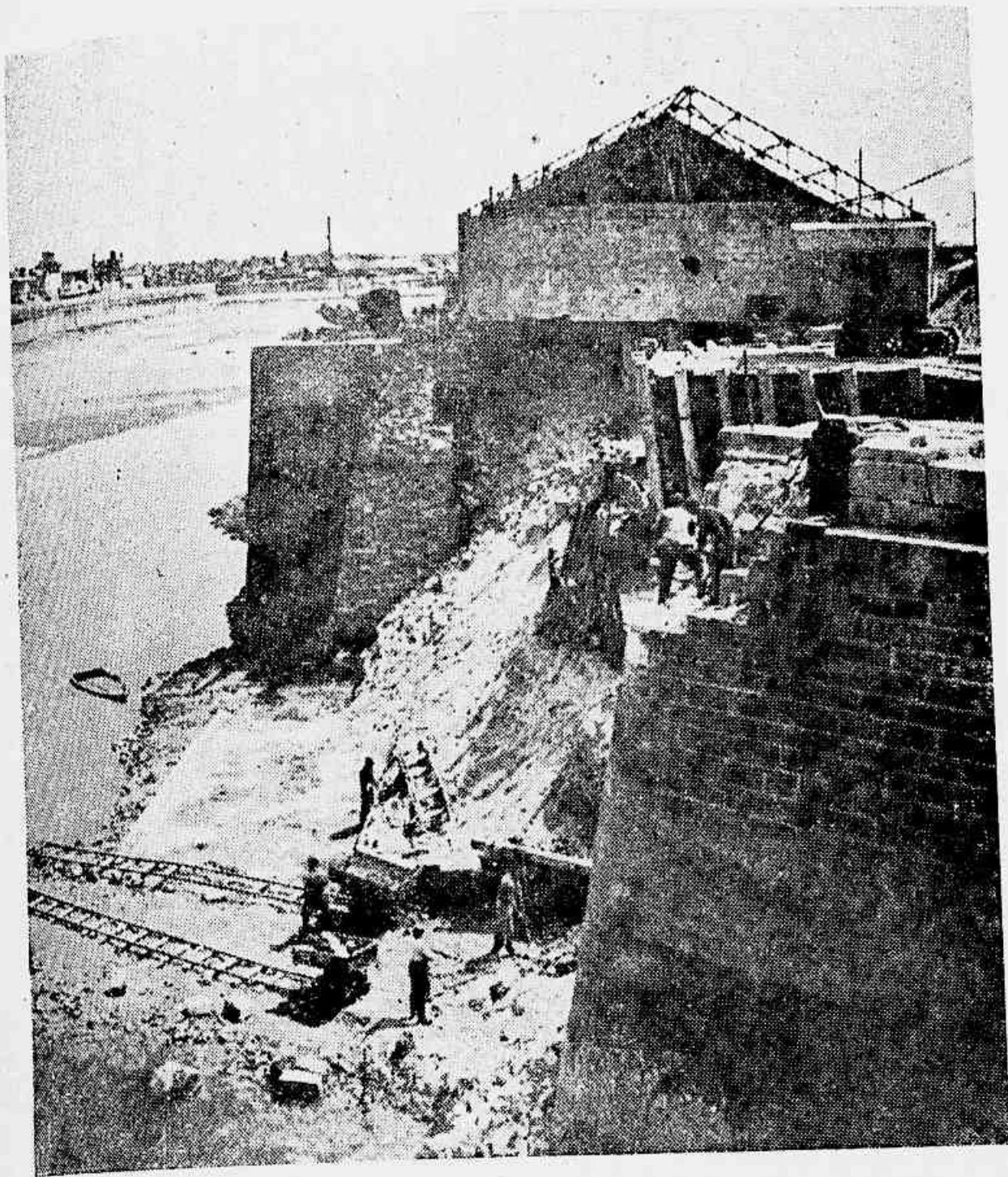
(Continua na pág. 51)

Ao alto: As torres da c



Ao alto : As torres da catedral de Marselha escaparam às bombas nazistas, embora a devastação tenha sido geral. Em baixo : Marselha, o grande porto do Mediterrâneo, foi convertido num cemitério de embarcações.





A esquerda: Reconstrução e reequipamento do porto de Saint Malo, um dos mais atingidos da França. A direita: A violenta explosão de uma bomba em Marselha atirou essa embarcação sobre o cais.

IMAGENS DA FRANÇA DE 1946

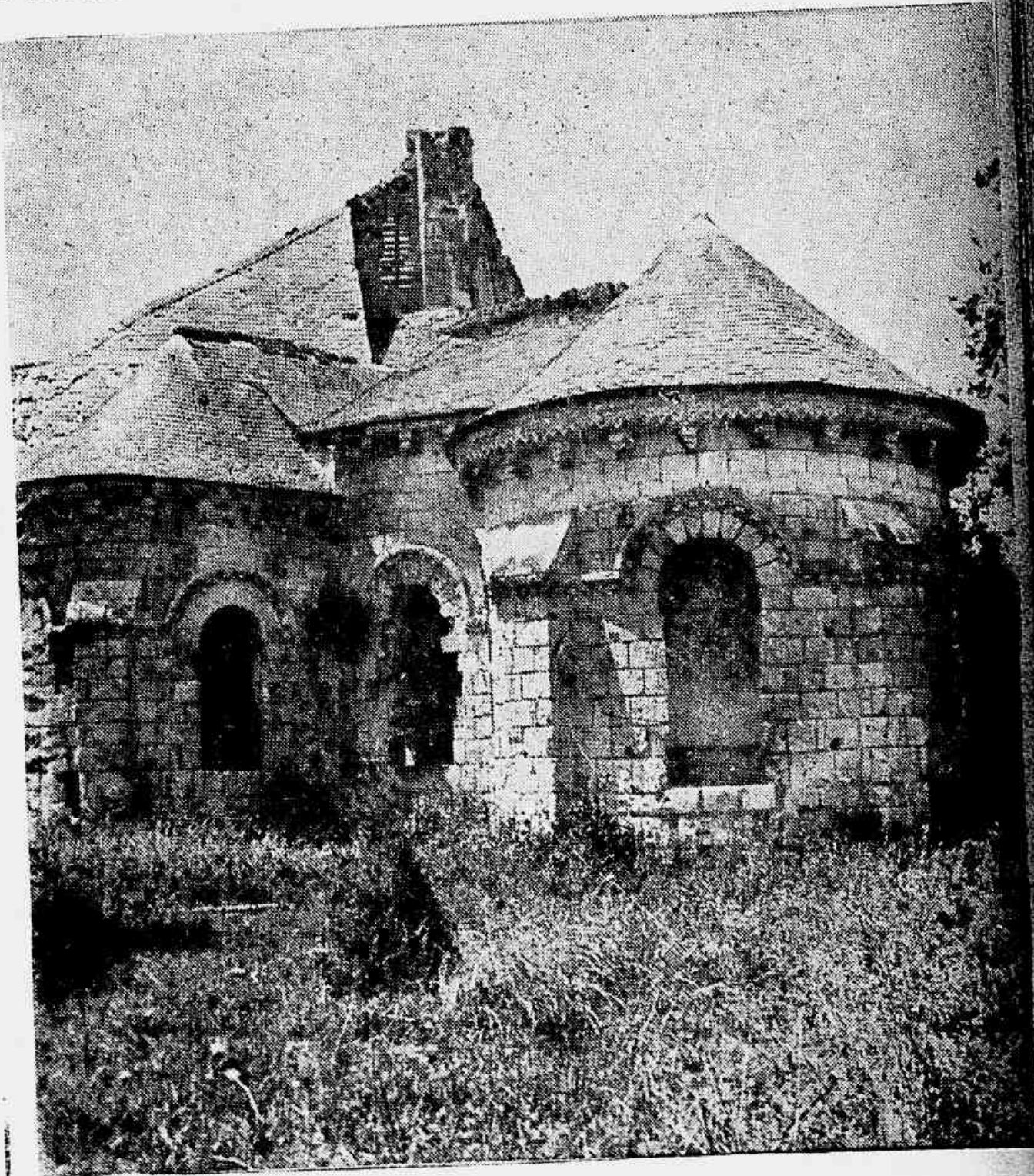
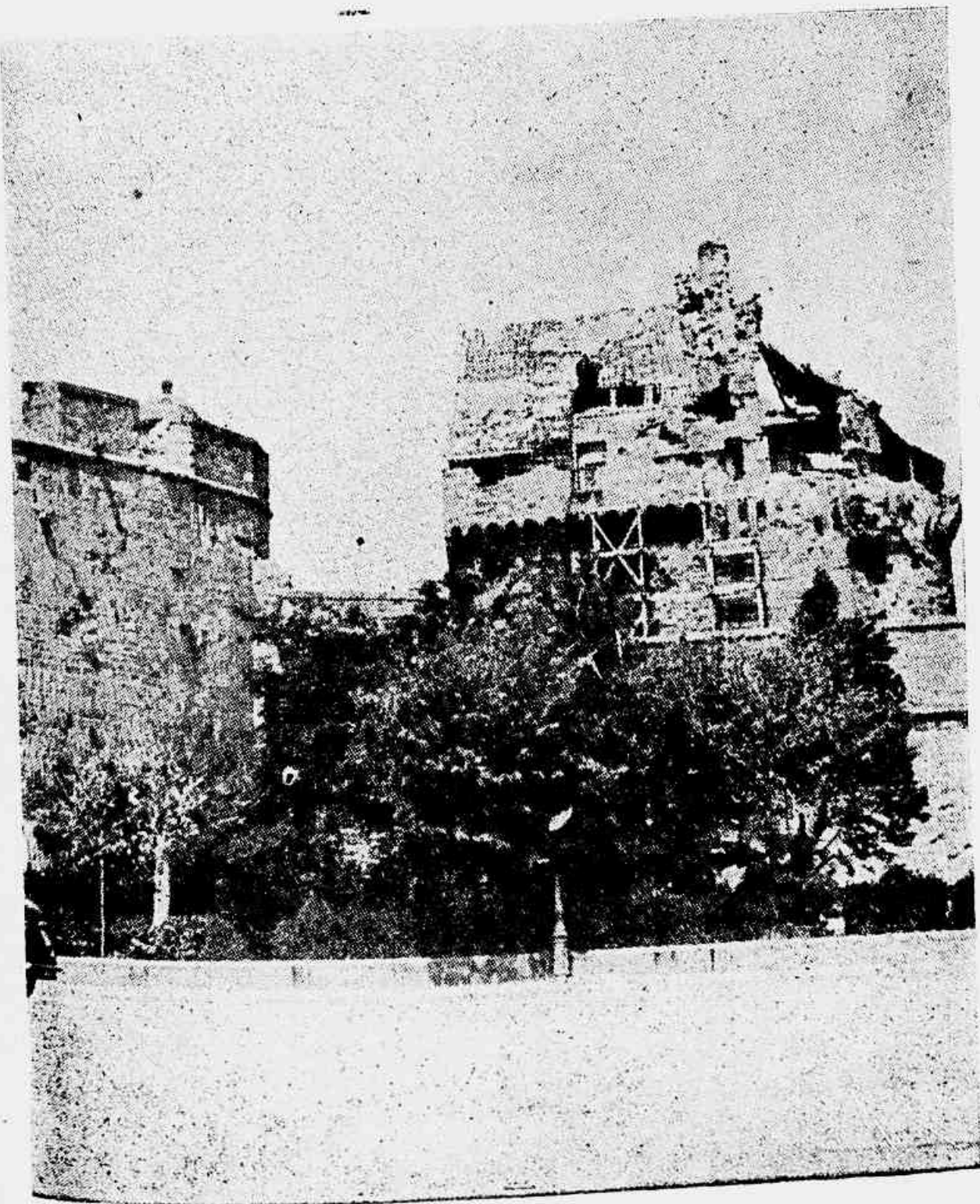
PARIS, novembro — Especial para REVISTA DA SEMANA — Paris é de novo a velha, a tradicional, a acolhedora e alegre Paris de outrora. Abrem-se exposições de artistas visitantes. Do Brasil vem um Cândido Portinari. Da Itália, são trazidos quadros famosos. O

Ainda estão abertas em muitos lugares as tremendas cicatrizes da guerra, mas a recuperação já está em pleno andamento em todo o país — Paris outra vez alegre — Visões trágicas que lembram as batalhas da libertação — Renasce o turismo no sul da França.

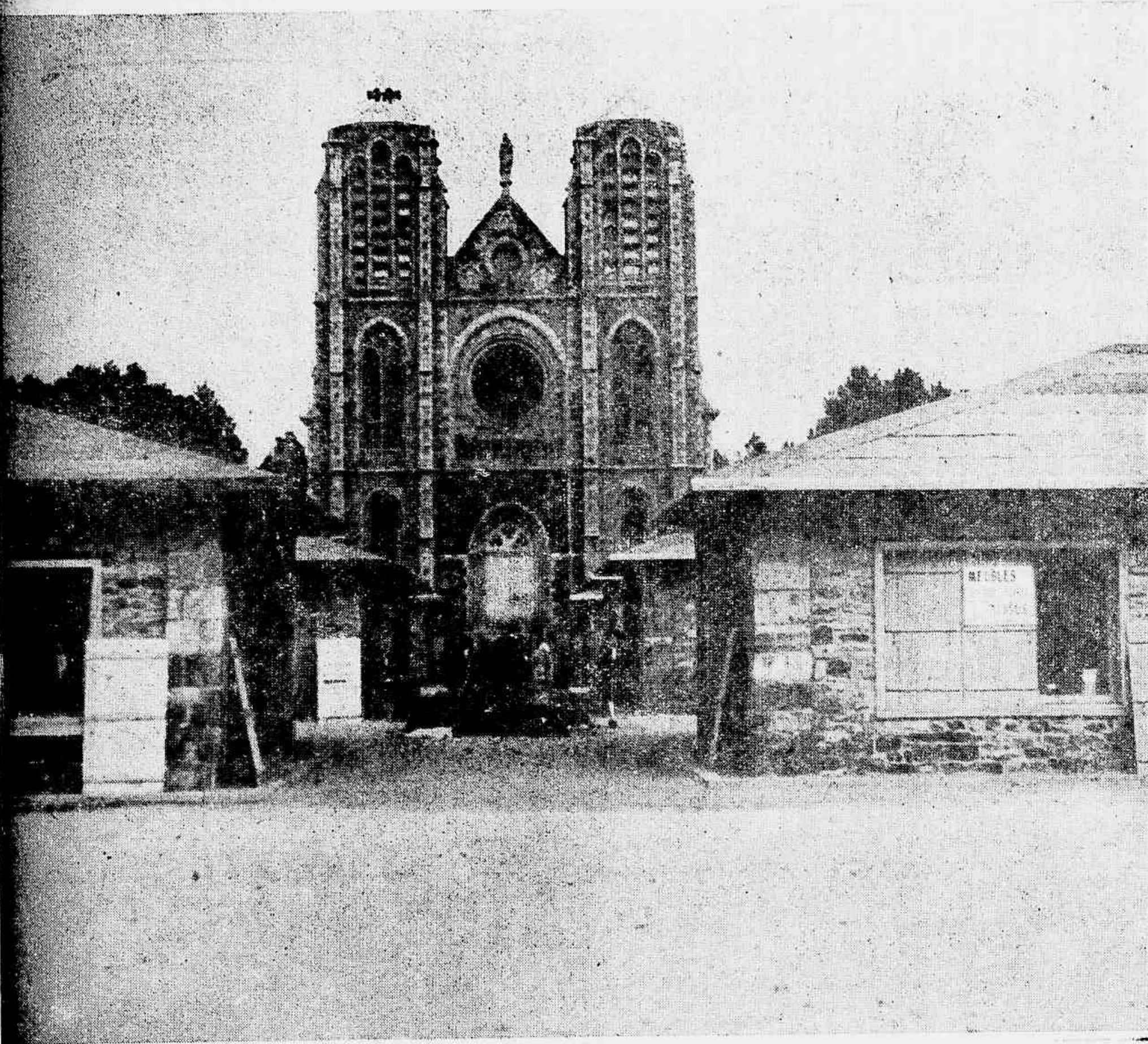
Por PIERRE DE MONTREAUX

cinema francês reanima as suas atividades, com a volta de um Jean Gabin, que aparece em "Martin Roumagnac", e de uma Michele Morgan, que se faz premiar em "Sinfonia Pastoral". Os atores de teatro emigrados voltam ao ninho antigo, como Louis Jouvet, que colhe no pal-

A esquerda: Estado atual do castelo da Rainha Ana, em Saint Malo, na França, — uma das curiosidades turísticas locais. A direita: Um dos sítios turísticos famosos da França, — a Abadia de Saint-Côme em La Riche, perto de Tours, e onde morreu o famoso poeta Ronsard, em 1585.



Construções provisórias de pedra e madeira, para abrigar os desalojados, em Saint Malo, na França. Esse foi um dos portos mais danificados pela guerra.



foi um dos seus maiores sucessos em "La folie de Chaillet", peça de Jean Giraudoux, e no cinema em "La Revenant" (O inesperado). As "boltes" os "bistros", voltam à sua vida alegre de outrora. A corrida de bicicleta em seis dias constitui uma nova sensação na vida esportiva da capital francesa. Na Riviera, o Clube dos Elitários se reabre, para as delícias da vida esportiva e para os esplendores da alta sociedade. Velhos "habitués", como Eric Van Stroheim e sua esposa, madame Denise Varnac, reapareceram entre os seus frequentadores. E o turismo vai se reanimando, outra vez, com a chegada de centenas e centenas de sul-americanos e de norte-americanos, pelos aviões e pelos navios transatlânticos. Paris é, de novo, a capital do mundo. E a França é, outra vez, o coração da Europa.

★

Ninguém pense, entretanto, que pelo simples fato de que recobrou a alegria, consequência natural de haver recobrado a liberdade a França já está curada de todas as suas dores, de todas as suas feridas, de todos os seus agravos. Não. Ao contrário, essas cicatrizes ainda não desapareceram. Ainda funcionam tribunais que condenam à morte, aos trabalhos forçados, à prisão e à perda dos direitos políticos, alguns franceses desnaturalizados que colaboraram com o invazor nazista, traindo a França e a humanidade. Ainda há processos em estudo e investigação e ainda há acusados que permanecem forçados. Nas cidades francesas há, também cicatrizes que ainda não se apagam. E terão de ir sendo removidas lentamente, com o tempo. Uma dessas cidades é Marselha o grande porto francês do Mediterrâneo.

Marselha, velha cidade da Phocida, e grande centro comercial foi das mais cruelmente feridas pela guerra. Bombardeios e destruições sistemáticas destruíram todas as suas instalações portuárias, afundaram numerosos navios e paralizaram todo seu tráfego marítimo.

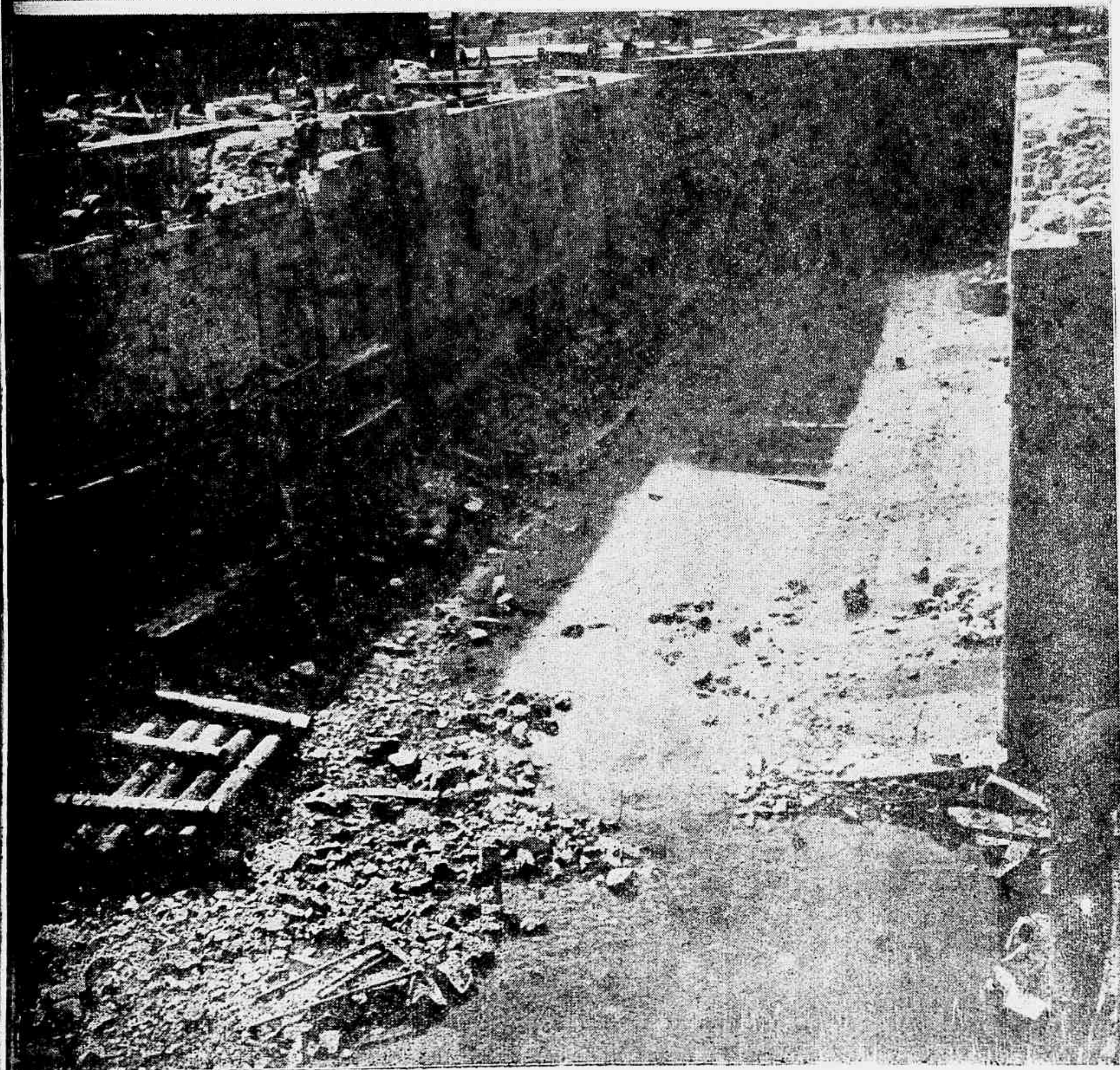
As destruições adquiriram uma gravidade excepcional pelo fato de Marselha ocupar, entre todos os portos marítimos da França, o primeiro lugar em tonelagem de mercadorias. O movimento do porto, que era de cerca de 7.300.000 toneladas de mercadorias tais como produtos alimentícios, oleaginosos e químicos, achar-se ainda muito reduzido. Mas a reconstrução das instalações portuárias está quase ultimada e prosseguem os melhoramentos e ampliações indispensáveis que devolverão a Marselha o seu lugar de primeiro porto do Mediterrâneo.

★

Marselha não foi a única vítima. Houve muitas outras cidades que passaram pelas mesmas provações. Uma delas foi Saint Malo o antigo refúgio dos navios corsários franceses, na época romântica da pirataria.

A pitoresca cidade de Saint Malo foi arrasada durante os combates da Liber-

No porto de Saint Malo, um dos mais atingidos pela guerra, aqui vê-se o início da reparação de uma comporta.



O atum é abundante na costa de Comarcou e a pesca, este ano, foi excepcionalmente rendosa.

lção. Suas instalações portuárias foram completamente destruídas.

Foi necessário reconstruí-la inteiramente. Para possibilitar a carga e a descarga de navios fizeram-se construções provisórias. Algumas comportas permitiram, agora, o acesso ao porto. Finalmente, já foi inaugurado o serviço regular Saint-Malo-Inglaterra.

A guerra terminou nos campos de batalha. Mas, nos países devastados da Europa, como a França, ela continua no trabalho insano de apagar seus vestígios, de reconstruir o que foi arrasado.

★
Mas essas próprias ruínas, essas terríveis cicatrizes da guerra, também têm uma utilidade; servem como atração para os turistas. Não há quem não queira vê-las, para através delas avaliar a intensidade da luta, a brutalidade dos combates. Mas não são só essas ruínas trágicas que atraem turistas à França. Nem só a sua civilização e a sua ciência.

Milhares e milhares de pessoas, de toda a parte, visitam a França anualmente a fim de ver seus monumentos e recantos pitorescos. E' que lá, o artificial e o natural, a obra do homem e da natureza, casam-se harmoniosamente, formando quadros encantadores.

Ora um vilarejo alpino, ora uma praia do Mediterrâneo, um túnel, um simples cedro perdido numa planície, ou uma velha torre, um campo de trigo ou de centeio... tudo dá à França um que de poesia, algo de pitoresco, não encontra do noutro lugar.

A tradição e o modernismo, o natural e o artificial, o grandioso e o pequenino tudo lá coexistem lado a lado naturalmente, dando ao visitante uma visão completa de progresso humano em dezenas de séculos.

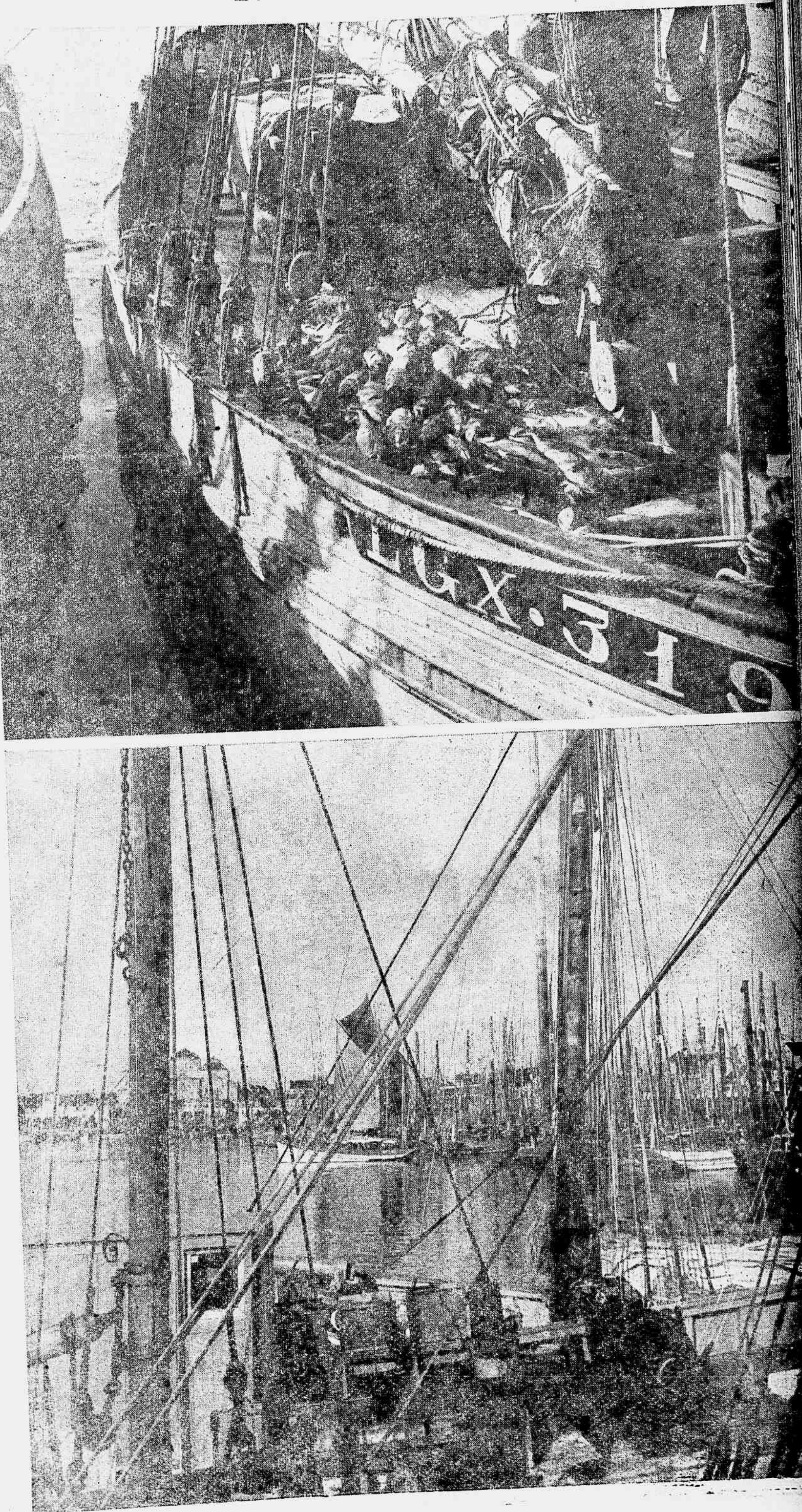
★
Outra atividade que está normalizada na França é a da pesca que é na Bretanha, a principal atividade dos seus habitantes. A pesca, na Bretanha, alimenta numerosas indústrias locais, especialmente as de conserva de peixes. Numerosos portos facilitam a exploração desta fonte natural. Infelizmente, Lorient e Brest, completamente destruídas, viram suas flotilhas de pesca emigrar para Comarcou, Audierne e outros portos de menor importância. Apesar das destruições e das sabotagens germânicas, a capacidade da pesca, na Bretanha, é ligeiramente superior à de 1939.

No momento em que o abastecimento da França está tão abalado, a produção dos portos bretões — já intensificada — coopera eficazmente na alimentação popular.

A rapidez dos meios de transporte permite fornecer peixe fresco a Paris, a preços relativamente baixos.

O pitoresco da Bretanha atrai, anualmente, numerosos forasteiros. Embora muito tenham sofrido com a guerra os hotéis da região, é fora de dúvida que, muito proximamente, estará esta província francesa apta a receber novamente seus numerosos visitantes.

Flotilha de barco de pesca no porto de Comarcou, na Bretanha.



A vida em São Antão

SANTO ANTÃO é uma velhíssima cidade de mais de duzentos anos de existência, esquecida de Deus e dos homens — menos do fisco. As casas de paredes caladas de branco, com os batentes das janelas e das portas acinzentados, sem pintura alguma, encostam-se umas nas outras, como rebanho medroso. Todas são térreas, cobertas de telha vã enegrecida e sem calhas; por isso, nas enormes lagoas de passeio, perto das paredes há um filete mais claro que segue paralelamente à guia do calçamento, feito pela água da chuva. Na rua poeirenta, passam carroças barulhentas puxadas por bois magros, guiados por capangas de chapéu de palha, sem paleó, calça de brim branco e pés no chão.

O interior das casas deixa-se devassar pelo transeunte, mostrando grande simplicidade: cadeiras de palhinha, portarvasos de três pés; toalhinhos de crochê e nas paredes, esponjadas de azul, o inculto e ingênuo esteticismo caboclo ornadas com litografias de velhas folhinhas. Aqui e ali grandes quadros ostentando fotografias de senhoras antiquadas. Pelas portas abertas, avista-se a negrura dos tetos sem lombo das cozinhas e o chão de terra batida. A um canto, um pia. e dois ou três felxes de lenha.

Santo Antão é servida por uma estrada de ferro. O trem das onze, como ali se diz, é um mixto, que chega sempre depois de meio dia.

O viajante desceu do vagão com muita dificuldade, porque crianças e mulheres, vestidas, umas de azul, outras de verde, subiam à plataforma. Na estação passavam, entre capirins de pés descalços e barba crescida, carrinhos repletos de jacás de galinhas, ou fardos de algodão, empurrados por negros estarrapados. Recusou o oferecimento de meninos sujos para transportar a mala. No "Hotel dos Viajantes", logo depois de lavar-se, foi para a mesa, onde vários dos seus colegas esperavam o almoço. O recém-chegado foi recebido amigavelmente:

— Olá Asdrubal! Como estava a praça? De onde chega?

Apertos de mão palmadas nos ombros, enquanto procurava chegar ao lugar vago e ia respondendo às perguntas. Logo porém, as conversas se fragmentaram, pulando daqui e dali pedaços de frases:

— Colocou vinte contos em...
— Encontrei-me com o Silva em Encruzilhada; estava com...

— Eu sai correndo, pelo quintal...
— Quando cheguei lá, fui receber os oito contos...

Quem terminava, retirava-se da mesa procurando visitar o mais depressa possível seus frequentes.

A noite, sozinho, no banco do jardim, Asdrubal olhava distraidamente... Grupos de moças, de braços dados, passeavam, conversando animadamente. O verão tomava mais belas e expansivas. Também moços, sem gravata de camisa aberta andavam pela praça, mas quando em sentido contrário.

Durante as voltas dos grupos, Asdrubal começou a individualizar as fisionomias: esta usava jóias baratas em profusão; aquele indivíduo amulhado parecia não ter tido outra preocupação desde o dia do nascimento, senão buscar e pentear a cabeleira negra e ondecada. Aquela moça desdentada, vestida de amarelo e de riso idiota, queria manter um "firt" — era só o que falava! Depois naquele banco havia uma moça, de fita azul nos cabelos. Asdrubal, sem o perceber, procurava sempre analisar e descrever a causa de tantos encantos. Pouco a pouco, suas observações sobre os passeantes foram diminuindo e sua atenção se concentrava na "menina do banco" — como ele mencionava a chamava — mas a moça não tornara a aparecer, porque fora ao cinema.

Na porta do hotel D. Leocádia, a proprietária conversava com algumas vizinhas.

— Então, "seu" Asdrubal? Passou muito?

— Nem tanto...

Apreciara o movimento do jardim; depois dera uma espiada no baio do "Comercial" e agora ia deitar-se para "fazer a praça" amanhã, antes do almoço.

Depois de mais algumas frases sem importância, voltou desprocuradamente a pergunta que lhe pulava nos lábios, desde a volta para o hotel:

— A senhora conhece uma mocinha, que tinha "já hoje" uma fita azul no cabelo?

— Fita azul... — disse pensativamente a gorda proprietária, segurando os lábios.

— Uma de vestido "godê"? E estava usando tranças?

— Não senhora. Ela usava um vestido branco...

— Então é a Ana Maria... ou a Tiana da Quinta...

Não... É Ana Maria mesmo. Você tem bom gosto e faz boa escolha. A família é pobre mas muito direita. A irmã dela, também muito bonita, casou com o filho do coronel Lesbão...

Meses depois quando Asdrubal chegava a Santo Antão, Ana Maria alegre como um pássaro esperava na estação e D. Leocádia, no hotel, elogiando-lhe a novidade, informava-o de tudo quanto acontecera durante sua ausência: desde os vestidos usados pela noiva até as novas amizades que fizera. Era comum vê-lo sentado num banco do jardim conversando amigavelmente: ela o olhava como criança atenta a uma linda história e ele a babar-se de felicidade.

Frequentemente, Ana Maria dirigia-se ao "Morro Quebrado" — local situado a menos de dois quilômetros da cidade onde se encontrava a fazenda do seu cunhado Juca filho do coronel Lesbão.

Depois que o noivo partira, ela encaminhava-se para a casa da irmã, para trabalhar no enxoval. Na saída, estava o Juca, sentado fumando em silêncio.

— Boa tarde, "seu" Juca.

— Boa tarde, Aninha. — disse ele, com o sorriso de sempre.

Ana Maria sorriu e mostrou-lhe o bordado, que transformara um saco de farinha numa bonita toalha.

— Isso já é para seu enxoval?

— É sim; só falta agora passar a bainha a "point" de ouro.

— É muito bonita... Como a dona...

Ana Maria sorriu e depois abaixou os olhos num murmúrio:

— Muito obrigada. Bendize sua, "seu" Juca.

Então o homem olhou-a turvamente. E, pegando na toalha passou-a mãe pelo braço dela dizendo com firmeza:

— Se eu não fosse casado, roubaria a noiva de um viajante... Vou roubar mesmo...

— "Seu" Juca?!

— Vem! Me dá um beijo...

Foi assim que Ana Maria se perdeu.

Envergonhadíssima a chorar, cantara em casa, porque não comia e passava chorando e soluçando todas as noites. Fora insultadíssima pelos seus. Dera-lhe como chicotada não ser mais considerada como filha.

Perto do cinema à tarde, havia comentários:

— Você sabe, Tiana, "diz que" o Juca do "seu" Lesbão é a Ana Maria...

— Eu bem dizia que aquela santinha não prestava...

Outra, entretanto mais caridosa procurava explicar:

— Olhe eu acho a menina inocente; ela só tem dez anos; vai ver que isso deve ser boato.

A noite, correu outra novidade:

— Diz que ela saiu correndo de casa. — o Pedro da venda é que viu — e quando chegou no meio da ponte pulou a grade. Ele diz que só viu um vulto azul mexer-se no ar e um chinelinho cair...

E a vida de Santo Antão continuou como sempre com o trem das onze chegando, como sempre, depois do meio dia.

Conto de CID LOPES * Ilustração de ORLANDO MATTOS

Premiado no concurso permanente da
REVISTA DA SEMANA



A VIDA DE

(1813.)
Por HENRY THOMAS e LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade para a REVISTA com a Livraria do Globo Porto Alegre)

no se sabia o que fosse estar livre de preocupações. Muita vez sentia falta. De a vida era uma bela canção era também uma canção trágica recebendo uma educação completa na escola do sofrimento.

Felizmente, não demorou a encontrar um protetor na pessoa de Antonio Barezzi, bondoso e próspero comerciante atacodista a quem Carlo Verdi comprava os suprimentos para a sua venda. Giuseppe visitava frequentemente os armazéns de Barezzi levando recados do pai. Barezzi agradou-se do rapazinho, pois era também como Giuseppe ardente amante da música, tocador de flauta e clarinete e presidente da Sociedade Filarmônica.

Foi portanto, com grande alegria que o jovem Verdi entrou como aprendiz na armazém do "Signor Antonio", onde devia ajudar Barezzi não só no negócio mas também na transcrição e no arranjo de novas músicas para a Sociedade. Em retribuição pelos seus serviços dava-lhe o paião cama e comida e proporcionava-lhe professores de latim e música. Pouco tempo depois estava o jovem "Beppe" transformado em membro íntimo da família Barezzi, e namorado de Margherita, filha de Barezzi, com a qual tocava duras no piano novo que este último comprara para eles. Juntos viviam em sua música e juntos sonhavam com o futuro casamento — casamento esse que trouxe a Verdi a sua maior felicidade e a sua maior dor.

Naquela ocasião, contudo, era ainda muito cedo para fazerem planos matrimoniais, pois Verdi era ainda um menino e a sua educação musical mal principiara. Uma sociedade filarmônica de Busseto concedeu-lhe uma pensão anual de setenta e cinco libras, ao que Barezzi acrescentou uma mesada do seu bolso, e Verdi foi para Milão afim de prestar exames no Conservatório.

Não passou nos exames. Não censuramos, porém, os examinadores por esse fracasso, pois havia duas razões óbvias e legítimas para a rejeição de Verdi — a sua muita idade e a insuficiência dos seus conhecimentos. Constatava-se no regulamento da sociedade que somente poderiam ser admitidos alunos menores de catorze anos e que estes deviam demonstrar um domínio adequado do piano. O haver demonstrado o candidato de dez e oito anos uma perícia medíocre ao piano era um reflexo, não do talento de Verdi, mas da habilidade dos seus mestres. De feito os examinadores alorram-lhe o talento e recomendaram-no a um professor particular, o compositor Lavigna.

Este fato, mau grado a amarga decepção de Verdi, constituiu para ele uma circunstância feliz. Lavigna tocava cimbalo na orquestra do Teatro Scala e foi por via dele que Verdi pôde familiarizar-se com a música de ópera. Destarte o seu fracasso foi tão somente um passo no sentido do triunfo, um apartamento das estradas reais da erudição acadêmica para ilustrar os azares da criação independente. Verdi nascera escritor de óperas e foi para essa direção que uma sábia Providência lhe conduziu os passos.

Durante dois anos estudou com Lavigna e começou depois, a fazer nome por si. O regente da Sociedade Filarmônica de Milão planejara apresentar a "Criação" de Haydn. No derradeiro instante, contudo, teve medo, queixando-se de que o coro não estava suficientemente ensaiado e sugerindo que Verdi o substituísse como maestro da orquestra. Verdi concordou e converteu o fiasco que se esperava num êxito brilhantíssimo.

Em razão desse êxito o regente da Filarmônica instou com ele que escrevesse uma ópera e enviou-lhe um libreto intitulado "Oberto, Conde di San Bonifácio". O jovem músico de Le Roncole encarou por esse modo uma carreira na ópera que se estenderia por um período de mais de sessenta anos.

EM resultado das conquistas napoleônicas, a aldeia italiana de Le Roncole, na província de Piacenza, tornou-se território francês. E foi no idioma francês que o jovem vendelino Carlo Verdi registrou o nascimento do seu filho Giuseppe no dia 10 de outubro de 1813.

Alguns meses depois, os soldados russos e austríacos invadiram o território de Piacenza e, para desoprimir o seu ódio contra Napoleão, chacinaram muitos dos habitantes daquela província — não só homens como também mulheres e crianças. Em Le Roncole refugiaram-se algumas mulheres na igreja da aldeia. Perseguiam-nas, porém, os soldados e trucidaram-nas no meio das suas orações. Uma das mulheres, contudo, foi suficientemente afortunada para levando o filho nos braços, esconder-se no campanário. E foi assim que Giuseppe Verdi logrou salvar-se da espada para poder enriquecer o mundo com o seu canto.

Embora os pais não cantassem nem tocassem, aquela estranha criança silenciosa nutria verdadeira paixão pela música. As horas mais felizes passava-as no domingo, a ouvir o órgão da igreja da paróquia. Aos sete anos de idade fez-se acólito. Um belo dia, enleou-se por tal maneira ouvindo tocar o organista que se esqueceu de entregar a água ao padre. O santo homem perdendo a paciência, fê-lo rolar, a pontapé, os degraus do altar. Quando a criança chegou a casa, machucada e cheia de sangue, os pais lhe perguntaram o que acontecera. "Por favor, quero aprender música", foi a única resposta.

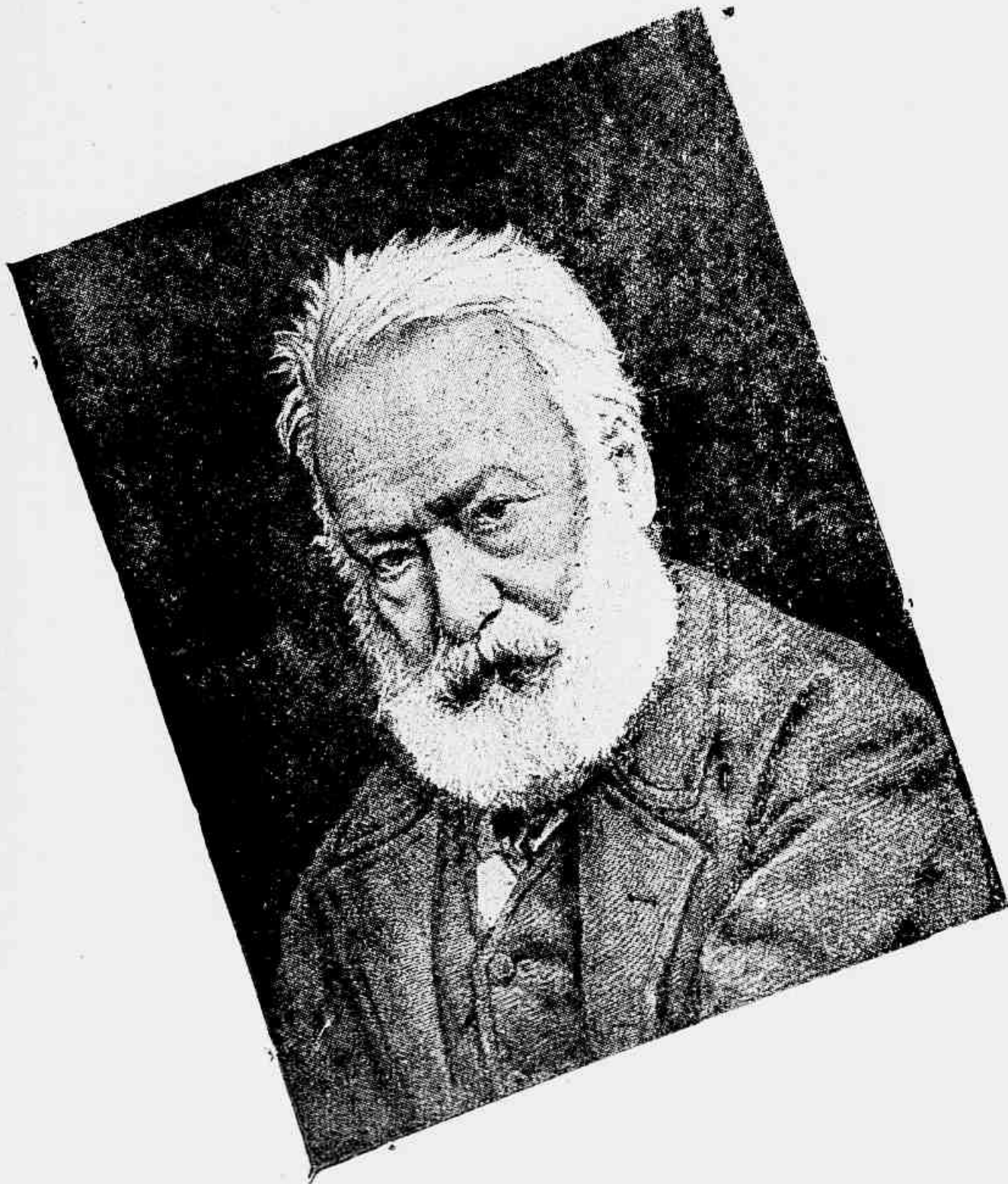
Alguns anos mais tarde foi o padre atingido por um raio, e os aldeões supersticiosos viram nessa tragédia uma condenação do céu em virtude dos maus tratos infligidos ao pequeno Giuseppe.

Se os céus no entanto, tinham julgado conveniente punir a explosão de cólera do pobre sujeito, havia muito que Giuseppe se esquecera dela, pois ganhara de presente dos pais uma velha espineta, recompensa mais do que bastante pelos seus sofrimentos. O organista da aldeia, Baistrocci, foi o seu primeiro mestre, embora fosse menos exigente em relação ao aluno do que o próprio Giuseppe. Um belo dia, vendo-se na impossibilidade de tocar uma determinada corda da espineta, enfureceu-se de tal modo que golpeou o instrumento com um martelo. Para consertá-lo, foi chamado um afinador de piano da vizinha cidade de Busseto, que se recusou a aceitar a paga do seu trabalho. Em vez disso colou dentro da espineta um pedaço de papel com as seguintes palavras: "Eu Stefano Cavalletti, consertei estes martinets e coloquei estes pedais, do que faço presente ao jovem Giuseppe Verdi, por ver quão ardente é o seu desejo de aprender a tocar este instrumento. A sua devoção à música é remunerada suficiente ao meu trabalho".

Como, num curto período, a devoção de Giuseppe à música o levasse a ultrapassar a capacidade do professor, os pais enviaram-no a Busseto para prosseguir em seu aperfeiçoamento. Comparada a Le Roncole, era a cidade de Busseto, com os seus dois mil habitantes verdadeira metrópole de arte e cultura, pois podia jactar-se de possuir uma Sociedade Filarmônica e uma charanga. Para lá se recolheu o jovem músico de doze anos, em busca de inspiração e fortuna. Hospedou-se em casa de um sapateiro, por cinco centavos diários, e fez, todos os domingos, à hora da missa o percurso de Busseto a Le Roncole, pois conseguira o posto de organista assistente da paróquia, pelo que percebia o magnífico salário de quarenta libras por ano.

As domingueiras peregrinações entre Busseto e Le Roncole nem sempre eram agradáveis, pois ele tinha de fazê-las todas as semanas, debaixo de chuva ou de sol, no inverno e no verão. Numa véspera tempestuosa de Natal caiu dentro de um fosso e só pôde sair-se auxiliado por um passante. Essa existência de trabalho sem intervalos converteu, num rapaz melancólico, se bem não o tornou apocado. Desde a mais tenra infância

Ao alto: Giuseppe Verdi, autor de tantas óperas famosas e o maior dos melodistas do seu tempo. Em baixo: Victor Hugo, que, em sua peça "Le roi s'amuse", forneceu a Verdi o tema da famosa ópera "Rigoletto".



VERDI

LEE THOMAS
REVISTA DA SEMANA,
Porto Alegre).

de escrever, todavia, a sua primeira regresso a Busseto e a uma a namorada de infância, Maria Barezzi. Dois anos depois, quando a Milão, resumiam-se-lhe os temas da esposa, uma ópera protagonista "bambini", um menino e uma

foi representado no Teatro no outono de 1839. O sucesso que levou para ditamos a própria Verdi, não muito grande, foi suficiente para assegurar-lhe uma vida de mais duas óperas.

uma dessas óperas basear-se-ia num conto sério. Mas assim que Verdi a compôs, Merelli, o diretor do Teatro da Scala mudou de idéia. As condições financeiras do teatro, dizia ele, não permitiam a representação de uma ópera tão séria. Por isso mesmo enviou a Verdi um novo libreto, "Un Giorno di Regno", dizendo-lhe que fizesse para ele uma "mais engraçada possível".

Essa ocasião, entretanto, Verdi não se dispôs a pensar em música. Depois, pois as desventuras tinham começado a acumular-se-lhe sobre a cabeça, tornou-se presa de uma série de crises cardíacas — devidos possivelmente a uma constituição enfraquecida — e fôra que tão a miúdo padeceria de ataques.

Incapaz de trabalhar e agido por um acúmulo de dívidas, Verdi a Merelli que lhe adiantasse algum dinheiro. Este último recusou. Para pagar a dívida já vencida, precisou a esposa vender todas as suas jóias.

Em 1840, escreveu Verdi alguns anos depois, foi apenas o princípio das minhas dificuldades. Em abril (1840) o meu filho morreu, e antes que os médicos pudessem diagnosticar a enfermidade, morreu a mãe desconsolada.

Se isto não bastasse, minha filha morreu também alguns dias depois do seu turno, também morreu. E como isto ainda não fosse suficiente, a minha pobre mulher foi tomada de violenta epilepsia do cérebro e, no dia 3 de maio, um terceiro caixão deixou a minha casa... E no meio de todas essas desgraças terríveis eu tinha de escrever a ópera cômica!

A ópera, como era de esperar, foi um completo fracasso. Verdi sentiu ainda profundamente esse fracasso por considerar como um insulto acrescentado à injúria. O público, queixou-se não devia "maltratar assim a obra de um pobre rapaz doente, preocupado com a carência de tempo e com o coração magado por tremendas desgraças".

Adicionalmente, ao que parece, não desaprova em silêncio a ópera e isso, principalmente, o magoou de maneira atroz. O público tivesse, não digo aplaudimentos, mas se limitado a receber a ópera com silêncio, eu não saberia encontrar palavras suficientes para expressar os meus sentimentos.

A virtude "do castigo dos deuses e da vida dos seus semelhantes", Verdi tentou, durante algum tempo, apegar-se ao desespero. "Eu estava só, sozinho, sozinho... Com a alma torturada pelos infortúnios domésticos e pela insensibilidade do público, eu tinha a certeza de que fora inútil buscar na arte e decidi nunca mais com-

na noite, entretanto, encontrou-se com a esposa e quebrou a promessa que fizera de nunca mais compor. Merelli escreveu um libreto cujo tema versava sobre Nabucodonosor, "Leve-o para casa", e ele, "o leu-o. Não que eu esperasse escrever a música, mas quero que me diga o que acha disso".

Verdi levou o manuscrito para casa e decidiu escrever a ópera, que ressurta um espírito de rebeldia, irmão da ópera de Verdi, a história de uma escravidão e oprimida. A sua raça

sofria também debaixo do tacão opressor da Áustria. Verdi era um rebelde. Arrastava no coração a ansia pela batalha de libertação da Itália. Haveria de escrever uma música que seria como um torção de espina para essa batalha — harmonias que emprestariam "ânimo e força" ao povo desalentado, que permitiriam a este levantar a cabeça, endireitar os ombros e lançar de si os grilhões da escravidão.

Foi com esse estado de espírito que escreveu "Nabuco" (Nabucodonosor). E o povo, compreendendo-lhe a disposição e aprendendo o espírito rebelde da música, saudou Verdi como o profeta compositor nacional o Mazzini da ópera italiana. Tão profundamente comovida ficou o auditório na noite de estréia que, ao termo de cada ato, a casa inteira se erguia num brado uníssono de aclamação. O trecho da ópera que maior êxito logrou foi o cântico dos hebreus cativos — "Voa, esperança minha, sobre asas de ouro".

Tomado pelo povo italiano, foi esse cântico arremessado como um hino de desafio, ao resto dos soldados austríacos.

Verdi retornara da solidão e reassumira o seu lugar no mundo. E esse recômbro de alento foi devido não só à devoção do público senão ainda à feição de Giuseppina Strepponi, jovem e talentosa atriz que cantara a parte do soprano na ópera "Nabuco", e cuja admiração ardente à música dessa ópera, inflamando todo o elenco lhe arrancara um esforço supremo. A sua admiração à música logo se traduziu em admiração ao músico. A admiração converteu-se depois em amor, e o amor abriu o caminho para íntimas relações entre ambos. Por alguns anos contudo, essas relações não tiveram a sanção legal do matrimônio, e o povo principiou a murmurar. Verdi, que não se prendia a convenções nem a respeito da sua música nem a respeito do seu caráter, não se incomodou com o murmurar do povo. Não obstante, quando o antigo benfeitor, Antonio Barezzi, uniu a voz ao cântico de censuras, viu-se Verdi obrigado a escrever-lhe uma carta de explicações e também de protesto. "Após tão prolongado silêncio", queixou-se ele, "eu não esperava receber do senhor uma carta tão formalista, contendo expressões que se devo interpretar-las corretamente, me causaram grande pesar. Se essa carta não viesse assinada pelo meu benfeitor, eu lhe teria dado uma resposta lacônica ou, talvez, não lhe teria dado resposta alguma. Mas como traz um nome que tenho a obrigação de respeitar, em quaisquer circunstâncias, devo procurar convencê-lo de que não mereço a sua censura...

"Não creio que o senhor a tivesse escrito se houvesse seguido os ditames do coração. Mas o senhor vive entre pessoas que padecem do hábito de espelhar o que fazem os vizinhos e de condenar toda e qualquer ação que não se lhes ajuste aos padrões de proceder. Tenho por hábito não interferir na vida dos outros, mas espero que os outros não interfiram na minha...

"...Não me oponho absolutamente a levantar a cortina que oculta o mistério de quatro paredes... Nada tenho que esconder. Vive em minha casa uma senhora, livre, independente, que ama, como eu, o campo e que possui um rendimento particular que a coloca acima da necessidade de ser amparada por quem quer que seja. Nenhum de nós é obrigado a prestar contas de nossos atos a ninguém. As nossas relações dizem respeito tão somente a nós mesmos. De que maneira se justifica o público para esquadripinhar os direitos que cada um de nós possa ter sobre o outro? A quem poderá interessar o ser ou não ser ela minha esposa?... Quem tem o direito de nos condenar ao ostracismo?... E permita-me que lhe diga o seguinte: em minha casa assiste-lhe, a ela o direito de exigir o respeito devido a mim mesmo — ou melhor, mais ainda; e isso, de maneira alguma, poderá ser esquecido. O procedimento e o caráter dela dão-lhe um direito especial à consideração que ela, por sua parte, nunca deixou de ter para com os outros".

E foi somente em 1859 — dezessete anos após o seu primeiro encontro — que



Ao alto: O cantor Gino Bechi, no papel de "Rigoletto", na ópera de Verdi, quando foi cantada na temporada de 1946 no Municipal. Em baixo: Mimi Benzell, no papel de Gilda, em "Rigoletto", na recente representação levada a efeito no Teatro Municipal.



se casaram. Essa união, não só antes como também depois do casamento foi feliz, bem que os caracteres fossem sob certos aspectos, incompatíveis. Diferiam particularmente n.ºs pontos de vista sobre religião. Giuseppina era católica devota e Verdi, agnóstico. Ambos, porém, crescem ou não, opunham a graça divina da tolerância. Giuseppina lamentava o ceticismo de Verdi mas respeitava-o. "O meu bandido", escreve ela jocosamente a seu médico Cesare Vigna "pr. testa ser, com a calma obstinação que me deixa furiosa, não direi um ateu mas um crente assaz duvidoso". Mas até um "crente duvidoso" ou mesmo um descrente positivo, confessa ela em outra carta (escrita à sua amiga Clarina Maffei), p. de ter sido dotado da graça de um bom caráter. "Verdi é uma nobre alma e possa Deus conceder-lhe muitos anos de ventura!... Há algumas naturezas virtuosas para as quais a fé em Deus é necessária; outras, igualmente perfeitas são mais felizes não acreditando em nada. Manzoni o crente, e Verdi o descrente — tais são os dois grandes homens que me alimentam o pensamento".

No que concerne a atitude de Verdi em relação a Giuseppina e a considerava a piedade dela como o arrimo necessário àqueles que não são bastante fortes para se manterem sózinhos em pé; amava-a não obstante pelo que considerava como a sua fraqueza assim como pelo que reconhecia ser a sua força. Ela era a confirmista, e o revolucionário. E Verdi, assim como Giuseppina, compreendiam que a união perfeita consistia na harmoniosa combinação dos dois caracteres opostos. Não, opostos não, complementares. Na viagem perigosa da vida há duas coisas de igual importância — uma mão firme para sustentar a cana do leme, e um espírito intrépido para traçar o roteiro do percurso.

C. quando diferentes em sua atitude em relação à igreja Giuseppina e Verdi eram entretanto idênticos em três coisas essenciais — a sua devoção à caridade, o seu amor à solidão do campo e a sua paixão, música.

A caridade era o único assunto que jamais discutiam. Cada qual dava p. r. certa a generosidade do outro e nenhum jamais pedia contas ao outro dessa generosidade. "Quando nos pomos a calcular as despesas", escreve Giuseppina, "damos sempre pela falta de avaliada soma. E Verdi não apresenta explicações — não, precisa fazê-lo. Todo esse dinheiro, até o último centavo, foi gasto em ajudar algum pobre diabo desamparado". Verdi, por sua parte, usava do mesmo talo em relação às coisas que faltavam nas prestações de contas de Giuseppina em virtude da generosidade dela. Às vezes colaboravam nessa generosidade, — especialmente nas ocasiões em que os seus colegas músicos tinham precisão de ajuda. A espacia casa de campo era sempre um refúgio para os amigos menos felizes.

Essa casa de campo dos Verdi ao pé do lago de Sant'Agata, principiara com uma quintazinha e transformara-se gradativamente numa propriedade magnífica. p. is Verdi era um homem prático de negócios e nascera fazendeiro. "Sou e serei sempre um campônio de Roncole", dizia. Gastava porventura, a mesma soma de tempo no amanho da terra que na composição da música, chegando até a tomar parte da edificação de várias casas da propriedade. "Verdi", refere Giuseppina à amiga Clarina Maffei "virou arquiteto... Está dirigindo uma legião de trabalhadores em Sant'Agata... Não posso dizer-lhe quantas vezes durante as operações de construção, as camas, guarda-roupas e mobílias caíram de um quarto para outro...". Certa vez, quando alguns visitantes ilustres surgiram em casa dos Verdi durante o seu processo aparentemente interminável de construção "dignaram-se jantar numa espécie de antecâmara, ou corredor, adornada de ninhos de passarinhos onde as andorinhas entravam e saíam, carregando alimento para os filhotes". E Verdi era obrigado a despir as roupas de trabalho e vestir-se "respeitavelmente" a fim de receber as visitas pois "estava sempre trabalhando na propriedade; e eu lhe garantio" — observa Giuseppina — "que ele desempenha sua parte tão bem ou melhor que um verdadeiro arquiteto".

Verdi não se interessava apenas pela construção mas também pela administração da propriedade. "O meu bandido" ganha o pão cotidiano como capataz em Sant'Agata. Nos dias de mercado atendia pessoalmente à venda do gado e quando se ausentava de casa fazia questão de estar sempre muito bem informado acerca da administração da propriedade e dos atos dos empregados. "Você não diz nada sobre os criados", escreve ao administrador durante uma de suas ausências. "Estão todos mortos?... Como vai o moço das cavalariças? Que é que ele está fazendo?... Fui informado de que você não tem proporcionado a Miord (um dos cavalos) exercício suficiente e de que, até agora, não amansou o potro. Assim não vai. Os cavalos não se mantêm em boas condições e tendem a engordar e a ficar preguiçosos quando não exercitados. Insisto também em que sejam alimentados com o nosso feno". O senhor fazendeiro de Sant'Agata era um administrador metucioso e exigente.

E no meio das mil e uma obrigações relativas à administração da propriedade,

escreveu os "experimentos de óperas" que haviam de gradualmente colocá-lo na primeira fila dos compositores europeus. Treze óperas em oito anos: *I Lombardi*, *Ernani* (baseado no drama poético de Victor Hugo), *I due Foscari*, *Giovanna d'Arco*, *Alzira*, *Attila*, *Macbeth*, *Luisa Miller* e *Silello*.

Não era Verdi um sonhador que se perde vagasse acima das realidades da vida. Tinha os pés firmemente plantados sobre a terra. Adquirira, especialmente debaixo da orientação de Giuseppina, a arte extremamente prática de traduzir o gênio em dinheiro sonante. Quando convidado para escrever "*I Lombardi*", perguntou a Giuseppina que preço deveria exigir p. r. isso. Ela aconselhou-o a conseguir o mais possível sem, no entanto, ir muito longe. Seguindo-lhe o conselho pediu e recebeu sete mil e quinhentas liras por essa ópera. A data desse momento subiram sempre os seus preços, de doze mil e quinhentas liras por "*Luisa Miller*" a cento e cinquenta mil liras por "*Aida*".

Verdi foi um desses raríssimos seres

humanos — um gênio supremo que conseguiu em vida tornar-se um homem extraordinariamente rico.

Embora calçado de ouro, o caminho de Verdi apresentava, de onde em onde uma rocha aguçada que o fazia tropeçar. Os censores austriacos, que lhe distinguiam na música uma nota perigosa de aspiração à liberdade italiana, faziam o possível para juncá-lo de obstáculos o caminho. Claro está que não podiam prendê-lo como haviam prendido os jornalistas, políticos e poetas insurgentes da Itália uma vez que lhes era impossível apresentar provas legais de um pensamento revolucionário concreto expresso na linguagem abstrata da música. Valiam-se contudo, de todos os métodos legais possíveis a fim de vedar-lhe a apresentação das peças cu mutillar-lhes o enredo por tanta maneira que elas, quando representadas parecessem desprovidas de sentido. Imitaram, por exemplo em certos pontos da conspiração — o ponto decisivo da história — da ópera revolucionária "*Ernani*". Enfraquecendo, desta maneira, o que constituía a força do enredo, obrigavam o compositor, ao mesmo tempo, a aguar o vinho forte da sua música. Semelhantemente deturpavam as palavras e a música de "*Johana d'Arc*", "*Macbeth*", "*Os Lombardi*" e "*A Batalha de Legnano*".

Verdi encontrou, porém a sua maior dificuldade quando inventou apresentar "*La Maledizione*" em 1850, pouco depois da malograda revolução de 1848, em que tomara parte corajosa, tendo escrito a música para um poema patriótico que principiava com estas palavras: "Sois os trombetas, agiti a bandeira preta e amarela". Mandara-a depois a seu amigo Manzoni (autor do famoso romance "*Os Nervos*") com as palavras seguintes: "Fossa logo este hino ser cantado com o acompanhamento de canhões nas planícies da Lombardia". Nesse mesmo ano apusera o nome a um manifest. em que os revolucionários italianos pediam a ajuda da França contra a Áustria.

Incluídos a punir o compositor pela sua insubordinação valeram-se os censores austriacos da oportunidade que este mesmo lhes oferecia ao submeter-lhes "*La Maledizione*" à competente aprovação. Examinaram a ópera e exararam a seguinte decisão, enviada ao diretor do Teatro Fénix de Veneza onde a peça fora arrolada entre as futuras representações:

"Sua Excelência, o Governador Militar da Itália, manda-nos transmitir o seu profundo pesar por não haverem o Poeta Plave e o celebrado Maestro Verdi encontrado campo melhor para os seus talentos do que a revoltante imoralidade e a obscena trivialidade que formam o argumento do libreto intitulado "*La Maledizione*".

"Sua Excelência decidiu que a representação deve ser absolutamente proibida e devnos, ao mesmo tempo, instruir para identificar a V. S. se abstenha de proceder a ulteriores solicitações sobre o assunto".

Afortunadamente, porém havia entre os amantes da música italiana alguns políticos influentes, inclusive o próprio secretário do governador militar. Graças à intervenção desses simpatizantes políticos foi afinal, retirada a proibição e "*La Maledizione*" corrigida e expurgada do elemento estimulante revolucionário, recebeu o "nihil obsta" oficial, sendo levada no dia 11 de março de 1851, no Teatro Fénix, sob um novo título — "*Rigoletto*".

Com o "*Rigoletto*" iniciou-se para Verdi um novo período no desenvolvimento do seu gênio — período de dezessete anos em que ele escreveu nove óperas: "*Rigoletto*", "*Il Trovatore*", "*La Traviata*", "*I Vespri Siciliani*", "*Simone Boccanegra*", "*Aredo*", "*Un Falso in Maschera*", "*Forza del Destino*" e "*Don Carlos*". Trabalhava agora com menor rapidez mas com maior cuidado que antes. Amava a sua arte e ele a levava a sério. Surgiam em seus melhores esforços. Surgia na música uma nota nova — nota de grande beleza sofrimentos dos seus semelhantes. Abandonara-se a rebelião.



O cantor brasileiro Assis Pacheco, no papel do duque de Mantua, em "*Rigoletto*", ópera que Verdi extraiu da obra dramática de Victor Hugo, "*L'eroi s'amuse*".

(Continua na pág. 49)



LUIS TITO DE ALMEIDA FRANCO, cidadão brasileiro, nascido num dia cinco de junho em Belém, capital do Pará, é solteiro, e descende de uma tradicional família paraense. É neto do conselheiro do Império, Tito Franco de Almeida, cuja biografia foi publicada pelo Instituto Histórico. Fez seu curso secundário na sua terra natal, deixando de concluir o de advocacia em virtude de sua vocação para o teatro, que o levou a tentar-se no Rio. Aqui, graças ao amparo de uma irmã, logrou colocar-se como desenhista de vitrais, além de ilustrar as crônicas de Luiza Barreto Leite, num semanário carioca. Depois, levado por Valdemar Henriques, ingressou no Curso Prático de Teatro, onde o foi buscar Pascoal Carlos Magno para o Teatro do Estudante. Daí ingressou no "cast" da Rádio Nacional, fazendo um "sketch" com Zezé Fonseca. A seguir, em seguida dedicou-se às novelas, fazendo o Carlos, de "Em busca da Felicidade", e Kali, o cigano de "Alegria". Tomou parte em vários programas, e fez no palco, com Dulcina, o "Apolodoro" de "Cesar e Cleópatra" e o "Conde de Wawick" em "Santa Joana". Representou ainda em "Anfitrião 38". Em São Paulo, ao lado de Bibi, criou "Maxim de Winter", de "Rebeca". No cinema, trabalhou em "Caminho do Céu", e "Corações sem piloto". No momento integra o elenco de rádio-teatro da Tupi, e prepara-se para trabalhar como figura principal no elenco dirigido por Chianca de Garcia, devendo tomar parte na peça "O que matou por amor", de Celestino Silveira e Berlet Júnior.

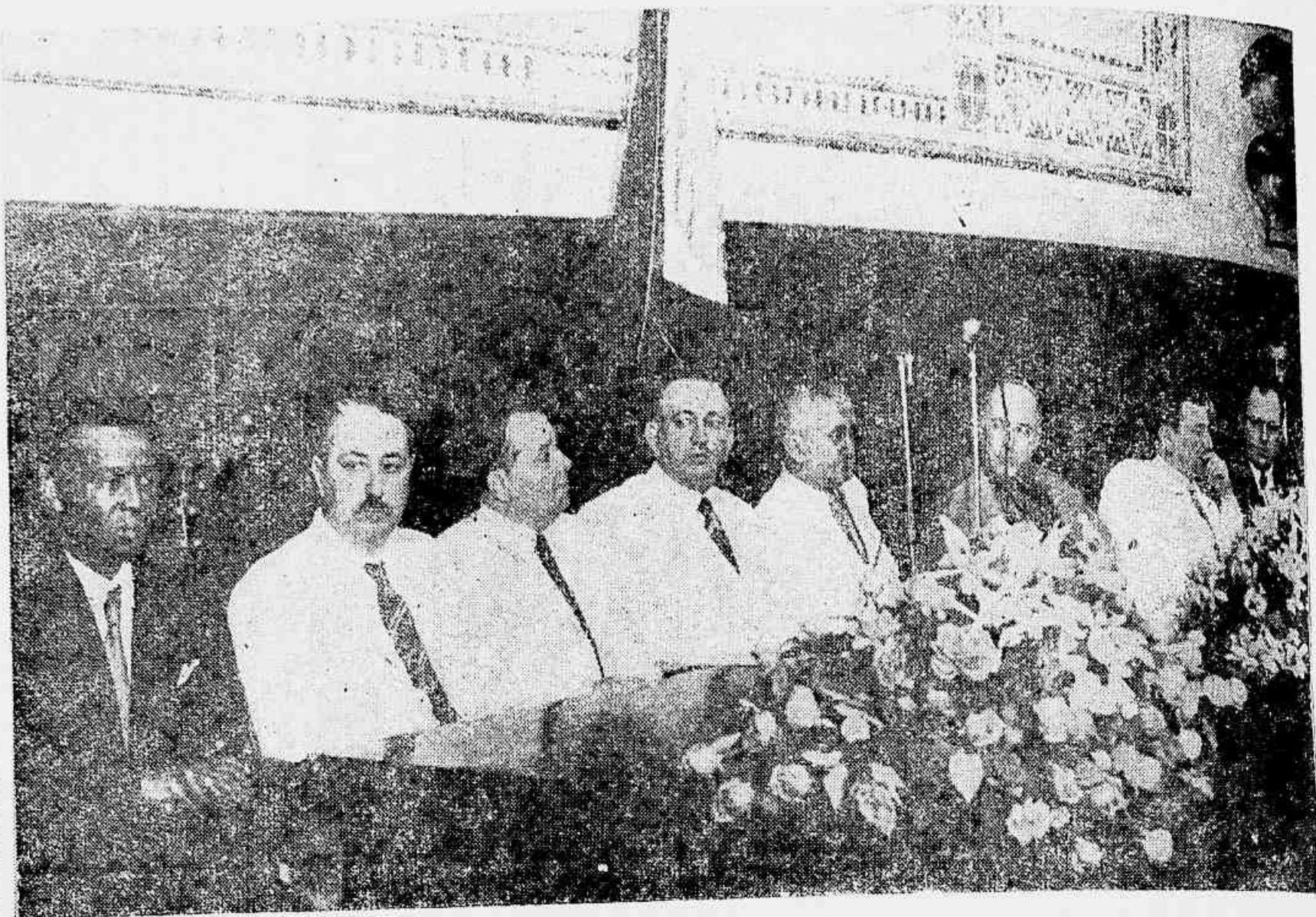
ITALA FONSECA é o verdadeiro nome de Glória Gray, rádio-atriz exclusiva da PRE-3, onde forma ao lado de Zezé Fonseca, Tina Vita, Lucia Delor e Tereza Costa. Iniciando sua carreira artística num elenco de amadores do "Teatro do Estudante", veio a ingressar no rádio através de um concurso da Rádio Ministério da Educação, que necessitava de elementos para o seu quadro dramático. Da PRA-2 passou-se para a Mayrink Veiga, onde a foi buscar Amaral Gurgel para o elenco da Globo. Aí, destacou-se em "Rendas e Mantilhas", fazendo o papel de Vicenta; em "Cartas de Amor", em que viveu o de Lúcia e, finalmente, na novela "Amor Eterno", interpretando o de Rosinha. Glória Gray que nasceu a 29 de abril no Distrito Federal, é fervorosa admiradora de Silvio Caldas, Greer Garson, Spencer Tracy, Procópio Ferreira e Dulcina. Também é torcedora do Flamengo e adora a equitação, embora não a pratique. Suas cores prediletas são o azul e branco e o prato predileto é o bife com batatas fritas, apesar do racionamento... apreciando bons livros, ela divide sua predileção pelos romances de José de Alencar e Machado de Assis e pelos versos de J. G. de Araújo Jorge. Pesando cinquenta quilos e tendo um metro e sessenta e três de altura, Glória Gray divide seu tempo entre o microfone e o cargo de secretária da Fox Film do Brasil. Dotada de grande afabilidade, cativa logo à primeira vista, razão de seu sucesso no "broadcasting" carioca, do qual é um dos valores novos que a PRA-2 conseguiu selecionar para os seus espetáculos de teatro-cego.



DEOLINDA DE CARVALHO, soprano dos mais apreciados com que conta o "broadcasting" carioca, nasceu no Distrito Federal, onde fez o curso de ciências e letras no Colégio Batista. Convidada pelo diretor do mesmo estabelecimento de ensino, aí lecionou matemática durante cinco anos. Mais tarde transferiu-se para o Serviço Nacional de Recenseamento, onde permaneceu pelo espaço de quatro anos, embora jamais se descurasse de seus estudos de canto. Em outubro de 1944, deu o seu primeiro concerto público, sob os auspícios do governo goiano. Data desse período sua estreia ao microfone da Rádio Ministério da Educação. A seguir tomou parte numa série de programas irradiados pela Cruzeiro do Sul e patrocinados pela Brasil Vita Filmes. Dessa estação transferiu-se para a Rádio Mayrink Veiga, cantando no "Programa Casé", ao lado de artistas de grande projeção, como Silvio Veira, Angelo de Freitas e outros. Deolinda de Carvalho, que é torcedora do Fluminense, aprecia bastante o cinema, recaiando sua preferência nos filmes de Eette Davis e Spencer Tracy. Quanto ao teatro, ela é francamente da comédia, admirando, e muito, a popular Alda Garrido. E em matéria literária, ela prefere Dostoiévsky, Emilio Zola, Stefan Zweig, Emil Ludwig, Anatole, Humberto de Campos, Gilberto Freyre e outros mais. Gosta das cores claras, por achar que tornam o ambiente mais saudável. Pratica a natação, o "tennis" e o "volley-ball". Aprecia muito pato assado com pre-unto e maçã. Prepara-se para realizar uma "tournee" ao sul, visitando Curitiba e Porto Alegre.

NELSON GONÇALVES é gaúcho. Sant'Ana do Livramento é sua cidade natal. Nasceu a 22 de junho de 1919, já aos quatorze anos de idade calçava luvas para exercer-se com o "boxeur" Benjamim Rutto. Dois anos depois pisava o tablado para enfrentar Luis Rezende, perdendo por pontos. E assim, apanhando e dando murros, o nosso herói chegou aos dezoito anos, quando, então, a pedido de sua progenitora, abandonou o "ring", para tentar o ingresso no rádio, uma vez que um de seus irmãos estava fazendo sucesso ao microfone da Rádio São Paulo. Não foi feliz nessa primeira tentativa, o que o levou a trabalhar no comércio. Foi então que surgiu uma prima, também cantora, que o induziu a nova tentativa. Voltou ao "broadcasting", firmando o seu primeiro contrato com a Rádio São Paulo. Daí se transferiu para a Kosmos, indo mais tarde para a Cruzeiro do Sul, com o ordenado de quatrocentos cruzeiros. Depois embarcou para o Rio, afim de tentar melhor sorte. Esta não o desampara, uma vez que a RCA Victor lhe proporcionou as primeiras gravações: "Se eu pudesse um dia" e "Amigo velho". Dado o sucesso desse disco, obteve um contrato exclusivo com aquela fábrica gravadora, além de assinar outro contrato com a Rádio Mayrink Veiga, por intermédio de Carlos Galhardo. Mais tarde, foi eleito o "Rei do Rádio", título que cimentou sua popularidade. Nelson Gonçalves é casado e há muito sua família reside em São Paulo. Depois de permanecer por vários anos na PRA-9, acaba de assinar contrato com a Rádio Nacional, onde continua a progredir na sua carreira artística.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS



A esquerda: O sr. Calisto Ribeiro Duarte, presidente da Confederação, pronunciando o seu discurso. A direita: A mesa que presidiu os trabalhos, vindo-se o presidente Eurico Gaspar Dutra, o ministro Morvan Figueiredo, o cardeal D. Jayme Câmara, os srs. João Daudt de Oliveira, Euvaldo Lodi, Calisto Ribeiro Duarte, etc.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NO COMERCIO

A posse da sua primeira diretoria

Com a presença do presidente Eurico Gaspar Dutra, cardeal D. Jaime Câmara, ministro do Trabalho, representantes das classes produtoras, delegações estaduais dos comerciários e grande número de empregados no comércio, que ali foram para testemunhar um dos mais empolgantes acontecimentos para a numerosa e profícua classe, teve lugar, no dia 19 de novembro último, no salão nobre do Liceu Literário Português a cerimônia de posse da primeira diretoria da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio, realmente, representa uma conquista positiva dos comerciários, pois vem justamente ao encontro do interesse da maioria, senão da totalidade, em saber que seus anseios agora encontram eco através um organismo credenciado para falar por eles, e sobretudo tendo a voz autorizada que tem. A Confederação é ainda um organismo dos comerciários de todos os quadrantes do Brasil, e desse modo representa uma força construtiva dentro do plano de trabalho e ordem a que se dedicam empregados e empregadores.

E' a seguinte a diretoria empossada: presidente, Calisto Ribeiro Duarte, da Federação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro; 1º secretário, Paulo Baeta Neves, do Sindicato dos Vendedores e



Viajantes e delegado do Conselho de Representantes da Federação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro; 2º secretário, Lamartine de Holanda Cavalcante, presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Norte e Nordeste; 1º tesoureiro, Angelo Parmigiani, presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo; 2º tesoureiro, Luiz Augusto da Franca, da Federação Nacional dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares.

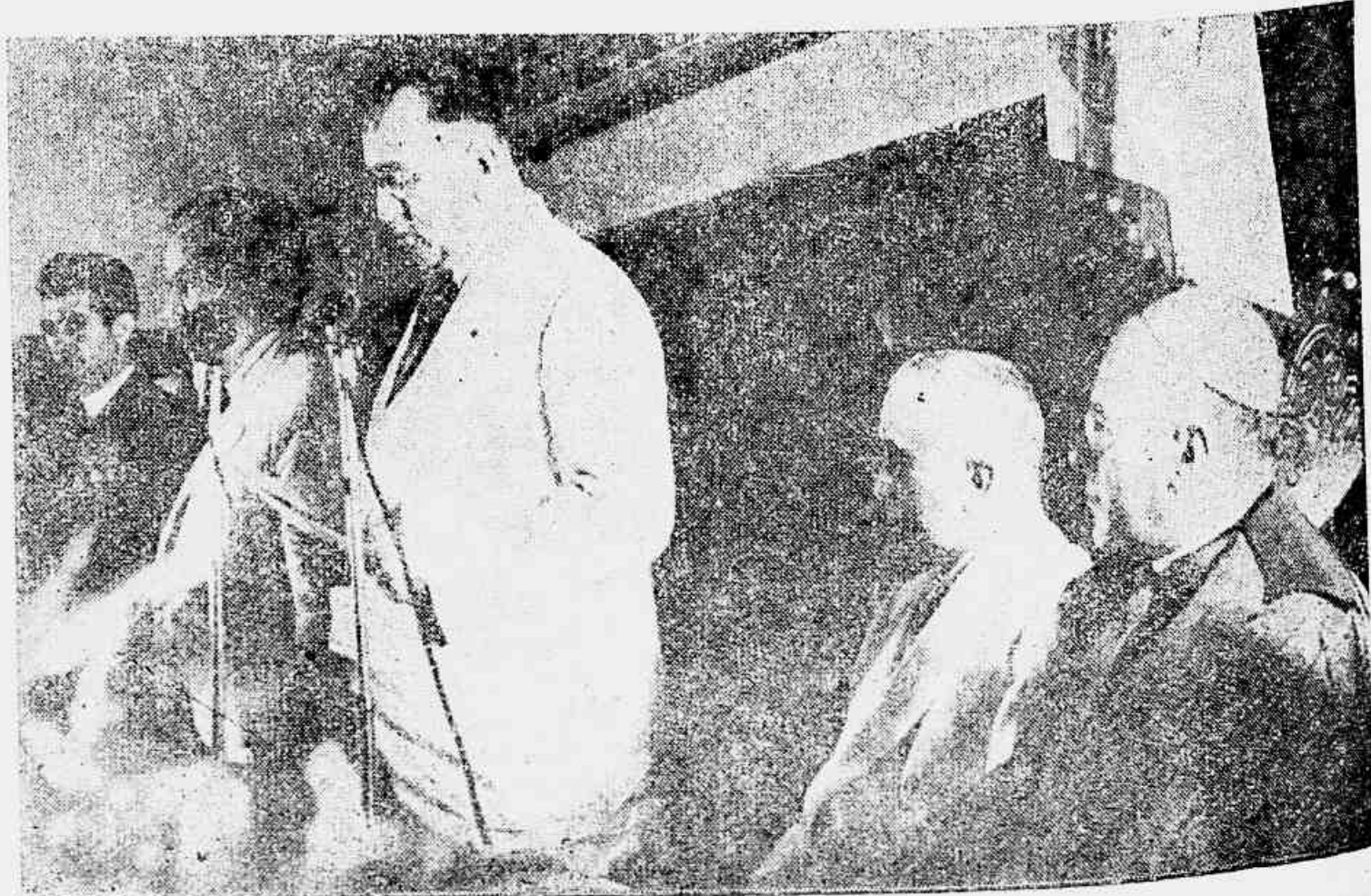
A solenidade teve início logo após a chegada do presidente da República. Imediatamente a Orquestra Universitária da Casa do Estudante executou o Hino Nacional, findo o que as autoridades e representantes do comércio presentes tomaram lugar à mesa.

Depois de empossada a diretoria pelo ministro do Trabalho, s. excia. proferiu um discurso no qual passou em revista as principais reivindicações dos comerciários no momento presente.

Falaram, também, o presidente empossado, sr. Calisto Ribeiro Duarte, o sr. João Daudt de Oliveira, o sr. Lamartine de Holanda Cavalcante, o sr. Darci Gross, o sr. Cid Cabral de Melo e o sr. Angelo Parmigiani.

As fotografias que ilustram esta página documentam o brilho que marcou a posse da primeira diretoria do novo e vitorioso organismo.

Em cima: Parte da assistência. Em baixo, à esquerda: O presidente da Associação Comercial, lendo o seu discurso. A direita: Aspecto feito no momento em que falava o Ministro do Trabalho.





Virginia Mayo, a linda estrelinha da RKO preocupa-se bastante com sua "toilette", aí a vemos cuidando dos seus lindos cabelos louros que são para ela um verdadeiro tesouro.

NOS BASTIDORES FEMININOS

NOTÍCIAS DE PARIS

POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, Paris já está inteiramente senhora da elegância do mundo. Emergindo de um longo período de guerra e ocupação, os costureiros franceses se congregaram imediatamente afim de afastar os usurpadores. O gênio inventivo dos costureiros franceses, vai do feito ao tecido. Ainda enfrentando uma série de restrições eles em combinação com os fabricantes têm realizado verdadeiros milagres. O "rayon", por exemplo, é hoje tão maleável quanto a melhor seda da China e o "nylon" está tão apertado quanto o que já está sendo usado em modelos mais "habillés".

É grande a atividade na capital da moda. Compradores do mundo inteiro, correm as coleções, ávidos de serem os primeiros a apresentar em seus países, as últimas novidades da moda francesa. Paquin, Lanvin, Germaine Lacoste e Lafaurie são os mais procurados.

Para o verão, os costureiros franceses apresentam como traje básico o "deux-pièces" estampado. É prático dizem eles, alegre e elegante.

Os tecidos listrados são também muito indicados para

os trajes esportivos e o "pois", miúdo ou graúdo, marca também o seu regresso.

Anuncia-se, também, a substituição do preto pelo azul-marinho para as "toilettes" mais "habillés". Para os bailes há o "nylon", o "rayon" e a renda, cada vez mais dominadora. E outra coisa, os chapeleiros parisienses, também em combinação com os costureiros, fizeram uma grande investida contra os cabelos "co vento"... Vencerão?

Realmente, nenhuma "toilette", a não ser muito esportiva, está completa sem o chapéu.

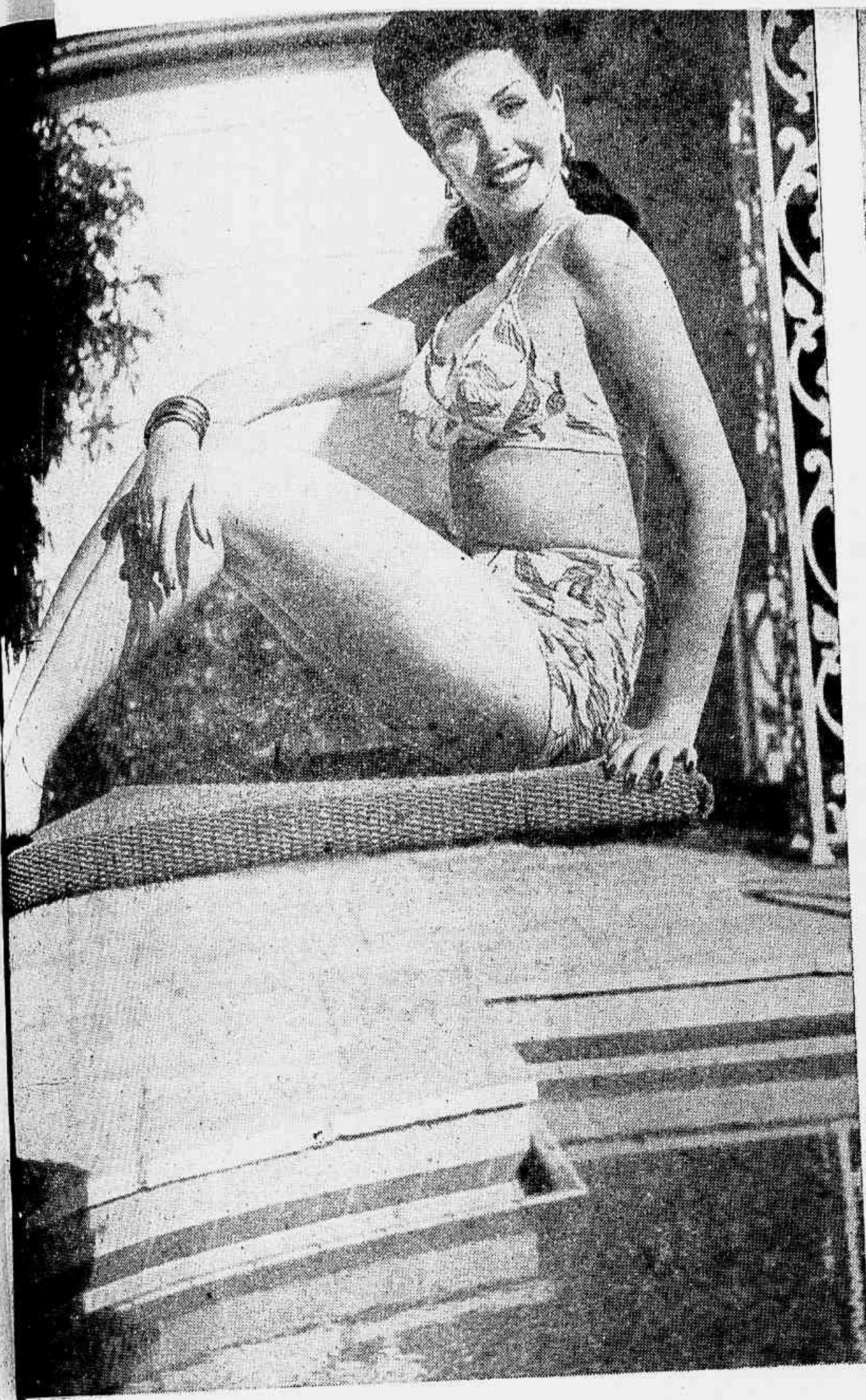
(Continua na pág. 58)



VAMOS CAIR NAGUA?

QUEM se recusaria a cair nágua com uma beleza dessas? Essas maravilhas exibem os últimos modelos de "maillots" lançados pelos desenhistas americanos para competir com os franceses. Nesta página vemos Cyd Charisse e Glória Grahame, duas belezas da Metro, exibindo estes lindos "maillots", que, como os que se seguem, são a última palavra para o atual verão! Na página ao lado em cima, Ann Miller, a extraordinária bailarina da Columbia, veste aqui um "duas peças" ("prá" que tanta roupa?), em

algodão estampado fundo branco com ramagens verdes. Agora um "maillot" muito original. A calça é de listras brancas, azuis, vermelhas e amarelas e o "soutien" é metacá amarelo. Em baixo: Beissuna! A fotografia, naturalmente... A garota é Marilyn Maxwell, da MGM, que usa um "maillot" de jersey de seda preto com drapeados na frente e com uma alça só prendendo-o sobre o ombro. E finalmente Leslie Brooks, da Columbia, usa antes de cair nágua, uma "sweater" branca, de listras verdes.



utto original.
de amarelo.
Maxwell, da
rente e com
lumbia, usa



CHAPEUS

Os ditadores da moda de Paris, esperam que as mulheres do mundo inteiro, compreedam, afinal, que por muito "chic" que seja a sua "toilette", esta não estará completa sem o uso do chapéu. E, para despertar o imediato interesse da mulher pelo chapéu, eles têm criado verdadeiras obras primas que bem poderiam figurar numa galeria de arte. Aqui apresentamos às nossas leitoras, as últimas criações dos chapeleiros franceses: Ao alto, à esquerda: De Gilbert Orcei este elegantíssimo modelo rosa pálido, guarnecido com um "touffe" de "aigrettes" do mesmo tom pálido. Vêu negro e fita de gorgurão também negra, completam este modelo de extrema elegância. A direita: Grande capeline de "paillasson" amarelo enfeitado com "moiré" azul-marinho. Criação de Caroline Reboux. Em baixo: "Canotier" em "paillasson" bege, de Nelly Levasseu. Copa baixa guarnecida de duas penas marron. Na página ao lado um lindo modelo, este porém chega-nos de Hollywood e é Miss Hale quem usa este encantador chapéu, estilo "breton", de palha preta. Vêu também preto e grandes laços de cetim verde escuro na copa.



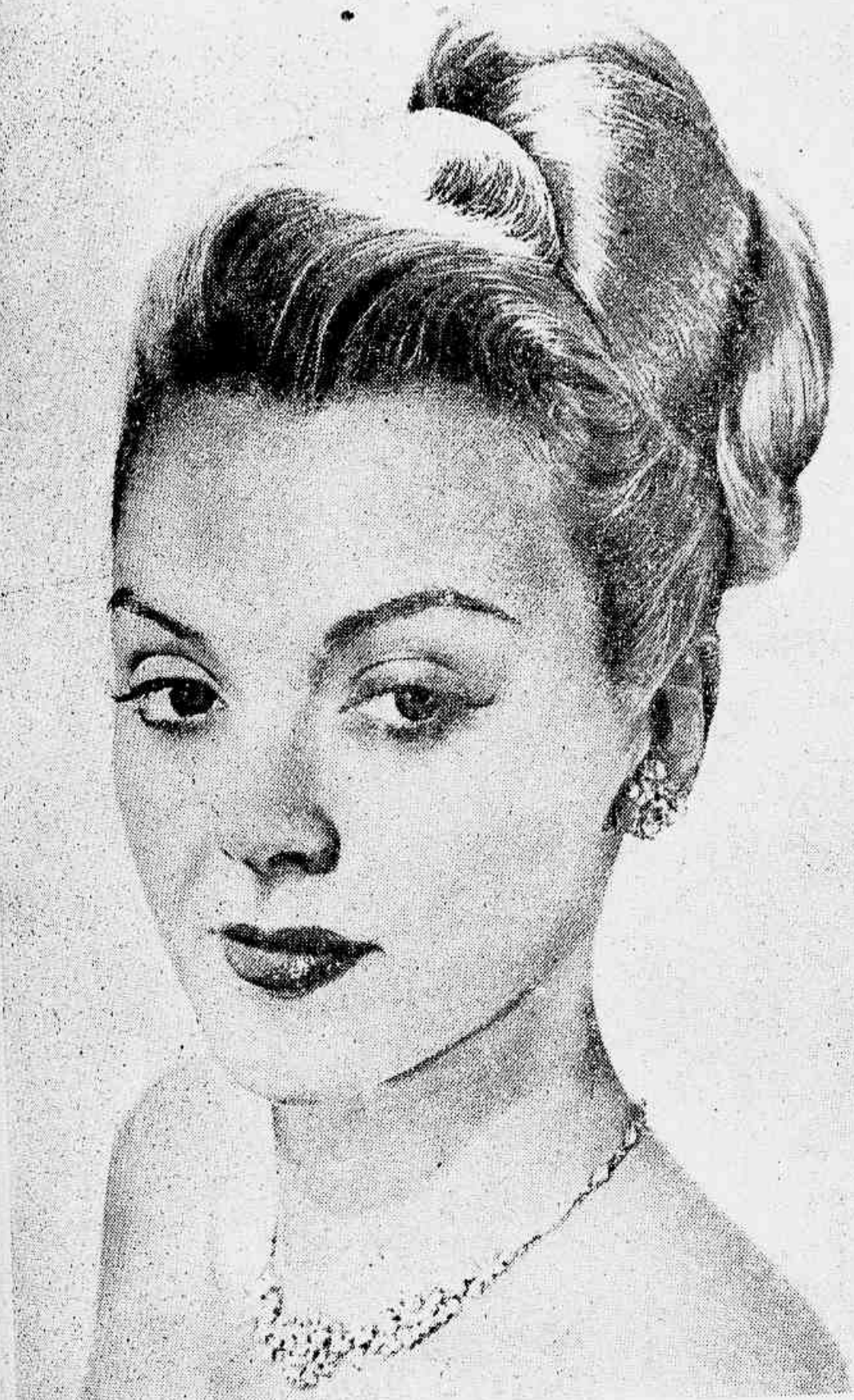




DETALHES IMPORTANTES DE UM "MAKE-UP"

UM bom "make-up", requer ciência. É necessário que ele seja perfeito para que os resultados sejam bons. Um "make-up" natural, um "ar" de juventude, limpeza e graça, é tudo o que se pode desejar. Frances Rafferty, da MGM, indica os principais cuidados para se obter essa aparência saudável que os homens tanto admiram, diz Miss Rafferty. É preciso saber selecionar as cores. Rouge e baton devem, não só combinar entre si, como também combinar com a tonalidade da pele e das "toilettes". É preciso que os cabelos fiquem rigorosamente limpos. Não deve haver neles vestígio algum de creme, rouge, etc. É preciso limpar bem a pele antes de aplicar a "base". O melhor sistema, é o uso de um bom tonico e de um creme de limpeza. O Algodão, devera estar previamente humedecido com água fria.

Surgiu
e, natural
intermedi
também a
que se a
Columbia
daquela



Surgiu nos Estados Unidos a moda dos chapéus sem copa e, naturalmente, essa moda está sendo lançada ao mundo por intermédio das "estrelas" de Hollywood. A nova moda obrigou também a que os cabelereiros inventassem novos penteados, que se adaptassem aos chapéus. Helen Hunt, cabelereira da Columbia, criou, especialmente para Leslie Brooks, "estrela" daquela companhia, um interessante penteado para esse fim.

CABEÇAS

O penteado que aqui vemos de perfil e de frente, consiste numa ligeira onda no alto da cabeça e dos rolos mais para trás.
O chapéu, (?) que é de Joseffs, e que também vemos de frente e lateralmente, é feito com uma tira de Jersey azul e penas também azuis. Com o penteado ele forma um conjunto deveras "chic" e original, para a noite.

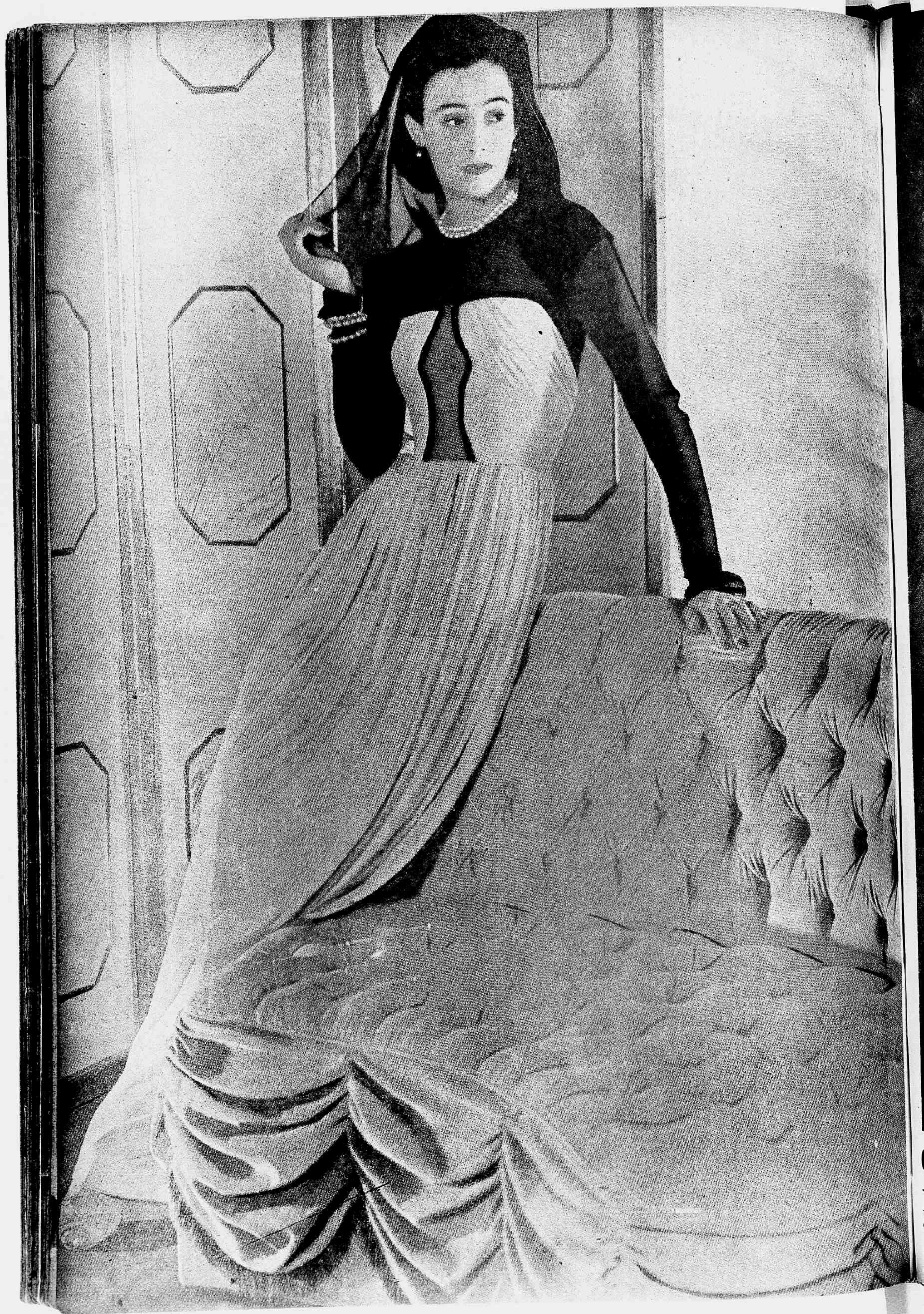




MODELOS BRANCOS

Nesta página: Madeleine de Rieuch criou este elegante "deux-pieces" de seda branca, especialmente para as figuras esbeltas. O casaco é longo, "godet" e com bordados em cores vivas. Cinto largo combinando com uma das cores do bordado. Este modelo de Germaine Leconte, pode ser feito em linho branco, chantung ou seda. Tem grande decote quadrado e ao redor do mesmo, bordados em cores. O mesmo motivo se repete nas mangas e na saia. Bolsos embutidos. Na página à direita: "Tailleur" de linho branco, de corte clássico. Blusa de estampado verde e branco. Saia em panos. Grande casaco para as tardes frescas do verão. Pode ser feito em linho ou flanela. Bolsos embutidos. Mangas bastante largas.







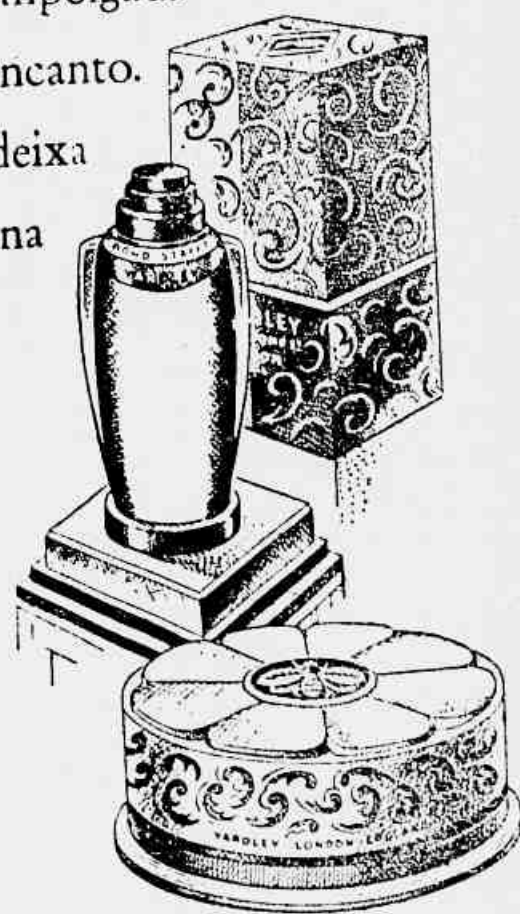
GRANDES VESTIDOS

Nestas páginas, encontrarão as nossas leitoras duas encantadoras sugestões para vestidos de noite. Agora que se aproxima o fim de ano, e com ele os "reveillons", ceias, etc., estes modelos são oportuníssimos. Na página à esquerda: Deslumbrante este modelo em jersey branco e gaze preta. Os ombros, mangas e recorte da frente da blusa, são de gaze. O restante é de jersey branco, com pequeno drapé sobre o busto e sala bastante franzida. Nesta página: Modelo em crepe estampado, fundo cinzento. Decote em "v" com ligeiro drapeado partindo dos ombros. Saia justa, aberta abaixo do joelho. Faixa do mesmo tecido.



"Bond Street" — O PERFUME IRRESISTÍVEL

Complemento perfeito de joias e champagne, da atração do seu vestido tão sábiamente escolhido, "Bond Street" rodeia-a com uma fragrância tão sutil que você se sente empolgada pela confiança em seu próprio encanto. E, tal como sua personalidade, deixa uma recordação que perdura na memória muito tempo após ter dito Boa Noite!



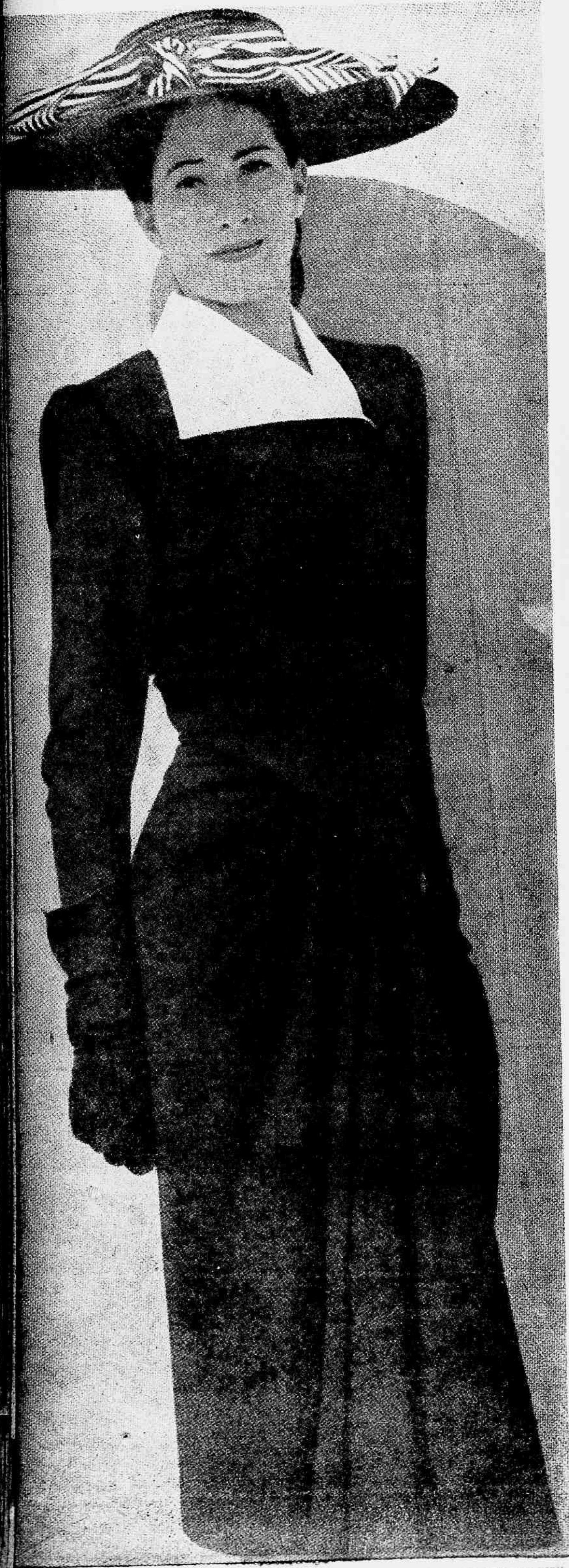
A-1(a)

Yardley
de Londres

YARDLEY • 33 OLD BOND STREET • LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL

LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 • Rio de Janeiro



EM AZUL MARINHO E PRETO

O AZUL MARINHO E BRANCO está muito em moda. As modistas francesas estão lançando o azul-marinho para os trajes mais "habillés" de verão, em substituição ao preto. Da esquerda para a direita vemos modelo abotoado do lado e corte enviesado no corpo, de onde saem os franzidos. Gola bastante interessante, de "piqué" branco. Para se reformar um "tailleur" de inverno e aproveitá-lo para os dias chuvosos do verão, aqui está excelente sugestão. A manga fica a "três-quartos" com babado franzido de bordado inglês ao seu redor. O mesmo babado é aplicado sob os bolsos superiores. Finalmente: Eis um admirável vestido preto próprio para reuniões elegantes. A parte superior da blusa e as mangas, são de "chiffon" preto, o que dá à "toilette" um aspecto fascinante. A saia é drapeada, levantando ligeiramente de um dos lados. Grande chapéu de palha com véu preto, completa a elegância desta "toilette".

ESTA e a unica apresentação
de agua de colonia

JEAN MARIE FARINA



Exizam
a marca

de

ROGER & GAILLET
PARIS ★ RIO

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIA /**



**DÔRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL

TO

as estão
stituição
e corte
"piqué"
chuvosos
do fran-
superiores.
A parte
n aspecto
e chapéu



Ela

"BRILHA" SEMPRE ! **

Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par de apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, sadios e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repenteir. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, álcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprada, cabelo penteados!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFETO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



"Amor"
- UMA TONALIDADE
PARA OS LÁBIOS
- UMA SUGESTÃO
PARA OS
OLHOS...

A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres — por que é uma cor que realmente sugere o seu próprio nome. A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.



Baton

Van Ess

o cor moderno
adequado
ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação - pó facial e "rouge" atomizado



INTERNACIONAL

CUIDADO COM O OUVIDO DAS CRIANÇAS

ALBERT LAVIGNAC, professor de Harmonia do Conservatório de Paris, em sua magnífica obra intitulada "A Educação Musical", diz: — "a criança que sempre tenha ouvido cantar com desafinação, incapaz de advinhar por si só o que não lhe tenha sido ensinado, adquirirá certamente o mesmo hábito; seu órgão auditivo, em estado de formação, se acostumará e se acomodará, de certo modo, a essa maneira de cantar e, quando crescer, continuará cantando mal, porque não há nenhum motivo para que aconteça o contrário. Dessa forma, se criam as vozes desafinadas". O professor Zimmerman, mais tarde sogro de Gounod, costumava dizer: "Convém saber 'inocular' a música nas crianças". E, por último, trazemos a baila o depoimento de Montaigne: — "Opino que os maiores vícios se iniciam na infância e que nosso comportamento no futuro está nas mãos da ama de leite". Ora, quando se sabe que, atualmente, as "bás" são as únicas responsáveis pela disseminação do micróbio... da desafinação, não se poderá levar à conta de despropósito a enunciação de conselhos tão sábios, sem irmos ao extremo de propor que delas venha a se exigir, futuramente, diploma do Conservatório de Canto Orfeônico Mas, muita coisa poderá ser evitada...

ON THE BOARDWALK

Fox de Mack Gordon e Joe F. Myrow

(Do filme da Fox: "The Little Girls in Blue")

On the boardwalk in Atlantic City,
We will walk in a dream
On the boardwalk in Atlantic City
Life will be peaches and cream
There, where the salt water air
brings out a lady's charms,
There, on a rolling chair,
he'll roll right into your arms.
Cinderella you will find your fella
someone that you've waited for
romantic, enchantic Atlantic City,
Down on the old New Jersey shore.

Votre beau discours,
Mon coeur n'est pas las de l'entendre.
Pourvu que toujours
vous répétiez ces mots suprêmes:
"Je vous aime!"

REFRAIN:

Vous savez bien
q' dans le fond je n'en cro's rien
mais cependant je veux encore
écouter ce mot que j'adore
votre voix aux sons caressants
qui le murmure en frémissements
me berce de sa belle histoire
et malgré moi je veux y croire.

RANCHO ALEGRE

Corrido de Felipe Bermejo.

Ceração de Ana Maria Gonzalez

ONE LOVE

Fox de Leo Robin e David Rose

One love will never die as long as I live;
One love will satisfy this heart that I give
One dream that only you inspire
Is the dream I pursue with all my desire
How sweet, the way you plau upon
my hart strings!
How strange, when you're away you
give my heart wings!
And now you're in my arms and I
know why
You are and always will be my one
love.

Soy del mero rancho alegre
un ranchero de verdad
que trabaja de labriego
mayordomo y caporal.

II

Mi querencia es este rancho
donde vivo tan feliz
e condido entre montañas
de color azul anil.

EUZEBIO PERDEU NAS CORRIDAS

Samba de H. Lobo e M. Oliveira.

Ai Euzebio jogou nas corridas
Num matungo e perdeu
Veja só, o palpito era dele
Mas o dinheiro era meu
O dinheiro que eu juntei prá fantasia
Euzebio perdeu.

II

Levou meu dinheiro todo
Prá jogar numa barbada
Perdeu e vem me dizer
Que a raia estava molhada
Sei lá si houve tribofe
Ou si o joquei não disputou
Só sei que hoje vai ter
Barulho no meu chatô

PARLEZ-MOI D'AMOUR

Canção de Jean Lenor,
(Criação de Lucienne Boyer)

Parlez-moi d'amour,
redites moi des choses tendres.

ESTRIBILLO

Rancho alegre mi nidito
mi nidito perfumado
de jazmin
donde guardo mi amorcito
que tiene ojos de lucero y capulin

En mi rancho tengo todo
animales agua y sol
y una tierra prieta y guena
que trabajo con ardor.
Quando acabo mis labores
ya que se ha metido el sol
a la luz de las estrellas
me arrejunto con mi amor.

Rancho alegre, etc.

Solo falta alli una cosa
que muy pronto ya tendré
como estoy recién casado
adivinenme lo que es.
Ha de ser un chil yute
grande y fuerte a no andar
que será también labriego
mayordomo y caporal.

Rancho alegre, etc. etc.

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traíçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confira nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C. P. 1379 S. Paulo



Avida de Giuseppe Verdi

(Continuação da pág. 32)

em tristeza e a dor substituir a esperança. A vida, quando muito, era patética — um ansar pelas estrelas e um revolver-se no pó. Todo drama humano, seja qual for o seu curso, há de chegar a um fim trágico. Da aspiração ao malogro — tal é, numa frase, a nota tônica da existência mortal. O seu país ambicionava a liberdade e fracassara; o indivíduo almeja a felicidade e fracassa. A história da raça humana é um poema épico sombrio de partidas ambições. Transportemos para a música esse poema. Entoemos um hino ao fracasso humano.

Esta é a nota dominante das óperas do segundo período de Verdi e é em grande parte, a razão da popularidade de óperas como "Rigoletto", "La Traviata" e "Il Trovatore", que fazem vibrar, dentro de nós, aquela corda que corresponde à nossa paixão por nós mesmos e pelos nossos semelhantes. Ao assistirmos a essas óperas no teatro, sentimo-nos unidos numa fraternidade universal — família de herdeiros iguais da herança comum de aflições. Esqueçemo-nos do melodrama dos enredos diante do drama autêntico da música. E a música dessas óperas repete, num milhar de modulações diferentes, a massissima endecha — "vivemos, sofremos, morremos".

A despeito do êxito material de Verdi durante esse segundo período de sua produção a sua música foi predominantemente melancólica. Era a música que vinha da reflexão de um espírito maduro.

★
E veio em seguida a velhice e o terceiro período de produção. Ele entrara para a política, fora eleito deputado ao Parlamento Italiano e não gostara da história. Retornou, portanto, ao velho amor e escreveu as três óperas que foram justamente aclamadas como os cantos da alvorada do renascimento musical italiano.

Apresentou a primeira dessas três óperas, "Aida", aos cinquenta e oito anos.

Era algo novo na ópera italiana. A música, pela primeira vez, fluía continuamente, como corrente viva, em vez de dividir-se nas lagoas estagnadas das antiquadas árias, duetos, cânticos, trios e coisas assim. Tão intimamente entrelaçadas andam a música e o drama dessa ópera que formam um modelo perfeito de beleza rítmica. "Aida" é a demonstração prática do credo de Verdi segundo o qual a música não deve apenas acompanhar a par e passo as palavras senão, penetrando-as, atingir as sutilezas do pensamento que reside atrás delas. O espírito feito carne, a alma da música insuflada no corpo da poesia — tal é, em suma, a substância de "Aida".

Havendo dado "Aida" ao mundo, recolheu-se Verdi ao silêncio. Essa ópera, diziam os seus admiradores, era o seu canto de cisne. Enganavam-se, porém. Ao cabo de dezesseis anos rompeu ele o silêncio com "Otello", a suprema grande ópera da Itália. E logo, após outro silêncio de seis anos, o velho maestro, octogenário, assombrou o mundo com Falstaff, o seu verdadeiro canto de cisne e a suprema comédia musical da Itália.

Para a composição de "Otello" e "Falstaff" Verdi teve a sorte de conseguir os libretos de Arrigo Boito, poeta que comparável como libretista a William S. Gilbert, acertou condensar a essência mesma dos dramas shakespearianos, nos

quais se baseiam essas duas óperas. Boito transfundiu em sua poesia assim o pensamento como a imaginação de Shakespeare. Nunca até então fora o gênio de Verdi desafiado por libretos de técnica tão magistral e tão viva inspiração. E ele se mostrou à altura do desafio. Com o auxílio de Boito logrou captar, ao mesmo passo, o espírito cômico e o espírito trágico de Shakespeare. Em "Otello" e em "Falstaff" conseguiu traduzir a poesia imortal em música imortal.

★

Cansara-o, porém, a vida a esse velho que em suas últimas horas aprendera a rir. Mantivera-se sempre afastado dos outros — temeroso das suas crueldades e indiferente ao seu aplauso. Evitava, sempre que podia, a representação das próprias óperas, pois preferia a solidão de Sant'Agata às aclamações do público.

Mas já não se sentia à vontade nem sequer em sua solidão. Giuseppina morrera, como tinham morrido todos os velhos amigos. E os novos? Estes andavam absorvidos pela enchente das próprias ambições para se preocuparem com algo que vogava para trás, levado pela vazante da vida.

O mundo deixava-o para trás e atraía-se para a frente sem ele. Atirando-se para o que? Para novas guerras, novas opressões, novas crueldades, novos ódios.

Sim, e "novos cantos". Estranha sátrva dos deuses, esse nosso mundo — governado pela força bruta, inspirado pela música divina. Na cena final do "Falstaff" adiantam-se até ao proscênio os atores e dizem ao auditório que "tudo na vida é uma enorme farsa".

Assim se despediu Verdi do mundo. Quando ele morreu (aos oitenta e oito anos), Boito expressou a sua indignação ante a zombaria do destino que arrebatara à vida esse maestro. "Perdi muitas das pessoas que eu amava, e o pesar resistiu à resignação. Até agora, no entanto nunca senti tamanho ódio à morte e tanto desprezo pela sua força misteriosa, cega, estúpida, triunfante e infame".

E Boito tinha razão para essa denúncia violenta da morte, que raro há levado consigo gênio tão grande e homem tão modesto. "Pelo que toca ao caráter", escreve o seu biógrafo Bonavia, "ele não foi sobrepujado por ninguém". Quando o rei lhe ofereceu um título, recusou-se a aceitá-lo. O seu talento, pensava ele, era chancela assaz autêntica de nobreza. Não obstante, considerava o próprio engenho como razão secundária dos seus direitos à distinção. Um amigo perguntou-lhe certa vez, qual dentre as suas obras julgava a melhor. E foi a seguinte a resposta de Verdi: "Minha melhor obra foi a dotação que fiz a uma casa para músicos pobres, em Milão".

...é um prazer lavar roupa em casa



quando se usa
Sabão FLÔR

Fabricado com matérias primas selecionadas cuja fórmula garante a sua neutralidade absoluta.

Sabão FLÔR

lava tudo, especialmente roupas finas... e não estraga as cores

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Novos Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

PRODUÇÃO OU PAUPERISMO, "crítica e sugestões sobre a atual crise brasileira", por Humberto Bastos — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1946.

O Sr. Humberto Bastos parte deste princípio: que a situação econômica do Brasil — há tanto tempo, se não desde sempre, considerada péssima, se não irreversível — tem como causa principal a escassez de produção. A tese não prima certamente pela novidade. Inúmeras autoridades teem pregado a doutrina do amanhã e exploração da terra, para se retirar das suas profundidades o que ela encerra de riqueza por enquanto inútil, para se cobrir de sementeiras fecundas a maior parte possível das extensões de mato rasteiro e safaro ou de insalubres pantanais. A frase da "falta de braços" passou já por todos os jornais e por livros sem conta; e da tribuna parlamentar onde nascera, veio vindo, através de todos os instrumentos de comentário, até ao teatro ligeiro e à caricatura. Não importa. Nem por isso o livro do Sr. Humberto Bastos era menos necessário ou deixa agora de merecer francos louvores.



Entrando nesta velha campanha, o escritor que já muito se fizera presar por importantes estudos especializados, entre os quais *Açúcar e algodão, Terra e café, A marcha do capitalismo* — trouxe mais uma vez consigo elementos de exposição e demonstração, cujo efeito eloquente não pode ser posto em dúvida. Por entre os dados informativos, estatísticas, outros documentos oficiais, sente-se o ardor com que o Sr. Heitor Bastos se bate pela boa e grande causa do enriquecimento e do lustre do país. Para ele são problemas a cuja solução toda a gente, cada indivíduo na medida das suas forças, se deve religiosamente consagrar; e a indiferença ou pouco interesse que perante eles possam mostrar governantes, administradores, quaisquer responsáveis, não só o desgosta como positivamente o indigna. Não raro a sua condenação se manifesta irritadamente contra os culpados por uma situação que, no seu entender deviam ter conjurado. "Permanecendo — diz ele, em breve nota

eliminar — na mesma posição de crítica iniciada no primeiro volume, não tive ainda razões ponderáveis para deixar de apontar os sucessivos erros cometidos na vida econômica do país. Muito pelo contrário. Nos últimos anos esses erros se agravaram e a nossa marcha para o progresso não assinalou nenhuma vitória significativa. Caminhámos para um estado agudo de pauperismo. A produção nacional permanece estável. A guerra criou situações novas para o Brasil, as quais não são compreendidas com o necessário bom senso e o indispensável espírito científico. Este volume é o protesto, feito durante cerca de um ano, contra tão lamentável desorganização."

Tais as suas idéias, tal o sua convicção. E a maneira de encarar cada uma das questões relacionadas com o assunto geral, o Sr. Humberto Bastos a sustenta não apenas com a firmeza da lógica mas também com o ardor combatente, da primeira à última das duzentas e trinta páginas do livro.

• • •

A ERA DO AQUÁRIO (As promessas do Ano 2.000) por Anibal Vaz de Melo — Belo Horizonte, 1946.

Fénelon considerava a Astronomia "la fille tres-sage d'une mère tres-folle." E esta mãe malquíssima era a Astrologia. Ainda segundo o autor das *Máximas dos santos*, a Astronomia está para a Astrologia como a religião para a superstição. Nem porque o arcebispo de Cambrai e outros pensadores antes e depois dele tenham condenado mais ou menos a metendo o ridículo, a arte interpretativa ou divinatória de Nostradamus, a Astrologia deixou de ter os seus adeptos sinceros. Passem estes por fanáticos ou compenetrados, pouco lhes importa. Prosseguem nas suas investigações e nas suas profecias como se jamais, quer dos sacerdotes doutras doutrinas quer dos próprios factos posteriores, houvessem sofrido a mais leve contestação. Justamente agora, por volta do fim de no, a eles se manifestam com particular veemência antecipadora. Fazem-se "entrevistar"; lançam artigos de revista; organizam conferências para anunciar aos povos os acontecimentos ou fenômenos que nos próximos trezentos e sessenta e cinco dias se hão de verificar. Por mais clarividentes que se sintam, não deixam de observar certa prudência. Formulam as suas predições em termos vagos, suscetíveis de várias adaptações ou deduções; e assim, por mais diferentes que se tornem, depois, os sucessos verificados, sempre os vaticinantes se arranjam para que tudo — pelo menos à sua maneira — se combine, venha a dar certo. E continuam.

O Sr. Anibal Vaz de Melo não pertence a essa categoria transcendente... e profissional. É um teorista, além de convicto, desinteressado. E não vai com a mãe insensata nem com a filha ajuizada do conceito de Fénelon. Adotou o conagraamento das duas, igualmente sublimadas, na Cosmobiologia. Nessa orientação suprema, compoz o presente "ensaio mais filosófico e científico que propriamente literário", e o qual "viza despertar a atenção do leitor para a verdade da influência das radiações cósmicas — principalmente das vibrações, das conjunções planetárias e dos raios cósmicos — sobre nossa vida física, sobre nosso plano espiritual e sobre nosso circulo mental e dos seus reflexos no destino e nos rumos da evolução humana e social da humanidade". Principia a obra assinalando como Jesus Cristo nasceu sob o signo dos Peixes e como essa influência se veio afirmando na vida e nas obras do Salvador. Citando obras de numerosos autores e recorrendo, não raro, ao Evangelho, atravessa as idades; olha as gerações com os seus vultos proeminentes ou de mais larga projecção; e, chegado aos nossos dias, ocupa-se, entre outros homens célebres, de Gandhi, Karl Marx, Einstein, não poucos cientistas ou comentadores brasileiros; e ainda, no entender do próprio autor, deixa muito por dizer, pois que o livro assim termina: "Evolução infinita, eterna Criação. E tudo isto se processa através de lutas, de dores, de dores, de metamorfoses e de cataclismos sociais planetários e cósmicos. E depois? Depois... ficará para os nossos descendentes mais adiantados e mais evoluídos a antevisão maravilhosa da Eternidade".

Enriquecem o volume numerosos desenhos científicos ou simbólicos, o ultimo dos quais representa uma viagem interplanetária com o aproveitamento da desintegração da energia intra-atômica.



ONDE OS AVÓS PASSARAM, "conversas em redor da História e de histórias" por Mário Sette — Editora Guairá Limitada — Curitiba, 1946.

O Sr. Mário Sette é um historiador à sua maneira. Começou por se especializar na história de Pernambuco ou, ainda mais limitadamente, de Recife. A rigor, dilatou, durante algum tempo o seu campo de rememoração e narrativa, escrevendo uma História do Brasil — mas para colegiais. A gente grande, preferiu, por via de regra, oferecer memórias, aspectos, costumes, lendas, anedotas da Veneza brasileira que, tanto quanto a outra, ou pouco menos, se presta, quer aos cuidados graves da erudição, quer aos surtos e enlevos da fantasia.



Erudição e fantasia entram, a bem dizer em partes iguais nos seus trabalhos do gênero, que já formam boa meia dúzia de volumes, entre os quais *Maxambombas e maracatus, Anquinhas e bernardas, Barcas a vapor*. A maneira é sempre suave. Quando mesmo o motivo se torne mais patético, o escritor mantém aquela forma leve e por isso mesmo transparente, graças à qual episódios e figuras se sucedem sem prejuizo do feito nem do relevo naturais. O Sr. Mário Sette retrata o passado em séries ou em vistas avulsas, sempre de modo a que os menos conhecedores dos assuntos achem aquilo verdadeiro, exato. E, se consegue dar essa impressão é porque a transmite dos seus olhos de observador e do seu sentimento de artista; é porque, durante a obra reconstituidora, realmente "vive" naquela época, no meio daquela gente e com isso gosando uma espécie de felicidade.

O presente volume principia com a missa de Frei Henrique de Coimbra, rodeado de Pedro Alvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, mestre João, o físico, Duarte Pacheco Pereira, Bartolomeu Dias, Simão de Miranda, Gaspar de Lemos, Sancho de Tovar, Aires Gomes da Silva, Nicolau Coelho, Diogo Dias, Nuno Leitão da Cunha, Pero de Ataíde Luiz Pires, "os capitães da frota, rostos queimados do sol das pontes de comando e olhos sempre vigilantes, afeitos aos horizontes que recuam e às terras que podem surgir". Como se vê, a descrição entra em minúcias, como a dos nomes, para ao interesse pitoresco aliar o valor da documentação. Assim o autor faz reviver passagens de várias épocas de antes e depois do domínio dos holandeses, até chegar aos nossos dias — ou daqueles de nós que já éramos nascidos à data do capítulo *Quando se fez a Republica*, que é o último do livro.

• • •

O ORGULHO DOS HUMILDES, crônicas de Raymundo Magalhães, prefácio de Gilberto Amado — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio de Janeiro, 1946.

Raymundo Magalhães foi um doutrinador de feito especial, mais que irreverente, agressivo, não raro, como vulgarmente se diz, destabocado, mas sempre sincero. Produzia impetuosamente, ao primeiro impulso da idéia ou da emoção. Quase todas estas páginas denotam um "repentismo" frenético. Quando o motivo de comentário lhe acudia, certamente Raymundo Magalhães não escolhia onde nem como escrever. Qualquer



quanto de meza, eventual ou de empréstimo, lhe servia. Entrava numa redação, abancava à primeira carteira que encontrasse vaga, rabiscava as tiras num improvisado que era uma catadupa de reparos flagrantes, pilhérias bofetadas, com uma ou outra verdadeira indignação, um ou outro movimento de piedade, por entre constantes achados sobre a fraqueza ou o ridículo das vítimas do momento. E se a inspiração o surpreendia, por exemplo, no bonde, o escritor, essencialmente jornalista, ali mesmo cumpria tarefa que o cérebro e os nervos lhe exigiam. A velha magagem "sobre o joelho", ele a convertia em realidade aboluta. E, terminada a viagem, estava pronto o artigo.

Quem conheceu o Rio de Janeiro de princípios do século, sabe quanto de observação, de verdade reside no fundo destes ataques sem preferência de causa nem de pessoa, um pouco a propósito de tudo e contra toda a gente. As suas objurgatórias nos fazem agora lembrar Clément Vautel ou Antônio Torres. A este ultimo se assemelhava Magalhães no jacobinismo, por assim dizer total. Totalitário. O autor do *Orgulho dos humildes* — título que vem da primeira crônica do presente livro — não admitia homem estrangeiro, coisa estrangeira de espécie alguma. Fazia, às vezes, exceção à literatura francesa, de que citava autores ou frases célebres, mas sem maior entusiasmo nem simpatia manifesta. Servia-se de nomes ou conceitos, porque vinham a propósito e correspondiam à sua maneira de ver ou sentir — e nada mais. O seu amor ao Brasil era extremamente exclusivista. E inspirava-lhe sarcasmos que hoje ninguém se lembraria de empregar, como quando, referindo-se à importância assumida pelo elemento estrangeiro, falava da "colônia brasileira" do Rio, São Paulo ou Pará. Outros temas, porém, o apaixonavam, levando-o à liça do jornal. Batia-se na política, nas letras, nas artes, na religião, nos costumes. E de repente envolvia tudo numa gargalhada violenta.

Um livro que, além de nos impressionar pelas qualidades literárias, nos fez sorrir bastante e nos despertou não poucas saudades.

Recebemos:

Anuário estatístico do Brasil, volume de amplo formato e de quinhentas páginas, primorosamente executado e referente ao ano VI, 1941 — 1945. Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. — Rio de Janeiro, 1946.

Revista Brasileira de Estatística, n. 24, ano VI, outubro a dezembro de 1945. — Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro, 1946.

Projeto de lei sobre direito autoral, apresentado à Câmara dos Deputados pela Diretoria da Associação Brasileira de Escritores. Secção do Rio de Janeiro, em Novembro de 1946.

História

isso sentia-m
não mais ass
assaltado po
Nada de far
bilante desta
Que está
meier. "Bu-
"Bu! Basta
do club?"
var que pou
caretas, dei
canto do set
"E" membro
vando-o de
lado para q
pezinha-lo.
pontamento.
tente interr
não sou me
fantasma. —
o autoriza
do clube. I
suma, que
com mão tã
com receio
efeito de m
unicamente
te dele co
procura aq
rair os br
seu "bi-hu
trangido e
um manceb
"Estou faz
do", balbu
tin isso?"
— "Eu sou
desculpa.
não tem o
outro mur
casa é um
costumam
consigo au
maneira c
anda por
que algun
rar-lhe na
cair doent
ca pensou
nueca pe
ter pensa
não é ver
sinado aq
ta casa a
— "Nenh
nha que,
de guarri
titui uma
para ele
está enga
em tom
mão no b
fósforos,
tel-o nov
tiresse m
o galo e
mente."
embaraça
principio
diatamer
enganass
que... a
não pos
"Não, m
cousa. A
desde a
se escor
nos qu
Nueca
tro mu
arranjar
várias
qualque
posso s
era ant
dem co
como
por con
servar
lado
eu ass
eném
o meu
pois, a
tei pe

GAE
Mó

GABRIEL RANGFL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Loja



JOCKEY CLUB MUNDANO

Mais uma brilhante tarde turfística ofereceu o Jockey Club Brasileiro aos frequentadores do Hipódromo da Gávea, no último domingo. Para maior brilhantismo dessa elegante reunião concorreram as belas "toilettes" exibidas pelas graciosas "turfwomen" cariocas que emprestaram ao "meeting" o aspecto de uma grande parada de beleza. Estampamos nesta página alguns flagrantes colhidos durante os intervalos das carreiras. As duas fotos que estampamos abaixo, foram feitas por ocasião das homenagens prestadas pelo Jockey Club ao General Alphonse Pierre Juin, Chefe do Estado Maior da Defesa Nacional da França, durante a estadia do grande militar francês nesta capital.



Peça-nos
CAT
tendo
por LUTZ
mesmo
se o

LUTZ
de con
garant
cia na
tomen
col
Adqui

PEÇ

LUTZ
RUA OUT

História

nestidade
de fácil
transparen
sa senão

— Hein
do-se brús

Que ?

— A tr
a dizer a
a conexão

— Nem
ton com

é assim,

Não cre
espessura

idadeira.

morrido.

raneo, ce

causa de

mento e

da existê

professor

— Pot

— E'

quanto

va. Ele

designio

mesmas

mente

li, de to

afinida

sia, my

compre

me. Ja

dadeiro

un bo

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



Peco-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência com a
se o fosse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experien-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com o receita do oculista.

Adquirir seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A

LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR 58 - RIO DE JANEIRO

História do Fantasma...

(Continuação da pág. 51)

nequidade acentuada, e isto se compreen-
de facilmente; como, porém, ele era
transparente, não podia fazer outra cou-
sa senão dizer a verdade.

— Hein? — exclamou Wish, apruman-
do-se bruscamente na sua poltrona.

Que? — perguntou Clayton.

— A transparência... que o obrigava
a dizer a verdade... Não vejo muito bem
a conexão.

— Nem eu tampouco, — replicou Clay-
ton com uma firmeza impagável, — mas
é assim, posso asseverá-lo.

Não creio que ele se tivesse afastado a
espessura de uma unha da verdade ver-
dadeira. Contou-me o modo como tinha
morrido... Havia descido a um subter-
râneo, com uma vela, para procurar a
causa de um escapamento de gás. No mo-
mento em que se viu desse modo livre
da existência, era, segundo me informou,
professor em uma instituição de Londres.

— Pobre diabo, — disse eu.

— E' o que eu também pensava, e
quanto mais ele falava mais eu o pensa-
va. Ele passara pela vida sem ter um
designio, e fora da vida achava-se nas
mesmas condições. Falou acrimoniosa-
mente do pai e da mãe, do mestre-esco-
la, de todos quantos tinham tido qualquer
afinidade com ele. Sensível, em dema-
sia, muito nervoso, nunca ninguém o
compreendera, nem apreciara, afirmou-
me. Jamais tinha tido no mundo um ver-
dadeiro amigo; tampouco obtivera nunca
um bom êxito nos seus empreendimen-
tos durante a vida; tinha-se absterido dos
jogos e passa-tempos, bem como fora
reprovado em vários exames. "Ha pes-
soas que são assim, explicava-me ele, to-
das as vezes que eu entrava na sala dos
exames, perdia a cabeça". Como é mui-
to natural, ele era noivo (de uma jovem,
excessivamente sensível, do mesmo modo
que ele), quando o funesto escapamento
de gás veio pôr termo aos seus amores.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
À VENDA EM TODA PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

"E onde está agora? perguntel. Não no
inferno?" Ele não se manifestou assás
claro sobre esse ponto, mas tive a im-
pressão, pelo que disse, de que ele se
achava colocado em uma espécie de esta-
do indeciso, intermediário, reservado às
almas demasiado neutras e incapazes de
uma escolha definitiva entre o vício e a
virtude. Todavia, de nada disso tenho a
certeza. Ele era sofrivelmente egoísta e
indiferente para me fornecer uma idéia
nitida da espécie de lugar, da espécie
de país que se acha no além. Em todo
caso, segundo me parece, ele estava liga-
do a um bando de espíritos do seu gêne-
ro: fantasmas de jovens cidadãos me-
diocres, todos munidos dos mesmos no-
mes de batismo. Eles deviam falar fre-
quentemente entre si de "fazer de alma
do outro mundo" e de outros exercícios
semelhantes. Sim... "fazer de alma do
outro mundo". Afigurava-se-lhes que isso
devia proporcionar inúmeras aventuras
divertidas, e, não obstante todos eles ti-
nham cisma com aquilo e não ousavam
arrisar-se. Foi a força de instigações e
de desafios que o meu indivíduo teve o
topete de tentar a experiência.

— Não é possível! — disse Wish con-
tinuando a olhar fixamente para as cha-
mas.

— Seja como for, são essas as impres-
sões que eu tive, — continuou modesta-
mente Clayton. — Sem dúvida é muito
provável que eu estivesse em uma dispo-
sição pouco favorável ao justo critério,
mas foi sobre esse fundo que ele se de-
senhou. Não cessou um momento de es-
voaçar e de falar com o seu filete de
voz... Falava, falava da sua lastimável
pessoa, sem nunca proporcionar uma pa-
lavra precisa, sem nunca expor um fato
nítido, compreensível. Parecia mais mes-
quinho, mais insípido, mais idiota do que
se fosse um ente real e se estivesse vivo.
Sómente, como sabem, se ele estivesse
vivo, eu não o teria tolerado dentro do
meu quarto, te-lo-ia expulso a ponta-pés.

— Está visto que sim, — comentou
Evans, — há pobres mortais que são
assim.

— E é muito possível que eles tenham
fantasmas, como os outros, — observei
eu.

— O que lhe emprestava uma espécie
de interesse é que, a cada momento, ele
parecia prestes a sobrepujar a dificulda-
de. A desastrosa aventura em que se via
envolvido tinha-o deprimido terrivelmen-
te. Tinham-lhe dito que seria uma ver-
dadeira partida de prazer; foi nessa es-
perança que ele veio; eis senão quando

viu que só tinha um novo dissabor a
juntar à sua lista. De resto, tinha a con-
vicção de que era um inepto em toda a
extensão da palavra. Asseverou-me, e
não tive a menor dificuldade em acre-
ditá-lo, que de tudo o que tentara levar
a efeito na sua existência, nunca logrou
obter senão uma perfeita barafunda, e
que assim continuaria durante toda a
eternidade. Contudo, se tivesse encontra-
do alguma simpatia, talvez... E calou-se
no meio desta idéia, e olhou para mim.
Depois, por mais estranho que isto possa
parecer, declarou-me que ninguém, sim,
ninguém — lhe havia jamais concedido
a soma de simpatia que eu lhe concedia
agora. Advinhei logo onde ele queria
chegar e decidi-me a encaminhá-lo e a
desembaraçar-me dele sem detença. E'
possível que eu seja um bruto, mas, com-
preende-se, ser o "único amigo verda-
deiro", o receptáculo das confidências de
um desses mesquinhos egoístas, era mais
do que o que eu podia fisicamente supor-
tar. Levantei-me de improviso. "Não
carregue muito sobre esta situação, dis-
se-lhe. O que lhe compete é sair dela e
com presteza. Tome coragem e experi-
mente. — Não posso! gemeu ele. — Ex-
perimente" ordenel.

E ele experimentou.

Presentes
inesquecíveis!

Casa MASSON
A CASA DOS BONS RELOGIOS

OUVIDOR, 91
RIO

TELS. 43-2112 — 23 4056

ROUGE LÍQUIDO
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
RAINHA DA HUNGRIA

E experimentou? — exclamou Sanderson. — Como?

— Por meio de passes, — respondeu Clayton.

— Sim, de séries complicadas de gestos e de passes com as mãos. Foi daquele modo que ele tinha vindo, e daquele modo tinha de se ir embora. Meu Deus! que trabalho tive eu?

— Mas, como podia uma série de passes?... principiêi eu.

— Meu caro amigo, — interrompeu Clayton, voltando-se para mim e pronunciando com ênfase certas palavras, — o senhor tem a mania de querer que "tudo" seja "claro". Não sei "mais" do que o que digo. O que é "certo" é que ele "fez" esses passes. Depois de intermináveis experiências, ele conseguiu fazer a coisa como devia ser feita, e desapareceu.

— Observou atentamente aqueles famosos passes? — Perguntou Sanderson pausadamente.

Observei, — respondeu Clayton que refletiu um momento. — Era extraordinariamente bizarro. Estávamos ali, eu e aquele fantasma indeciso, dentro do quarto silencioso, no meio daquele prédio silencioso e vazio, na pequena cidade adormecida e silenciosa. Nem um som, além das nossas vozes, a não ser o fraco murmúrio que ele fazia gesticulando. A vela, que eu tinha trazido, e uma outra que acendera depois, achavam-se ambas em cima do lavatório. Era tudo o que tínhamos, no tocante a luzes; às vezes, uma ou outra despedia durante alguns segundos uma longa chama, delgada e como que assustada. E desenrolou-se esta cena comovedora: "Eu não posso! gemia ele. Eu nunca..." E, inopinadamente, deixou-se cair em uma pequena cadeira de braços ao pé do leito e principiô a soluçar, a soluçar. Meu Deus! Que choramias insuportáveis!... "Vamos, tome ânimo e tenha coragem!" disse eu fazendo o gesto de bater-lhe de leve no ombro, mas... eis que a minha mão passou

através dele. Nesse momento, compreendemos, eu não me achava tão carregado dos vapores do "whisky" como na ocasião em que cheguei ao alto da escada. Encarei desassombradamente o estranho do caso. Lembra-me um pequeno tremor involuntário, e dirigi-me para a mesa do tocador. "Vamos, tenha coragem e experimente". E, no intuito de o estimular e de o auxiliar, principiêi também a experimentar.

— O que! — exclamou Sanderson. — Os passes?

— Sim, os passes.

— Mas... — interrompi eu, acudindo-me ao espírito uma idéia que logo se dissipou.

Acho isto bem interessante, — declarava Sanderson, metendo um dedo dentro do cachimbo. — Pretende então fazer crer que o seu fantasma lhe revelou...

— Que ele fez o que pôde para me revelar o modo de transpôr a barreira "sim"!

— Impossível! — protestou Wish. — Ele não podia. Ou então o senhor teria ido com ele.

E' esta, precisamente, a objeção que

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

eu queria fazer! — acrescentei, achando assim depressa a idéia que me havia fugido.

— E' isto exatamente — confirmou Clayton, com os olhos pensativamente fixos no fogo.

Durante um instante, ninguém pronunciou palavra.

— E, finalmente, ele conseguiu o que queria. Foi preciso que eu fizesse os maiores esforços para impedi-lo de desanimar, mas, por fim, ele conseguiu... assás súbitamente. Um momento ele desanimou e repreendi-o; depois, levantou-se bruscamente e suplicou-me que executasse a mimica de fio a pavio, lentamente, para que ele a visse bem. "Creio, explicou ele, que se o vir fazer, imediatamente saberei o que não está direito". E assim foi. "Já sei, disse ele. — Que é? Onde está o senhor? perguntei. — Estou aqui", tornou ele. Então, com uma expressão desagradável: "Não poderei conseguir, enquanto olhar para mim, não o conseguirei absolutamente. Foi isto o que me tolheu, em parte, desde o princípio. Sou tão nervoso que o senhor me intimida". Para encurtar, tivemos uma pequena discussão. Como é natural, eu queria vê-lo agir; mas ele era teimoso como um asno; e, de repente, como me sentisse fatigado, — ele puzera-me exausto, — cedi: "Pois bem, disse eu, não olharei mais". E voltei-me para o espelho, que se achava por cima do tocador,

O Vigor e a Perfeição do Corpo Humano

COMBATA A CAUSA DE SUA MAGREZA E TRANSFORME-A EM VIGOR

Si V. está magro e debilitado e se sente nervoso, sem disposição para nada, lembre-se que tudo isso tem uma causa... que pode ser a falta de iodo nas glândulas.

VIKELP, o novo concentrado de minerais iodo-vitâmico, ataca diretamente as causas da magreza e do esgotamento, aumentando o peso em pouquíssimo tempo.

As grandes reservas de minerais facilmente assimiláveis de VIKELP, nutrem as glândulas produtoras de suco gástrico necessário para digerir as gorduras e amidos dos alimentos — fator básico do peso na alimentação. Por outro lado, o Iodo Natural contido em VIKELP nutre as glândulas internas que controlam o metabolismo, bem como as regula. Assim os alimentos bem digeridos se convertem em músculos e carnes rijas, em novas forças e energias.

Além disso, VIKELP contém a dose diária que o organismo necessita de ferro, cobre, fosfato de cálcio, bem como de vitamina B-1, a mais importante das vitaminas.

Experimente VIKELP durante uma semana e verifique a diferença em seu peso e em seu físico em geral. Veja como se sentirá outra.

VIKELP é acessível a todos e acha-se à venda nas boas farmácias e drogarias.



Comprimidos

VIKELP

PARA DEFENDER
SUA SAÚDE
exija um
refrigerador:



Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(203, Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322

perto do leito. Ele principiou a fazer gestos com a maior presteza, e eu seguia-o muito atentamente pelo espelho, para apanhar o gesto que ele não tinha podido achar. Ele fazia girar os braços e as mãos e agitava-os assim dessa maneira, para diante e para trás; em seguida, precipitando a série dos seus gestos ele chegou ao último de todos...

Fica-se de pé com os braços estendidos... E eu vi-o ali de pé, nessa atitude... Depois, crac, ele não estava mais ali... Não, não estava mais ali. Voltei-me. Nada mais. Achava-me só, com o espírito transtornado, em frente das velas vacilantes. Que se tinha passado? Teria eu mesmo passado alguma coisa? Teria eu sonhado. Então, soltando no silêncio uma nota absurda de realidade, a pêndula do alto da escada percebeu que o momento era propício para dar uma hora. Simplesmente... Ping!... E eu conservava-me grave e sobrio como um juiz, pois, da garrafa de champagne e do "whisky", não restava mais nem vestígio. Sentia-me... não sei como! Causa extraordinária!

Examinou um instante a cinza do cigarro.

— Foi isto exatamente o que se passou, — concluiu ele.

— Depois disso, o senhor deitou-se? — perguntou Evans.

— Não havia nada melhor a fazer.

O meu olhar encontrou o de Wish. Tinhamos vontade de caçar, e, contudo, percebíamos na voz e na atitude de Clayton qualquer coisa que nos retinha.

— E os passes? — inquiriu Sanderson.

— Creio que os poderia reproduzir agora.

— Oh! exclamou Sanderson, puxando de um canivete e raspando o interior do cachimbo. — Porque não os reproduz então imediatamente? — insinuou ele tornando a fechar o canivete.

— Consinto nisso e vou principiar, — respondeu Clayton.

— Isso não dará resultado, — asseverou Evans.

— E se der? — disse eu.

— Quer saber? — aconselhou Wish, estendendo as pernas, — acha preferível não arriscar.

— Porque? — perguntou Evans.

— E' preferível desistir disso, afirmou Wish.

— Mas ele não guardou na memória a ordem dos passes, — observou Sanderson, esforçando-se por meter uma excessiva quantidade de fumo dentro do cachimbo.

— Ainda assim, seria preferível desistir, — repetiu Wish.

Nós discutimos com aquele teimoso, que preferia que reproduzir os passes seria chamar o ridículo sobre uma coisa séria.

— Mas o senhor não crê... — retorquiu eu.

Wish deitou um olhar para Clayton que contemplava o fogo, parecendo tomar uma deliberação.

— Creio sim, — disse ele, mais da metade, pelo menos.

— Clayton, — continuei, — o senhor é muito bom mentiroso para nós. Toda a sua história é excelente." E dá um aspecto verdadeiramente convincente... à desapareição final. Diga uma coisa, este conto é pura invenção?

Ele ergueu-se sem dar atenção ao que eu dizia, e instalou-se defronte de mim, no meio do tapete. Esteve um momento a considerar as biqueiras das botinas, fixou o olhar na parede oposta, com uma expressão atenta, depois levantou lentamente ambas as mãos até a altura dos olhos e principiou...

Ora, Sanderson é maçom, membro da loja dos Quatro-Reis, que se consagra com tanta competência ao estudo e à elucidação de todos os mistérios da Maçonaria passada e presente, e, entre os pesquisadores eruditos dessa loja, não é ele de modo algum o mais insignificante. Assim, pois, seguia os movimentos de Clayton com uma curiosidade singular, que se lia nos seus olhos de reflexos rubros.

— A coisa não vai mal, — concordou ele, quando o outro acabou. — O senhor

substitui os seus movimentos o segredo, mas falta um pequeno detalhe.

— Sei isso, — respondeu Clayton, — e

— E então? (Continua na pág. 57)



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍSSIMA:

Pega-se no mesmo sentido todos os fios de cabelo e aplica-se a Tintura Fleury com o pincel fornecido, que distribui a cor.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48, São Paulo

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre azul dos perfumes!

- Água de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



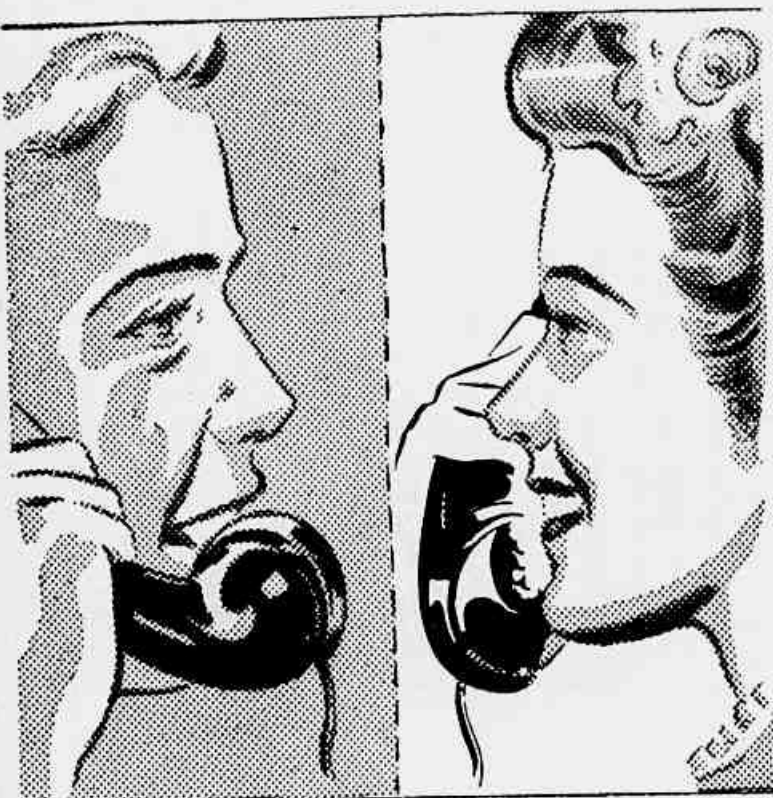
Encanto e
frescor
primaveril

Ginosedol



O "REMÉDIO
DAS SENHORAS"

Como se o interlocutor **ESTIVESSE PRESENTE!**



12 Estados e inúmeras
cidades brasileiras
estão ligados pelo

SERVIÇO TELEFONICO INTERIOR

O "Serviço Internacional" não co-
nhece distâncias. Utilize-o também
nos seus telefonemas internacionais.

Tarifas reduzidas noturnas e aos
Domingos para os EE. UU. e Canadá.



Pelo convênio de Tráfego Mútuo que mante-
mos com a COMPANHIA TELEPHONICA
BRASILEIRA, no Distrito Federal, São Paulo,
Estado do Rio e Minas Gerais, COMPA-
NHIA TELEFÔNICA PARANAENSE no
Estado do Paraná e COMPANHIA TELE-
FÔNICA RIOGRANDENSE no Estado do
Rio Grande do Sul, é dado aos senhores
assinantes desses Estados o conforto de
poderem falar de seus próprios telefones.

RADIOGRAMAS PARA  TODO O MUNDO

Consulte a

Cia Radio Internacional do Brasil

Av. Almirante Barroso, 91-esq. de Graça Aranha
Telefone 22-5191

SÃO PAULO - PORTO ALEGRE - CURITIBA - VITÓRIA -
SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - BELÉM - MANAUS



Livros e Brinquedos e Albums e Bertames Educativos

Em todas as boas casas do ramo, acham-se à venda

Edições Melhoramentos

NOS BASTIDORES FEMININOS

(Continuação da página 35)

Neste setor, naturalmente para "provocar" as elegantes estão sendo apresentados modelos de véras sensacionais, notando-se o domínio da "capeline", do "canotier", das grandes flores, etc.

Voltando aos vestidos, é grande ainda a influência dos drapeados que realçam as formas do corpo. Os grandes decotes acentuam-se mais e mais... Os franzidos, as pregas soltas, os "godets" compõem a maioria das saias... Os bordados em cores vivas estão também vivendo o seu grande momento.

Enfim Paris já preparou um verão "chic", alegre, diferente... Um verão que fará com que as mulheres apareçam ainda mais elegantes, agradáveis e atraentes.

K I T T Y

Os convidados do maestro Siqueira

(Continuação da pág. 19)

músicos dos instrumentos, da OSB do maestro Siqueira, das instalações do cinema Rex, da rua Alvaro Alvim. E, se de mais ninguém se queixava, e se de mais algumas coisas não se queixava era porque, do Rio de Janeiro, ele nada mais conhecia.

— Espere aí, que você vai ver! disse um músico.

E começou a sabotagem. O concerto de estréia de Ormandy compreendia em seu programa ultra eclético uma valsa de Strauss. Quem lá esteve, sabe bem o que se passou. Nunca a Orquestra Sinfônica Brasileira tocou tão mal. A calvície do regente brihava à luz dos refletores. Seus gestos foram se tornando nervosos, sacudidos, depois frenéticos. Dentro em pouco ele não estava mais regendo. Estava abanando os braços furiosamente, na impossibilidade de dar expansão em público aos desencontrados sentimentos de ira e arrependimento — raiva dos músicos e arrependimento de ter empreendido essa aventura sul-americana.

STEINBERG, BOM MOÇO

Não há nada que os músicos não perdoem a um maestro de talento. Mas se ele fica nas sombras discretas da mediocridade, é preciso que ande "muito na linha".

William Steinberg, por exemplo, não apareceu aqui como um gênio da batuta. Muito pelo contrário, chegou sem alardes desincumbiu-se de sua missão, e partiu, tão tranquilamente como surgira. Entretanto, sua atuação se recomendou pela especial justeza de suas interpretações, servida por uma cultura sólida, uma sensibilidade artística que, a despeito de suas limitações, tem seu valor. Amável no trato com os músicos, não ouviu incriminações nem deixou ressentimentos.

Charles Munch inequivocamente o ponto mais alto da temporada, soube aliar ao seu superior discernimento uma habilidade extraordinária em suas relações com a orquestra. Deixou muitos amigos e inúmeros admiradores.

A IMPORTANCIA DE SER MAESTRO...

É dura a vida de um maestro. Nem sempre basta ter talento, ou cultura, ou um ouvido apurado. O maestro

tem que ser, antes de tudo, um diplomata. Da maneira de tratar os músicos depende, em grande parte, a cooperação que lhe dará a orquestra, e um maestro que rege uma orquestra hostil está perdido...

Quando Bruno Walter foi à América para reger, se não me engano, a Filarmônica de Filadélfia encontrou um violoncelista que era a cor de cabeça de quantos tinham que tomar a batuta e fazer com que consentisse em seguir o maestro e o conjunto. Alfred Wallenstein, eis o nome do músico com quem é tão difícil lidar. Certa vez, Walter, desesperado, virou-se para ele e perguntou, de sopetão:

— Qual é sua maior ambição, sr. Wallenstein?

— Bem... eu queria chegar a maestro.

— Hum... Pois, como sou seu amigo, não lhe desejo um violoncelista tão teimoso quanto o senhor...

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

NESTE MÊS VAI SOFRER OUTRA VEZ?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males, sim, porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

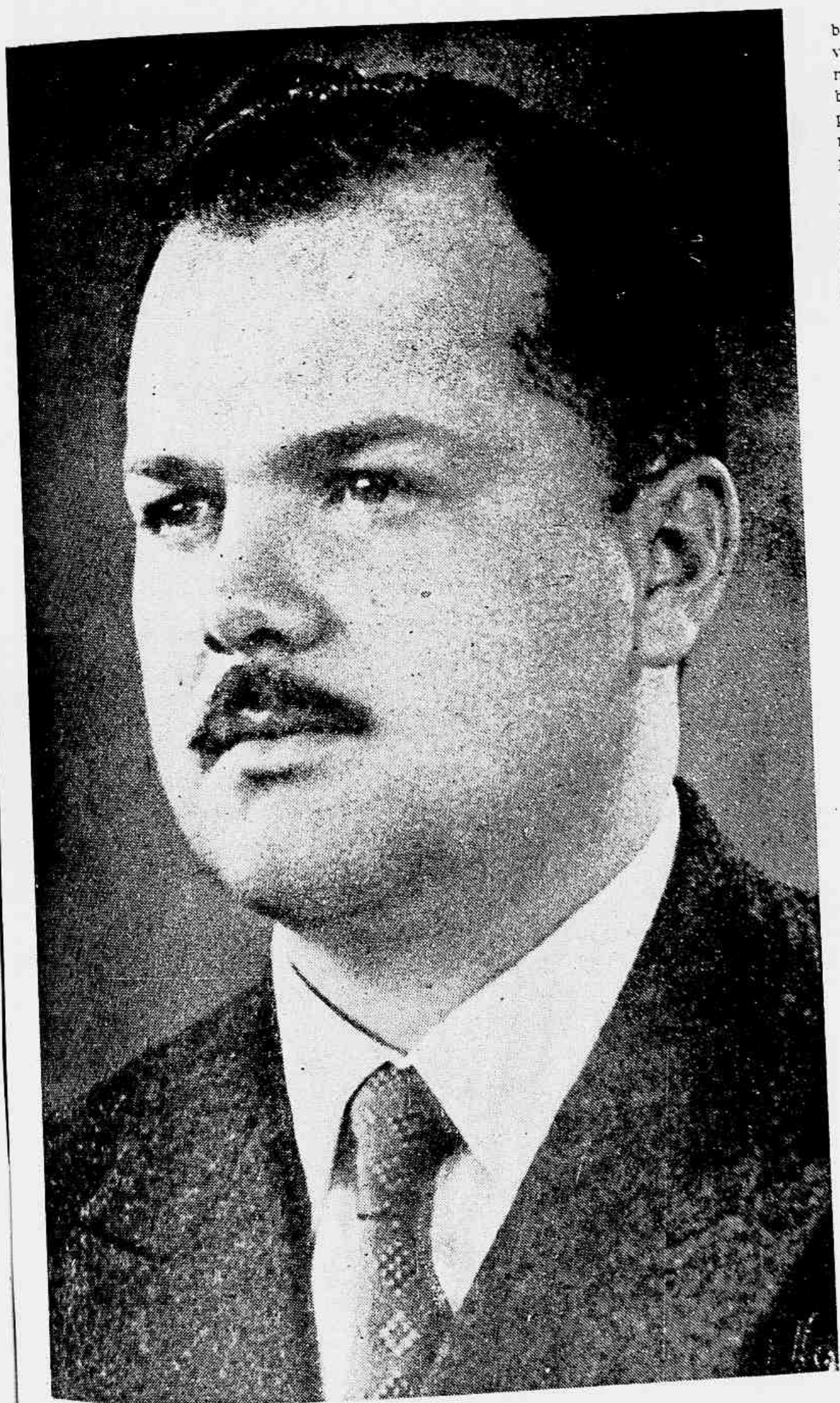
História do Fantasma...

(Continuação da pág. 56)

— E' este, — replicou em tom breve Clayton retorcendo e atirando as mãos para a frente, com um movimento estranho.

— Sim.
— Aquele é que "ele" havia esquecido.
— explicou Clayton. — Mas como é que o "senhor?"...
— Não compreendo nada da maior parte desta história, e especialmente do modo como o senhor a inventou, — declarou Sanderson, — mas esta série de gestos, essa conheço-a eu. (Ele refletiu um ins-

EDUARDO BARTLETT JAMES



ENTRE os elementos de destaque da política carioca, que a União Democrática Nacional, seção do Distrito Federal, apresentou ao sufrágio do eleitorado da Capital candidatos que apresenta, pelo seu passado de lutas, pela tradição de sua família Federal, a figura de Eduardo Bartlett James, que é, incontestavelmente, um dos e pelas suas qualidades de espírito, maiores probabilidades de vitória.
Preso político aos dezesseis anos de idade, durante o movimento revolucionário de 1930, e aos 18 anos, por ocasião da Revolução Constitucionalista, de São Paulo, trabalhou intensamente ao lado de seu saudoso pai, o ex-deputado federal Bartlett James, de Adolfo Bergamini, Maurício de Lacerda e outros vultos de destaque da política carioca, em memoráveis campanhas cívicas. Sua vida tem sido de contínua ação em todos os setores onde tem empregado sua atividade — ensino, administração, literatura e política.
Entre os muitos títulos que credenciam o ilustre e jovem candidato à Câmara dos Vereadores, é de re assaltar-se os de membro do Instituto Brasileiro de Cultura, do Diretório Central da Liga da Defesa Nacional, da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, de ex-presidente do Centro dos Inspectores Federais do Ensino Secundário, de ex-diretor da Sociedade dos Amigos do Dr. Pedro Ernesto, de fundador da Bolsa Machado de Assis (matriculas gratuitas para estudantes pobres, no curso secundário).
A escolha desse brilhante candidato, para a Câmara dos Vereadores, representa o aproveitamento de um dos nossos valores novos, nos quais o povo pode confiar a defesa de seus direitos e os interesses do Distrito Federal.

santes? E' essa, — continuou, — uma série de gestos, que derivam de um certo ramo da Maçonaria esotérica. Provavelmente o senhor sabe-os, ou então (Meditou novamente) Creio que não há mal em que eu lhe revele o gesto exato. Afinal de contas, se já o conhece, está bem, se não, tanto pior.

— Eu não sei senão o que o pobre diabo me permitiu observar aquela noite, — corrigiu Clayton.

— Vamos a isso, seja como for, — opinou Sanderson colocando com todo o cuidado o cachimbo em cima da chaminé.

Depois muito rapidamente, principiou a gesticular.

— Assim, não é? — perguntou Clayton imitando-o.

— E' isso mesmo, efetivamente, — aprovou Sanderson voltando a pegar no cachimbo.

— Ah! posso fazer agora toda a série, na devida ordem, — disse Clayton.

De pé, diante do fogo quase a extinguir-se, ele nos sorriu, mas pareceu-me surpreender uma espécie de hesitação no seu sorriso.

— Se eu principiar... — balbuciou ele.

— No seu lugar eu não principiaria, — interrompeu Wish.

— Ora esta! que perigo há nisso? — bradou Evans. — A matéria é indestrutível. Pensa que semelhantes pataratas vão mandar Clayton para o mundo das sombras? Experimente, Clayton! Da minha parte, não vejo objeção a isso; experimente até que os seus braços se desprendam.

— Eu não sou absolutamente dessa opinião, — protestou Wish, que se levantou e pôs a mão sobre o ombro de Clayton. O senhor fez-me dar crédito à metade desta história e eu faço questão de não o ver executar essa habilidade.

— Ora esta! Então! Ai temos o crédulo Wish todo apavorado, — disse eu em ar de chacota.

— Sim, tenho medo! — acudiu Wish, com uma gravidade real ou admiravelmente simulada. — Estou crente de que, se ele vai até ao fim desta mimica, acaba por desaparecer.

— Qual! há de desaparecer tanto como qualquer de nós outros! — exclamei. — Não há para os homens senão um único modo de desaparecer deste mundo, e Clayton tem ainda que viver trinta anos antes disso. Demais a mais... Que fantasma ele daria! Pensa então que...

Interrompeu-me um brusco movimento de Wish. Principiou a andar entre as cadeiras, depois, parando de súbito diante da mesa.

— Clayton, o senhor é um imbecil!

Clayton, tendo nos olhos uma expressão jovial, respondeu-lhe com um sorriso:

— Wish tem razão, — disse ele, — e os senhores não a têm. Irei até o fim destes passes, e, quando o meu último gesto sibilar no ar... presto! este tapete ficará vazio, toda a sala aqui representará o quadro do mais perfeito pasmo, e um senhor de noventa e cinco quilos, respectivamente vestido, irá cair pesadamente no mundo das sombras. Disto estou eu certo e o senhor também o ficará por sua vez. Recuso-me a discutir mais tempo. Faça-se a experiência.

— Não! — gritou Wish, dando um passo para a frente.

— Clayton levantou de novo os braços para repetir os passes do fantasma.

Nesse momento, compreendem, estávamos todos em uma grande tensão de espírito, um tanto perturbados pela atitude de Wish. Tínhamos os olhos fixos em Clayton, — eu pelo menos, com uma espécie de rigidez comprimida, como se, desde a nuca até aos rins, o meu corpo tivesse sido mudado em uma barra de aço. Todavia, com serena e imperturbável gravidade, Clayton inclinava-se, baloiçava-se, agitava as mãos e os braços diante de nós. Quando ele se aproximou do fim, senti um calafrio. O último gesto, — disse-o já? — consistia em estender os braços e atirar a cabeça para trás. Quando enfim ele chegou a esse último gesto, nem mesmo ousei respirar: apreensão ridícula, de certo, mas todos conhecem a impressão que produzem essas histórias de almas do outro mundo. Era depois do jantar, em uma velha casa, exquisita e escura. Conseguiria ele por acaso?...

Ficou assim por algum tempo, de braços abertos, cabeça para trás, resoluta e sorridente, à luz da lâmpada suspensa, durante um instante prodigiosamente lon-



Am
numero
para



côda
paladar





Cuidado com a PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se as suas gengivas estão sensíveis e amolecidas, se sangram com facilidade ao escovar os dentes — acatele-se! São sinais de alarma desta enfermidade — que encolhe as gengivas e afrouxa os dentes.

Comece logo a proteger as gengivas e os dentes contra a Piórria com o método experimentado Forhan. Escove os dentes de manhã e à noite (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piórria. Exames clínicos recentes provam que, no fim de apenas um mês de tratamento, 95 % dos casos ameaçados de Piórria apresentam notável melhora.

Vá ao seu dentista com frequência. Siga os conselhos dele. E para restaurar o brilho natural dos dentes... a firmeza e a saúde das gengivas... comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com **Forhan's**



DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

go. Nós ficamos imóveis e petrificados, durante aquele momento que se nos afigurou um século. Depois, exalou-se dos nossos peitos um ruído que era ao mesmo tempo um suspiro de infinito alívio e um "não" tranquilizador, pois visivelmente... ele não desaparecia. Tudo aquilo não passava de pataratas! Ele tinha-nos contado uma história extravagante, quase conseguindo convencer-nos, e mais nada. Entretanto, nesse minuto exato, o semblante de Clayton mudou. Mudou. Mudou como muda uma casa iluminada, cujas luzes se extinguem bruscamente. Seus olhos, tornaram-se fixos de repente, o sorriso gelou-se-lhe nos lábios e ele conservou-se em pé. Conservava-se em pé, baloiçando-se levemente...

Aquele momento também nos pareceu um século. Depois, compreendem, as cadeiras dançaram, caíram vários objetos e todos nós saltamos. Seus joelhos dobraram-se, ele caiu para diante e foi Evans que o segurou nos braços.

Não podíamos crer nos próprios olhos. Durante mais de um minuto, nenhum de nós soube articular uma palavra sensata. Era positivamente manifesto que ele estava... e no entanto nós não ousávamos admiti-lo. Eu saí da minha estupefação balbuciante para achar-me de joelhos junto dele. Tinham-lhe sido arrancados o colete e a camisa, e Sanderson procurava verificar com a mão se o coração batia ainda...

Este simples fato, imprevisto, empolgante, monstruoso, podia perfeitamente aguardar que nós estivessemos um pouco menos emocionados. Não tínhamos mais pressa de compreender. Durante uma hora, deixamos o seu cadáver estendido ali, e, desde esse dia, ele se conservou como uma sombra escura e terrificante, através da minha memória. Clayton tinha realmente passado para esse mundo que está tão perto e tão longe do nosso, e tinha para lá ido pelo caminho único que os mortais podem tomar. Mas que ele fosse para lá ido pelo caminho único que os mortais podem tomar. Mas que ele minado por uma apoplexia, no meio de uma farça que nos impingia, — como posteriores pesquisas no-lo deram a entender — é essa uma questão sobre que eu não me saberia pronunciar sem reserva. É esse um enigma entre outros que ficarão impenetráveis enquanto se não achar a solução final de todas as cousas.

O que sei com certeza, é que no mesmo momento, no mesmo segundo em que terminava os seus passes, ele mudou, cambaleou e caiu diante de nós — morto.

A MEDICINA FEOGRIDE A PASSOS DE GIGANTE

PITTSBURGO (SIPA) — O dr. Selman A. Waksman, professor de Microbiologia da Universidade de Rutgers, e descobridor da maravilhosa droga a estreptomicina, ao pronunciar um discurso na presença dum grupo de cientistas de mundial renome que, sob os auspícios da Westinghouse Electric Corporation, se reuniram nesta cidade para celebrar o centenário do nascimento de George Westinghouse, disse estar convencido de que já não vem longe o dia em que será possível ao homem dominar completamente doenças tais como o resfriado, a poliomielite e a tuberculose, graças ao alargamento indefinido dos conhecimentos médicos e ao advento de novos remédios.

Embora muitas doenças de importância, tais como a gripe,



PRIMEIRA COMUNHÃO — Lucília Chagas Machado Costa fez, no dia 15 de novembro próximo passado, a sua Primeira Comunhão, na capela do Colégio Carolina, durante a missa celebrada por Mons. Leovigildo Franca, chefe eclesiástico das Bandeirantes do Brasil. A tarde, Lucíinha ofereceu aos parentes e amiguinhos uma linda festa em sua residência.

o resfriado, a poliomielite, a febre reumática, a tuberculose, e a febre mediterrânea ou de Malta, se encontrem ainda no apogeu ou possam vir a atingi-lo em certas circunstâncias, como as que se oferecem em seguida a um longo período de nutrição deficiente ou de perturbações sociais resultantes da guerra, não vem longe o dia em que veremos esses flagelos sujeitos a meios práticos de combate".

A quimiatria cobrou notável impulso, primeiro com o descobrimento do salvarsan, depois com o das sulfamidas, e por último com a aplicação dos antibióticos; mas segundo o dr. Waksman, pode dizer-se que por enquanto estamos "apenas no começo duma grande etapa da história humana, que certamente provará ser da máxima utilidade na campanha contra as doenças causadas por micróbios". E continuou:

Os microbiologistas ficaram surpreendidos ao descobrir que a maioria das bactérias de diversas espécies, causadoras de doenças e epidemias entre o ho-

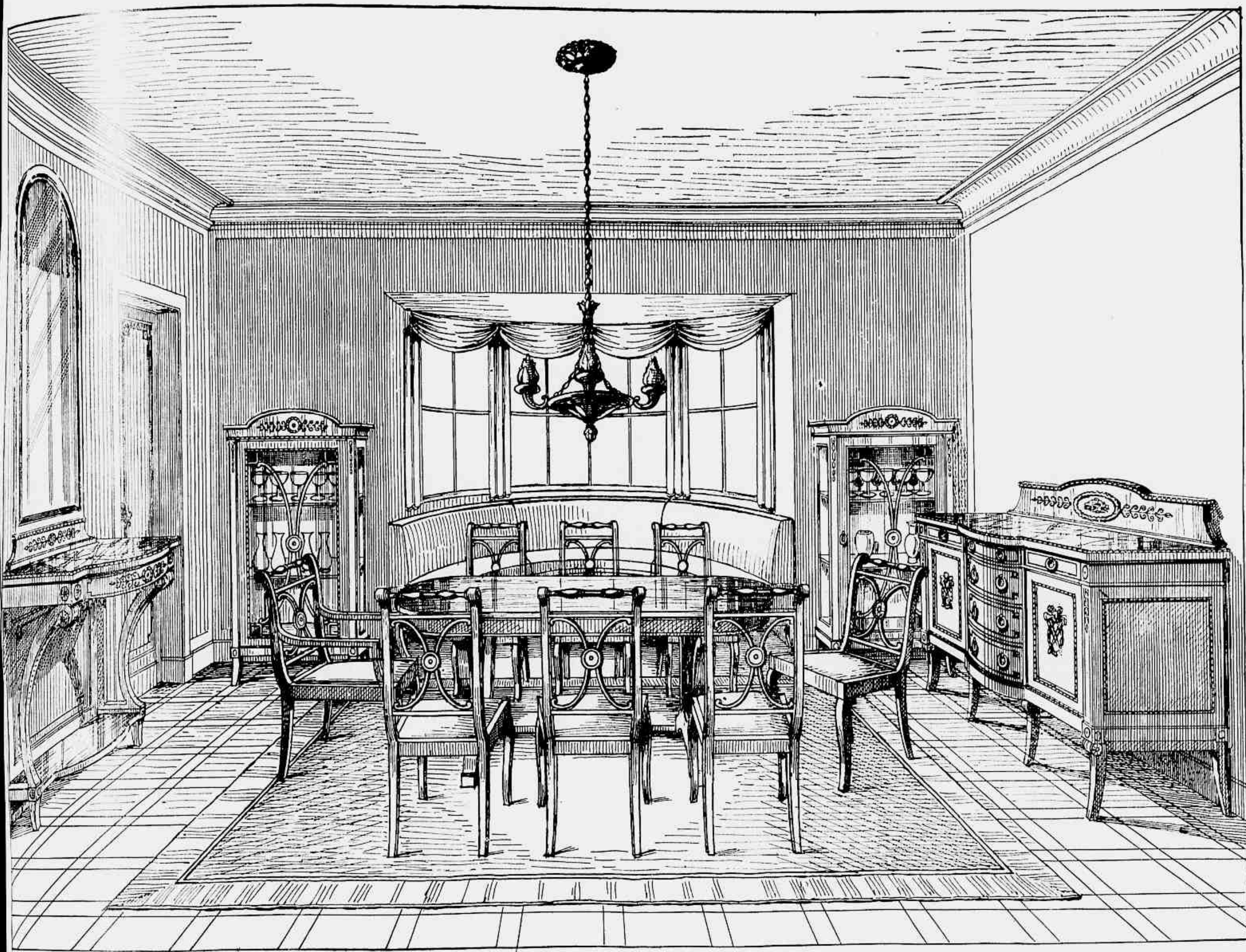
mem e os animais, são facilmente exterminadas não só por alguns micróbios saprofitos, não patogênicos. Por meio de trabalhos os mais escrupulosos, conseguiu-se isolar certo número de espécies de micróbios germicidas. Conseguiu-se também separar, nas culturas desses micróbios, certas substâncias químicas a que se deu o nome genérico de antibióticos, e que se demonstrou serem as armas de que se servem os referidos micróbios para exterminar os micróbios, bactérias e protozoários patogênicos.

Os antibióticos são dotados de certas características que os distinguem dos desinfetantes comuns. Não atuam contra todos os micro-organismos patogênicos, antes se revelam essencialmente específicos, pois extinguem em grande rapidez os micróbios determinados, e destroem os de outras espécies, e a outros, finalmente, não causam dano algum. E as substâncias que já têm a aplicação prática, bastará mencionar a tetraciclina, a penicilina e a estreptomicina. Outras se entrevêm já no horizonte. E por conseguinte, podemos esperar como seguimento que outras e mais importantes novidades hão de ocorrer nos próximos tempos.



DENTIFRÍCIOS
PANNAIN





SALA DE JANTAR EM ESTILO IMPÉRIO

Ornamentada com sobriedade, esta sala de jantar apresenta entretanto um aspecto luxuoso e elegante. Não há aqui essa prodigalidade de enfeites e objetos de arte que caracteriza em geral a residência dos novos ricos. A mesa é oval e tem os pés ligeiramente arqueados. As cadeiras que a cercam, têm o assento forrado a couro claro. Além do amplo "buffet", vemos ao fundo dois pequenos armários, que podem ser utilizados como cristaleira. Cortinas em seda clara e um maravilhoso lustre completam a decoração do ambiente.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

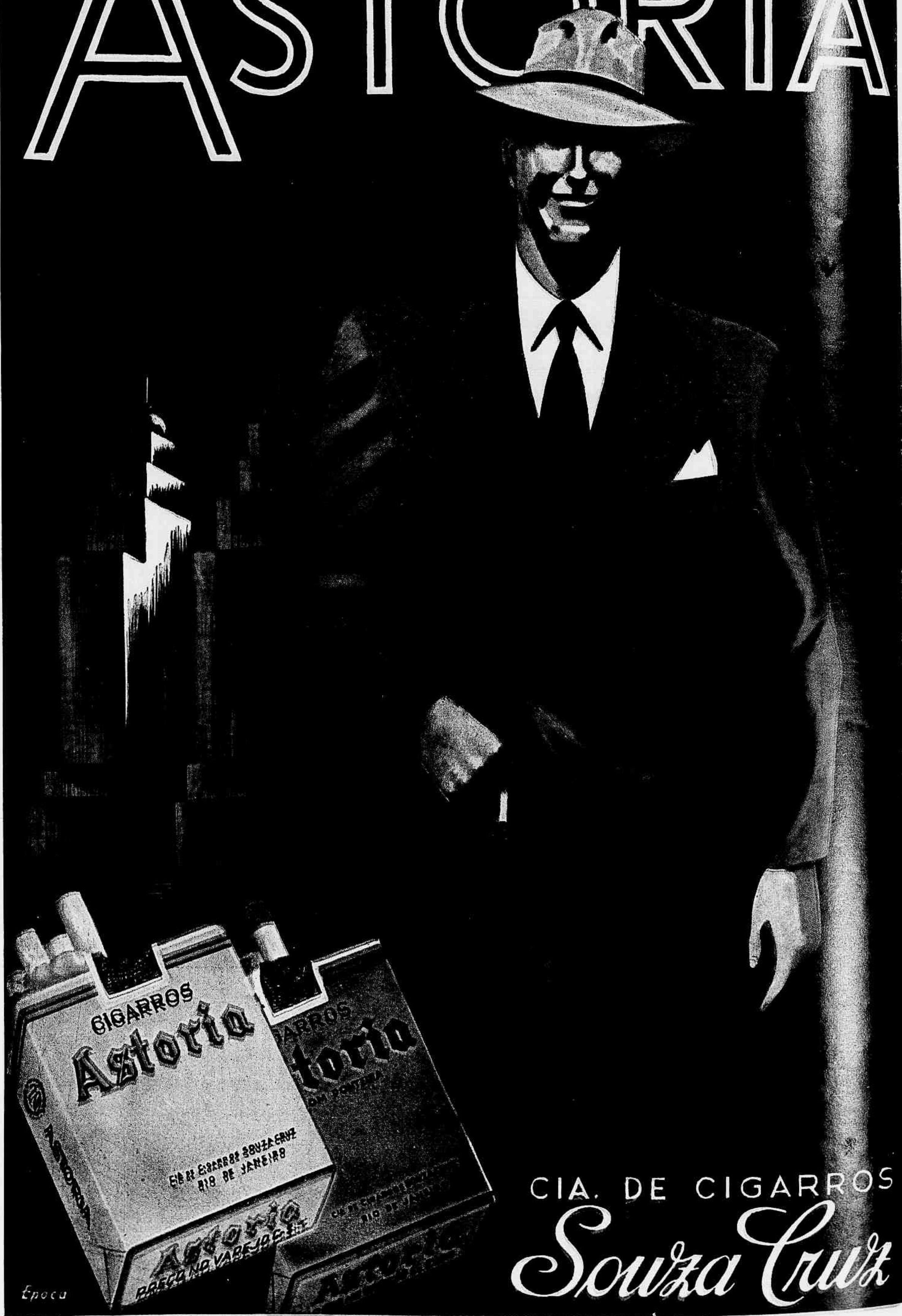
UNES
REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CIGARROS ASTORIA



Epoca

CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz